

FLAMA

N.º 1001 / ANO XXIV / 12 DE MAIO DE 1967 / 5.00



nesto número

PAULO VI: PEREGRINO DE FÁTIMA





Que há de diferente
na mulher do vestido
de **'TERYLENE'** ?

Ama o que é novo, belo, elegante!
Por isso, adora a variedade de
padrões e cores de 'Terylené!
Tão elegantes, frescos,
sempre novos, sempre prontos a vestir
— os seus vestidos, e blusas,
de 'Terylené!

A mulher do vestido de 'Terylene'
marca o rumo

AOS LEITORES

Com esta edição a «Flama» entra no seu 24.º ano de vida. E iniciamo-lo sob os auspícios de uma notícia histórica: a visita de Paulo VI ao Santuário de Fátima neste ano do seu Cinquentenário. Para todos os católicos portugueses nada de mais jubiloso podia acontecer ter, durante algumas horas, entre nós, o Vigário de Cristo.

A «Flama» desta semana dedica a Paulo VI a sua Primeira Página bem como uma reportagem no interior. No próximo número, publicaremos tudo sobre a visita do Santo Padre a Fátima pelo que chamamos, desde já, a atenção dos nossos leitores para a «Flama» da próxima semana.

Hoje, 23.º aniversário da «Flama», resta-nos saudar todos os nossos amigos leitores e anunciantes que, ao longo destes anos, nos têm acompanhado carinhosamente. A nossa ambição é a mesma de sempre: ser a Revista da família portuguesa. Uma Revista calma, equilibrada, essencialmente optimista, devota dos grandes ideais da Fé e da Pátria, respeitadora da Moral, inimiga de qualquer extremismo, mas ao mesmo tempo jovem e apaixonada, variada e interessante.

CARTAS AO DIRECTOR

O CONJUNTO «OS INFERNAIS» E A TELEVISÃO

«Sou uma das numericíssimas fãs» do Conjunto «Os Infernais» e venho por intermédio desta

minha carta protestar diante de V. Ex.ª toda a minha insatisfação para com os rapazes do Conjunto manifestada pela Radiotelevisão Portuguesa, pois o Conjunto tem numerosos desejos de actuar na Televisão e já por inúmeras vezes escreveram nesse sentido sem obterem qualquer resposta.

Se eles querem cumprir no âmbito musical nacional porque lhe fecham assim a porta.

Alguma coisa está mal e terá de ser remediar. Exijo-a eu e todas as outras «fãs» do excelente Conjunto. E para que todos fiquem sabendo melhor e principalmente todas as «fãs» que ainda não puderam ouvir-les, o Conjunto, na minha modesta opinião possui um sentido de harmonia e ritmo asombroso e o seu estilo lembra o Conjunto inglês «The Duinids». O baterista é um músico com um sentido de ritmo excepcional e com uma voz de coro estupenda, o violão-baixo com um ouvido terrível e sentindo e vibrando a música no sangue, o violão-ritmo, quanto a mim, excelente na viola-ritmica e por fim o violão solo e solista-vocal do Conjunto com um estilo inconfundível para os solos, excelente vocalista, lembrando o Adamo e também o compositor e autor das excelentes interpretações que o Conjunto possui, das quais saíento «Someday» e «The long days of last senness».

A todas as «fãs» que ainda não tiveram oportunidade de ouvir este maravilhoso Conjunto batam o pé para ou se a Rádio, Imprensa e Televisão abram o caminho, de forma que elas tanto justificam. — MANUELA DA SILVA FERNANDES

★

«Felicito vivamente a vossa digna e simpática revista pela recente reportagem «4 actores à procura dum êxito». É digno de elogio tudo o que se possa fazer para divulgar o oculto, heroico projecto dos quatro jovens e prestigiosos actores». — MARIA SILVA — PORTO

Muita atenção!

APROVEITE A GRANDE OPORTUNIDADE QUE LHE OFERECEMOS PARA GANHAR O SEU ASPIRADOR!



SIMPLES!

Basta assistir a uma demonstração de um dos nossos aparelhos (electrodomésticos) e ficará automaticamente habilitada a este aspirador.

Electrolux

NO VALOR DE 2.530\$00

APROVEITE JÁ A SUA OPORTUNIDADE!

Peça-nos uma demonstração marcando a hora e o dia que melhor lhe convier, e o Representante Electrolux irá onde quiser!

Recorte o CUPÃO, cole-o num postal preenchendo-o com letra legível, e envie-o para o REPRESENTANTE ELECTROLUX, Rua Pascoal de Melo n.º 7 — Lisboa, ou para uma das moradas que mais lhe convier.

Desejo assistir a uma demonstração de _____ no dia _____ de _____ horas	
Nome _____	
Morada _____	
Localidade _____	
Telefone _____	

RUA PASCOAL DE MELO, 7 — TELEFONE 55 61 15 — LISBOA
APARTADO 1368

RUA DE S. BRAZ, 555 — TELEFONE 49 15 56 — PORTO

FLAMA

Revista Semanal de Actualidades

DIRECTOR: ANTONIO DOS REIS

Ano XXIII / 1.001 / 12-5-967

EDITOR: ANTONIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHEFE DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA S. A. R. L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2 — 46174/5 — Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L. Fotografia Na-

PREÇARIO (pagamento adiantado): cional e na Neogravure, Limitada. Metrópole e Ilhas — Assinatura anual 220\$00 / Assinatura semestral 110\$00 / Assinatura trimestral 55\$00 / Exemplos avulso 5\$00 / Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual 250\$00 — Assinatura semestral 130\$00 — Exemplos avulso 7\$50 — Outros países — Assinatura anual 330\$00 / Exemplos avulso 9\$00 — POR VIA AÉREA acresce a respectiva sobretaxa, por cada exemplar: Metrópole, Ilhas e Espanha 1\$60 / Ultramar 12\$00 / Outros países de Europa 3\$20 / Restantes países 14\$00 / Mudança de endereço 1\$00

A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração geralmente é pedida pela Direcção.

EXCLUSIVO

KOMAROV: A VIDA É TÃO CURTA E INCERTA



AS CARTAS DO COSMONAUTA RUSSO QUE MORREU A BORDO DA CÁPSULA ESPACIAL «SOYUZ-1»

...cil, um homem não deve hesitar em ajudar o seu amigo...

Para Tamara
17 de Fevereiro de 1946

«...Estava de sentinela quando Ihenya voou pela primeira vez. Corri para a pista, quando o vi aterrizar. «Então, que tal a sensação?» — perguntei-lhe. Ele parou e, assim fardado, com um ar tão digno, dir-se-ia já um veterano.

Sorriu e respondeu-me — «Não sei explicá-la».

«A comunidade dos aviadores parece tão pequena, é como se fosse um brinquedo construído por um habilidoso operário. Tudo nela se reflecte. Gostava de experimentar essa sensação de novo, com Ihenya, a sensação de estar no ar. Té-la-ei daqui a algum tempo, em Junho, creio eu, mas gostava de a ter neste momento, com ele...

«...Estou a estudar agora para o exame escrito do segundo ano do curso de línguas estrangei-



A mulher de Komarov, Valentina, e a filha, Irina

OS PENSAMENTOS INTIMOS DO CORONEL VLADIMIR KOMAROV, O ASTRONAUTA RUSSO TRAGICAMENTE FALLECIDO QUANDO A SUA NAVE SE ESGAGOU CONTRA O SOLO, SÃO REVELADOS NAS CARTAS QUE ESCREVEU AOS AMIGOS DURANTE VÁRIOS ANOS.

ESTES DOCUMENTOS, CEDIDOS EM EXCLUSIVO AO «DAILY MIRROR» E À «FLAMA» PELA AGENCIA RUSSA NOVOSTI, FORAM REDIGIDOS POR KOMAROV AINDA CADETE, DURANTE A SEGUNDA GRANDE GUERRA MUNDIAL, COMO PILOTO. NELAS DESCREVEU A DESTRUIÇÃO DE ESTALINEGRADO E A ALEGRIA QUE EXPERIMENTOU NO FIM DA GUERRA.

Para Yevgeny
22 de Agosto de 1941

«...Começou a nossa correspondência, que nunca deverá terminar. Acho que muito teremos a escrever sobre a nossa vida, sobre as dificuldades que nos irão surgindo para atingirmos a nossa meta. Proponho que usemos de franqueza nas nossas cartas. Além de máis, somos amigos. Esta última palavra tem grande valor para mim. Os amigos poderão ter objectivos diferentes a alcançar na vida, mas ajudam-se mutuamente nessa luta. Não importa que seja difi-



Funerais nacionais de Vladimir Komarov: o povo russo beijou o seu retrato



Komarov e o filho, Eugénio



Galeria dos cosmonautas russos. Komarov é o primeiro da esquerda, em baixo

ras. Não é muito fácil, mas acho que vai correr bem. Tive problemas de tempo mas agora já está tudo resolvido. Pode-se estudar o dia inteiro aqui no hospital e é isso o que tenho feito...

Para Yevgeny e Tamara
1 de Abril de 1946

«...Experimentei a alegria de subir numa câmara de altitude, mas a coisa não correu muito bem. «Sublinos» a 5 500 metros sem máscara de oxigénio, depois começámos a perder altitude até «pcusarmos» no solo. Comecei a ensurdecer. Os ouvidos, agora, já não me doem, mas ainda não ouço bem...

... A minha disposição subiu a partir de zero. A coisa mais terrível — o Inverno — acabou,

e os nossos rapazes mostram já alegria em viver, felizmente, como moscas que acabaram o letargo do Inverno. Mas o calor também tem o seu lado negativo no processo de vida da nossa cidade. Esta pobre cidade é um crivo de poças, lama e poeira e os desgraçados dos cadetes têm de se enterrar nelas todos os dias, e mais de uma vez por dia, quando vão para os campos de treino. E tudo tão divertido, não é?»

Para Yevgeny
29 de Maio de 1946

«...Uma coisa muito triste aconteceu na vida de Yury: morreu-lhe o pai. Ficou completamente só no mundo e precisa de ajuda, mas que espécie de ajuda

da? E como poderemos nós dar-lha? Creio que devemos prestar-lhe mais atenção e não o deixar sozinho. Seria estupendo se conseguíssemos a transferência dele para o nosso grupo. Falei nisso ao Dyner, que prometeu fazer tudo quanto pudesse. Veremos o que se consegue».

Para Yevgeny
13 de Julho de 1946 (dia feliz na aviação)

«...Estou de serviço. Já voei duas vezes. Hoje, será a terceira. Sinto-me absolutamente calmo.

Tenho estado a ser observado pelos médicos. O neurologista é um velhote inteligente. Falei-lhe como se fosse meu pai, pois assim mo pediu. «Oxalá a tua inteligência possa dominar a tua alma e os teus sentimentos» — disse-me. «Mentalmente, estás em desacordo com muitas coisas. Sentes-te abatido por não progredir nos voo, mas não te deixes desmoralizar. Não foi um ano de desperdício, como dizes, mas um ano em que enriqueceu a tua experiência da vida. Ternaste-te um homem. Aconselho-

so ria-me já de cima: fu z o primeiro do quinteto a voar sozinho. Outros vooz me foram destinados e começaram a dar-me mais atenção...

«...Os meus vooz terão sido aprovados. Tudo está a sair bem. Tenho ainda algumas dificuldades com o controle. Não sei bem...

«Devo confessar, Yhenya, que a agenda que me aconselhaste a usar me ajudou muito a corrigir os meus erros. Tomo nota deles todos, estudo-os muito bem antes de voar, e tento corrigi-los quando estou no ar...

«Voltámos por volta das nove horas. Tenho os músculos arrastados, mas não consigo adormecer, porque milhares de ideias me cruzam o espirito. Penso na casa, na família, e como lhes deve custar, especialmente à minha mãe...»

Para Yevgeny
29 de Junho de 1947

«...Mas uma vez quero afirmar aqui como é bom ter um amigo, escolhido não pela inteligência, mas pelo coração, um



Komarov, à esquerda, e o pai

«te a que lês, lêias muito. Desenvolve a tua cultura e não lastimes o passado, encara antes alegremente o futuro».

A Tamara e Yevgeny
15 de Junho de 1947

«...Que posso eu escrever quando o azar nos persegue, a nós cinco que tivemos de voltar aqui? E tudo isto porque o esquadrão tinha de cumprir o que lhe tinha sido destinado, custasse o que custasse. Sentimo-nos tão inseguros quando aprendemos a voar: tudo o que adquiríamos com perseverança (quando passávamos os exames e nos preparávamos para eles) se esfumou num instante, com uma única palavra do comandante.

...no entanto, a dona Fortuna

amigo a quem se tem afecto junto de quem desejamos estar sempre e, em caso de estar muito distante, com quem sonhamos encontrar-nos...

Agora, estou no esquadrão n.º 2. O nosso voo obteve o primeiro lugar no esquadrão, e a nossa equipa foi a melhor. É uma pequena alegria, mas sinto orgulho nela...

PAGINA 3

«Não sei quanto tempo terei de passar agarrado à teoria. Estou inteiramente de acordo contigo; quanto mais se estuda, melhor. Depois, estamos em boa forma. Está um tempo magnífico. Com um tempo destes, pode-se voar um dia inteiro.

(Continua)

UMA série de adições e subtrações poderia traduzir a história de «Os Deltons». Assim: $1+3-2+2-2+2+1-1=7$. E mais que isso — podiam afinal traduzir a história dos obstáculos que se deparam aos agrupamentos portugueses que se dedicam à música-«pop», pois a adição e subtração de elementos deve-se a factores generalizados: dissidências entre o profissio-

OS DELTONS: OUTRO NÃO AO PROFISSIONALISMO

nalismo e o amadorismo; serviço militar, etc.

O número «um» foi o fundador do conjunto. Chama-se Luis Antero, tem 17 anos e frequenta o 7.º ano de Ciências Económicas e Financeiras. Toca viola-solo. A ideia de fundar um conjunto vinha-lhe já da infância. Teria uns sete anos quando o projecto começou a germinar. Ideia sugerida pela televisão? Pelo cinema? Ou simplesmente originada pela sua imaginação? Ele não sabe. Não teve iniciação musical, mas sempre gostou de música e, hoje, é quem compõe e escreve algumas das canções que cantam. Considera a música-«pop» uma arte, como a música clássica. Por isso a adoptou quando, aos quinze anos, encontrou oportunidade de concretizar a tal ideia de miúdo e formou o conjunto. Ele e mais três amigos, dos quais um único per-



O Conjunto tem apenas dois anos de existência, mas dos seus quatro elementos iniciais só dois se mantêm: o fundador, Luis ANTERO (1.º da direita), e Luis MOUTINHO (o 2.º a contar da direita). Para eles duas constantes se mantêm: não ao profissionalismo e às canções em português.

manece: Luis Moutinho, que tem 18 anos e é o baterista. Frequenta o 5.º ano do Ciências e o 6.º de Letras. Estrearam-se em Maio de 1965 no Coliseu, integrados no «Duo Ouro Negro Show». Depois, sucederam-se os afastamentos e necessárias substituições: um porque foi para a tropa, outro porque casou, outro ainda, porque quis acabar o curso, e assim por diante. Há bem pouco tempo, o viola-acompanhamento, Fernando Tordo, quis profissionalizar-se.

Como «Os Deltons» não querem, de modo algum, entrar no profissionalismo, fizeram uma troca com o viola-acompanhamento de «Os Sheiks», e Fernando Tordo foi substituído por Luis Ardington, que tem 24 anos e está na tropa. O quarto componente chama-se Jaime Quaimado — é o viola-baixo, tem 20 anos e frequenta

o 7.º ano de Ciências Económicas e Financeiras.

Já actuaram na televisão, em festas académicas, em «boites» e têm contratos para actuar em Moçambique e em Paris. No Verão, vão gravar um disco.

O que representa para eles a actividade do conjunto? Uma diversão, um meio de juntar o útil ao agradável. Sim, porque eles só cantam o que lhes agrada. Daí, o cantarem sempre em inglês, e não em português — não lhes interessa agradar a uma maior quantidade de público, mas ao público de boa qualidade, dizem.

Mais substituições poderão acontecer, contanto que o número 4 permaneça, «Os Deltons» continuarão a cantar. Até quando? Não sabem. Dizem que os cursos estão primeiro. Talvez se retirem quando se formarem. Ou talvez antes. Para eles, música-«pop» é passatempo.

EM verdade ela tem um nome que é bem «real» à sua pessoa, pois Minouche assenta bem com o seu modo de andar, a sua vivacidade. Dizem que antigamente se chamava Marie-Pierre.

Minouche nasceu em Paris a 13 de Dezembro de 1947, mas é sudista de coração e por adopção desde que viveu com seu pai em Monte Carlo. Gosta imenso do sol e do mar. Mas devido ao seu alegre carácter também gosta de Paris no Outono, a chuva, as muralhas do rio Sena e até do nevoeiro londrino. Não é necessário, pois, dizer que Minouche é a própria vida, juventude e impetuosidade transformadas numa rapariga.

Até agora não sabíamos muito acerca de Minouche, mas aqueles que a ouviram ficaram muito surpreendidos pelo seu talento, sua arte. Estava preparada desde a primeira vez que apareceu nos palcos; uma rara ocorrência em 1967.

Os críticos que a ouviram confirmaram: um espectáculo inesperado e de muito boa qualidade, foi o que nos ofereceu Minouche Barelli. Uma voz profunda, de bom tom, expressão perfeita, bom repertório. Aqui está uma nova «face» no mundo da canção.

Minouche tem gostos e ideias como qualquer da sua idade. Adora seu pai: sonha em vir a ser muito, muito rica, para assim poder comprar a seu pai um barco. Odeia palavras, gente que fala muito e não diz nada, falsidade, de tudo que não é genuíno.

Confessa que gosta de ler, de «jazz», cantar a «Carmen» e «La Bohème», nadar e brincar com o cão. Ela é... um pouco gulosa, pois além do «Baba» ou «Saint-Honoré», perdoável aos seus 19 anos, também existe o bife com batatas, sumos de frutas... e água.

A sua maior alegria na vida: o dia que ela actuou num palco pela primeira vez.

O seu maior desejo: vir a ser uma cançonetista famosa.



AIR F A N C E



PETULA CANTA PARA JOHNSON

Petula Clark, a cançonetista inglesa, deslocou-se aos Estados Unidos, onde participou numa festa que contou entre os seus convidados com a presença de Lyndon B. Johnson, presidente norte-americano. O fotógrafo captou o último sorriso da artista, ao deixar o aeroporto de Londres.

MINA EM RISCOS DE FICAR CEGA

É a própria Mina (primeira cançonetista de Itália) a dar a notícia:

— Ando alarmada. O excesso de trabalho e os nervos provocaram-me uma enfermidade na vista que pode levar-me à cegueira total. Tenho esperança nos médicos que me tratam.

Entretanto, sem que a desfortuna a detenha, Mina oferece aos seus milhares de «fans» — onde os portugueses também figuram em grande número — o seu último disco, com as canções: «Sono come tu mi vuoi», «Mai così», «Mi sei scoppiato dentro il cuore» e «Sono qui per te».



OUTRO..

Carl Dean Wilson, de 20 anos, guitarrista dos «Beach Boys», no momento em que entrava para o carro celular que o conduziu a um interrogatório por uma comissão do Senado norte-americano, após ter sido preso pelo F.B.I.. Carl recusou alistar-se no Exército, seguindo o exemplo de Cassius Clay.



DEAN REED O DO ESPÍRITO AVENTUREIRO

Nasceu numa granja de Denver, no Colorado, onde aprendeu as várias artes de um autêntico «cow-boy». Depois de ser hábil domador de potros, sentiu grande inclinação pela música. Pôs de lado o laço e as pistolas, comprou uma guitarra e ei-lo, de terra em terra, a dar livre actividade ao seu espírito aventureiro.

Foi através de um vagabundo que Dean Reed contactou com uma editora de discos. Gravou «Não o deixes partir» e alcançou êxito. Até nós, chega, agora, o primeiro disco de Dean Reed com as canções: «A musica se há acabado», «Cierro de los locos», «El valle del arco iris» e «Estoy esperando».



TOM NAS CORRIDAS...

O cantor «pop» Tom Jones, com o seu puro sangue «Walk on bye», que comprou por uma soma a tal ponto elevada, que não quis revelar. O nome do cavalo foi inspirado num êxito da canção.

ALAIN BARRIÈRE (O ENGENHEIRO-CANÇONETISTA) A PROCURA DO PRESTÍGIO PERDIDO

— Detesto o ambiente pesado das cidades. Há demasiado barulho e muitas pessoas. Quase não se pode andar na rua. Assim torna-se difícil criar!... Este ambiente pode agradar a certos intérpretes de canções; precisam de popularizar-se. Eu sou compositor e nesta barafunda tenho de refugiar-me no campo!... — declarou-nos Alain Barrière.

Depois de ter passado por um longo período de esquecimento, angustiante para o artista, Alain Barrière prepara o seu regresso, onde jogará difícil cartada, da qual depende o mais importante do seu futuro artístico.

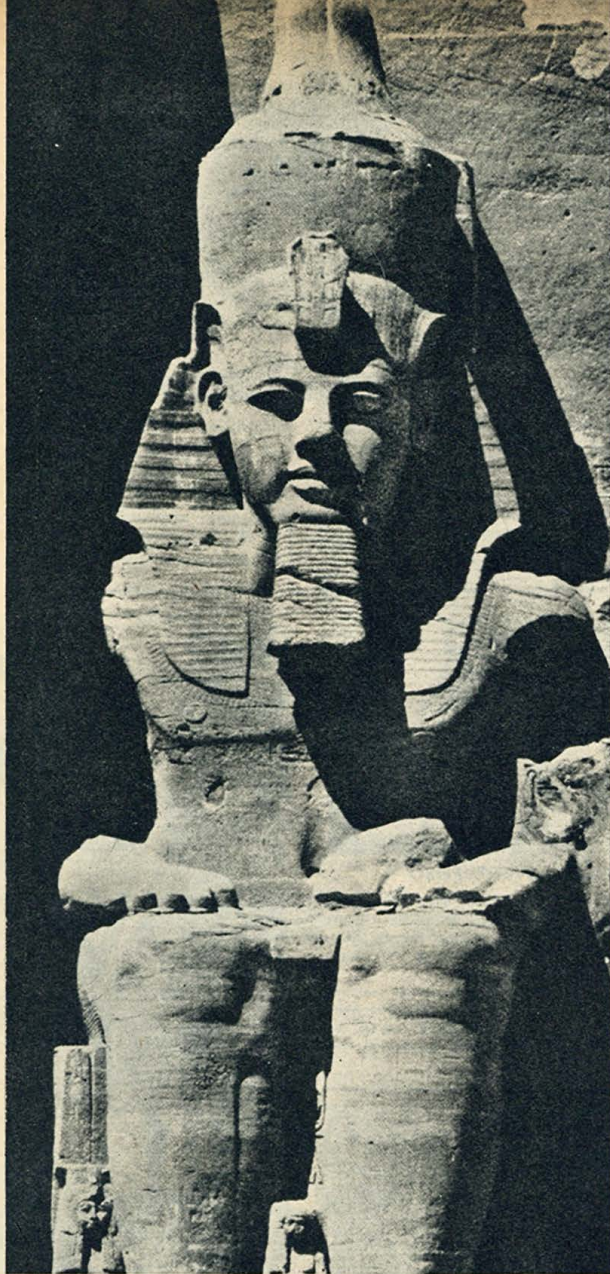
O célebre compositor de «Ma vie» e «File était si jolie» foi esquecido? Aconteceu-lhe ter hesitado, primeiro, e conformando-se, depois, com a maior popularidade conquistada pelos novos cançonetistas. Alain que possuía destacado prestígio, não há muitos anos, quando foi preciso impor-se e saber aguentar o embate produzido pelo aparecimento de novos artistas, com canções revolucionárias, ficou numa atitude de expectativa. Esta hesitação foi fatal a Alain. Veio a perder popularidade e a venda dos seus discos baixou bastante.

Mas um artista do nível de Alain Barrière nunca tem tudo definitivamente perdido — continuaram a aparecer-lhe contratos e actuações.

Agora, completado os trinta e um anos de idade, o artista, «refugiado» na sua quinta nos arredores de Nantes, prepara inteligentemente o regresso. Este acontecerá durante o Verão, primeiro com uma demorada digressão por França e, depois, com várias actuações no estrangeiro.



mondo
JOVEM



Um dos colossos de Abu-Simbel, representando Ramsés II. Grande fachada, com 33 metros de altura, do templo subterrâneo.

Desde que os ingleses construíram, há setenta anos, a pequena represa de Assuão, que agora vai ser grandemente superada, os preciosos monumentos erigidos na ilha de Phile, sofrem, periodicamente, o efeito das inundações durante o Inverno e Primavera de cada ano.

OS DÓLARES DA UNESCO SALVARAM A OBRA DE RAMSÉS II

A ENORME ALBUFEIRA DE ASSUÃO — BARRAGEM DE PROPORÇÕES FARAÓNICAS, PRODUTO DA TÉCNICA DO NOSSO SÉCULO — INUNDA, EM FEVEREIRO DE 1968, A NÚBIA EGÍPCIA. OS TEMPLOS DE ABU SIMBEL, ALI CONSTRUÍDOS HÁ CERCA DE 5.000 ANOS, TERÃO JÁ SIDO PARTIDOS EM BLOCOS E POSTOS A BOM RECATO — SALVOS.

● **JOÃO SALVADO ENTREVISTA PARA A «FLAMA» O CHEFE DA MISSÃO ARQUEOLÓGICA ESPANHOLA NO EGITO E NO SUDÃO.**

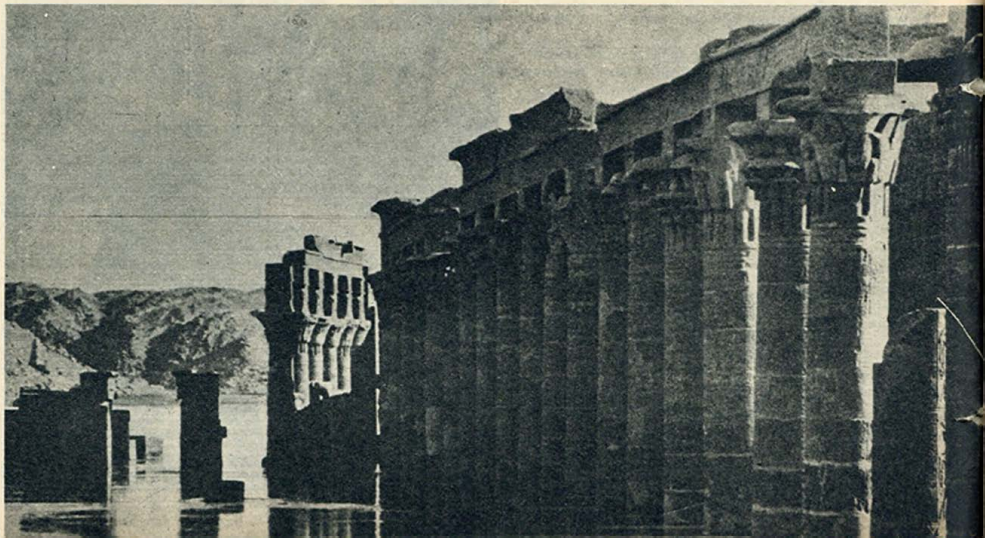
MADRID, MAIO — O prof. dr. Martin Almagro recebeu-nos na sua residência, na Cidade Universitária. Em frente, uma vasta zona de edifícios, onde 65 mil estudantes frequentam os mais diversos cursos universitários. Quinze mil, são sul-americanos e irão depois para os seus países com as especializações tiradas nos institutos, laboratórios e seminários científicos que se espalham por todo aquele vasto conjunto. Dissemos-lhe, então, a finalidade da nossa visita: uma entrevista para a «Flama» sobre a tarefa realizada pela Missão Arqueológica Espanhola.

Acedendo, amavelmente, começámos por perguntar-lhe:

— Quais os projectos apresentados, em que consistiam e qual o que foi aceite para salvar os templos?

— Tanta empresa exigia quantias avultadíssimas. Em torno dela e da quantidade dos milhões de dólares necessários para a levar a bom termo girou sempre a aceitação dos projectos que se foram apresentando. Um primeiro projecto foi elaborado pela companhia francesa Coyne Y Bellier. Tevo a aceitação geral dos arqueólogos, considerando que todo o conservador de arte adopta, ante um monumento, a posição de que a criação artística deve conservar-se no local onde foi criada. O projecto exigia a construção de um grande dique, que isolaria toda a montanha, deixando os templos no seu sítio e no seu ambiente. Foi, porém, posto de lado pelos especialistas da UNESCO, em face das dificuldades técnicas e económicas que representava.

Em 1961, a UNESCO aprovou outro projecto elaborado pelo arquitecto italiano Gazzola. Era tão audaz, como sugestivo: cortava-se a montanha, isolava-se o templo e este ficaria assente sobre uma forte plataforma de cimento armado que se cons-





Cientistas de todo o mundo, sob a égide da UNESCO, encetaram no Egito a maior campanha de que há memória: a campanha da Núbia para evitar o desaparecimento dos grandes templos de Abu Simbel, escavados no coração da Núbia, a mais de 1.500 quilómetros do Mediterrâneo, pelo Faraó Ramsés II, o grande construtor da XIX Dinastia Egípcia. Juntamente com as Pirâmides de Gizé e o templo de Karnak, os templos de Abu Simbel representam a terceira empresa do Egípcio antigo na ordem de grandezza e magnitude.

Parece, no entanto, que desde os tempos mais remotos o destino atrainha para aquelas paragens as maiores empresas do homem. Ali, onde há quase cinco mil anos surgiram as Pirâmides e os templos de Karnak, obras jarráis superadas, vemos em nossos dias a humanidade emprender uma empresa grandiosa, a construção da barragem de Assuá, que recolherá 150.000 milhões de metros cúbicos de água e regará 300.000 hectares de novas terras, produzindo 20.000 milhões de quilovattios. Obra digna das construções dos Faraós, estará pronta, em 1968, e, então, a sua enorme albufera, de mil quilómetros de comprimento, inundará toda a ribeira do Nilo desde o começo da primeira catarata até à terceira, em pleno Sudão, a mais de 3.000 quilómetros do Mediterrâneo. Este mar interior que, em algumas partes, cobrirá desertos com mais de 100 quilómetros de largura, enterrará definitivamente a Núbia egípcia, a terra onde o antigo Egito se projectou e nos deixou obras de uma arte singular, património espiritual do homem moderno. Salvá-las para a sua definitiva contemplação era um clamor geral.

No intuito de obter uma perspectiva completa sobre este obra monumental, o nosso colaborador João Salvado entrevistou, em Madrid, o prof. Martin Almagro, (na foto) conhecido em todo o mundo, e que dirige, no Egípcio e no Sudão, os trabalhos duma equipa de cientistas espanhóis, enviada pelo Comité Nacional da UNESCO. É essa oportuna entrevista que o leitor encontrará nas páginas seguintes.

trava debaixo da água ocupada pelo monumento. Escavada a rocha e, depois de separado o grande bloco, no qual se incluía o monumento, levava-se tudo por meio de macaco hidráulicos potentíssimos, que actuariam por comandos electrónicos. Os templos ficariam calvos da influência da albufera, ao serem elevados 62 metros sobre o nível actual das águas do Nilo. Não eram necessárias mais despesas de conservação, no futuro. De 1961 a 1963 procurou-se financiar este projecto cujas despesas ascendiam a sessenta milhões de dólares, segundo um estudo feito pela empresa sueca VBB (Vattenbyggnadsbyrå) de Estocolmo, por encargo do Governo egípcio e da UNESCO. Prepararam-se planos para os contratos, estudaram-se em pormenor todos os problemas arqueológicos que a realização do projecto acarretava, convertendo-os em pressupostos básicos para realizar o contrato internacional. Assim se chegou aos fins de 1962, depois de várias reuniões dos Comités e Conselhos da UNESCO, que na sua assembleia geral de Outubro de 1962, não tomou em consideração as soluções económicas arbitrárias, paciente e inteligentemente, pelo pessoal técnico da sua secretaria geral. Os Estados, únicos suportes reais daquela organização internacional, negaram-se, na sua maioria, a pagar o que faltava para realizar o bem estudado projecto Gazzola, que não pôde executar-se. Entretanto, a construção da grande barragem ia avançando. Em 1964, segundo anunciou o Governo egípcio, começariam a subir as águas, seis metros sobre o nível actual e daquele ano até 1968 alcançariam os setenta metros previstos. Ante esta situação, as autoridades egípcias procuraram elaborar um projecto que se adaptasse aos meios económicos que a UNESCO e o Governo egípcio puderam reunir, que alcançavam cerca de 40 milhões de dólares.

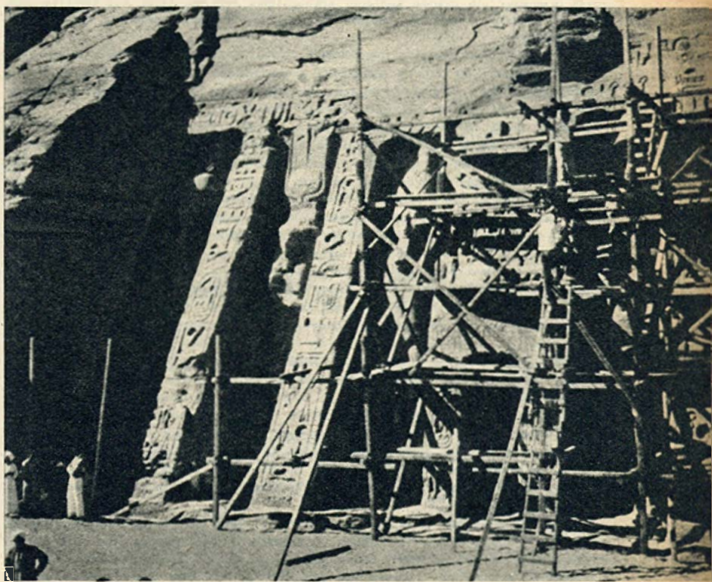
Em 1963, partiu-se desta realidade financeira. Ao longo da primeira metade do ano, foram apresentados à UNESCO e ao Governo egípcio novos projectos, entre eles, um da empresa sueca VBB e outro de Albert Caquot, membro da Academia Francesa. Estudados ambos, uma vez mais as dificuldades económicas obrigaram a não os aprovar, adoptando-se o projecto egípcio.

BLOCOS DE VINTE TONELADAS

O projecto da empresa sueca VBB e finalmente aceite pelo Governo egípcio consiste em partir os templos em grandes blocos de vinte toneladas, os quais serão trasladados em camiões ou plataformas especiais até ao lugar onde se elevarão de novo. Em fins de Dezembro de 1963 começaram as obras que irão salvar estes



Um baixo-relevo do Grande Templo de Abu-Simbel. Representa Ramsés II, em seu trono, recebendo os dignatários da Corte. EM BAIXO — Cerâmicas faraónicas do Império Novo (1500 a 1400 anos a. C.).



Fachada do Templo de Nefer-Tari de Abu-Simbel, quando do restauro necessário para a sua translação.

exemplares colossais da arquitectura egípcia. O projecto aceite não é o mais atractivo para os arqueólogos. Os riscos que supõe o corte da pedra são evidentemente muitos. Porém, esta objecção não impede admirar a coragem com que se procurou encontrar uma solução para o problema e podemos assim assegurar que a empresa gigantesca da Campanha da Núbia não fraccassou frente às maiores dificuldades, de ordem politica e económica.

Esta empresa do nosso tempo, audaz e internacional, entrou no fim do período da sua realização. Todos os outros templos e monumentos da Núbia foram, também, salvos, através de uma campanha de escavações e estudos de documentação arqueológica jamais igualada. Um património cultural que nem o Egípcio nem o Sudão podiam salvar foi preservado. O trabalho levado a bom termo na Núbia Egípcia e Sudanesa permite esperar no futuro a realização de outras campanhas semelhantes que requeiram uma colaboração internacional.

SIGNIFICADO RELIGIOSO E HUMANO

O primeiro grande conjunto monumental a salvar-se no Nilo — segundo nos explicou o prof. Martin Almagro ergue-se na ilha de Philae. Desde há 63 anos, quando os ingleses construíram a pequena barragem de Assuá, que durante parte do ano os seus preciosos monumentos, verdadeiras jóias da arquitectura egípcia, estão cobertos pelas águas. Champlion chamou a Philae, a «ilha dos Templos».

ABU - SIMBEL

Aparece-nos ante as rochas graníticas de Assuão, ao começar a primeira catarata, como verdadeira nave carregada de arte e história humana. Quantas emoções de beleza tem produzido esta ilha paradisíaca com os seus cinco belíssimos templos no meio de uma paisagem encantadora! Desde Heródoto, no século V a.C., até Adriano, no séc. II, que, foi ganhando prestígio religioso o mistério da criação e da fecundidade. Toda a terra, se encontrava em volta dos encantos da deusa Isis, entregue ao amor de Osiris, morto em holocausto eterno e renascido em Horus, seu filho e vingador. Quando já o paganismo deixou de ter fiéis admiradores e verdadeiros em todo o mundo civilizado, ainda os devotos desta deusa humana e espiritual levavam 365 massas de oferendas, uma vez ao ano, quando se comemorava o mistério triunfante da fecundidade com o nascimento de Horus. Philae, que perdeu desde há sessenta anos o encanto da sua vegetação, voltará a ser admirada durante todo o ano.

Passada Philae, o primeiro monumento que o viajante via, a cerca de 20 quilómetros, era o templo da Debod, de belo estilo egípcio ptolomaico e ao qual também está ligado o nome de Cleópatra onde num dos seus pilares se vêem os retratos de Augusto e Tibério. Em 1962 o Serviço de Antiguidades do Egipto arrancou pedra por pedra este monumento e encontra-se depositado agora, na ilha de Elefantina, frente a Assuão, até ser colocado no seu lugar definitivo.

PEREGRINAÇÃO EMOTIVA

Um pouco mais para o sul, na paisagem núbica do Nilo admirava-se o templo de Kalabcha com 71 metros de comprimento por 58 de largura. Era chamado de «Iusorada Núbica». Até ali era frequente o viajante grego e romano fazer a visita e a peregrinação emotiva, meio religiosa, meio turística, dedicada a Isis de Philae e a seus mitos. O grande templo de Kalabcha, a antiga Tarmis, estava consagrada a Mandulis, um deus núbico, equivalente a Amon-Ra. Está já colocado sobre um promontório dominante o lado da gigantesca barragem em construção, onde se pensa organizar um grande conjunto arqueológico com os restos dos templos referidos para atrair o turismo enorme que aquelas terras e empresas egípcias vão promovendo.

Outros templos têm sido removidos e salvos, como os dedicados a Serapis e a Isis, nas comarcas de Daka e Maharraca e trasladados a Wadi e Sebu, com uma avenida de esfinges conduzindo ao templo onde Ramsés II fundiu o culto de Amón e Ra, com outro que as inscrições chamam Per Amón.

Outro lugar de concentração de obras de arte está a organizar-se perto do Sudão, onde ficará elevado o templo de Abu-Simbel. Esta será a maior, ambiciosa e mais sonhada empresa que vai realizar o mundo moderno da Arqueologia. Ali ficarão as ruínas que se trasladam de Kars Ibrim, a antiga «Prilis Parva», onde o famoso Petronio venceu a rainha dos núbios, Candacia, a qual prosseguiu até Napata, cabeça do seu reino, mais para saquear túmulos antigos e recuperar antiguidades valiosas, do que para obter vitórias de guerra. Outros pequenos monumentos pensam agrupar-se para embelezar as arredores do lugar onde os belos templos de Abu-Simbel se elevarão a mais de 60 metros sobre a sua actual altura. São dois formosos e colossais monumentos subterrâneos que Ramsés II erigiu de 1261 a 1257 a.C., um a Horus Núbio de Meha, com o qual se identificou o mesmo faraó, o outro, a sua esposa Nefertari, convertida em Hathor, a deusa da formosura e do amor.

Grandioso e popular, o templo de Abu-Simbel, ainda hoje, é um lugar de peregrinação artística. A sua emocionante fachada de 33 metros de altura, composta pelo arquitecto paleoceno de Ramsés II, com a nave de quatro colossos sentados, escavados na própria rocha, de mais de 20 metros cada um, representando todos o faraó divinizado, foi sempre muito admirada, o mesmo acontecendo ao rico conjunto dos seus relevos. Sem dúvida alguma que a desaparecer o templo de Abu-Simbel, seria para a arte egípcia e do mundo, uma perda irreparável. Não há em toda a arquitectura colossais daquela civilização outro templo subterrâneo daquela envergadura.

Também escavado na rocha se encontra, ao lado do grande templo de Abu-Simbel, o chamado «pequeno templo», consagrado à deusa Hathor, que ali se representa como a deusa Nefertari, esposa amada do Faraó. Desde a fachada aparece representada como Hathor, alternando com o faraó, coroado com a coroa real do duplo Egipto.

MISSÃO ARQUEOLÓGICA ESPANHOLA

As escavações levadas a cabo pela Missão Arqueológica Espanhola dirigida pelo Prof. Martin Almagro, em anos sucessivos, com a colaboração dos doutores Blanco Caro, Presedo Velo, Pellicer Catalán, Ripoll Perelló, Garcia Guinea e Teixidor de Otto começaram e prosseguiram durante duas campanhas em Cheik Daud.

O prof. Martin Almagro conta-nos o que tem sido o trabalho da sua missão, desde o início.

— Começamos as escavações em Cheik Daud. Trata-se de uma importante fortaleza, levantada, a cerca de 1.500 quilómetros do Mediterrâneo, no apogeu do Império Bizantino, assente numa zona rochosa que domina o rio na sua margem ocidental. Depois das escavações, pode observar-se o traçado das suas muralhas bem conservadas, de pedra, que em alguns troços ainda oferecem mais de dois metros de altura. Por um grande arco se dava acesso a um enorme torreão quadrado que cobria toda a entrada do recinto. Desde esta porta, única do recinto, se chegava ao rio, por um caminho protegido por dois muros paralelos que foram agora descobertos nas escavações espanholas. Este grande recinto fortificado e de planta paralelogramática, mede 110 metros de comprimento por 82 metros de largura, no seu lado menor, e 72 metros de altura. O espólio encontrado, muita cerâmica e o disco solar da época merolítica, permite saber como viveu e se organizou uma guarnição de cerca de 2.500 homens nos mais afastados confins do Império Bizantino.

Uma vez terminada esta escavação foram estudadas importantes jazidas na região

de Mesmás, sempre na Núbia Egípcia. Aqui, foram encontrados vestígios de uma necrópole faraónica do começo da ocupação da Núbia pelo Egipto, no tempo de Amenofis I. Também foram encontradas belas séries de cerâmica faraónica que estiveram expostas em Madrid. No final da campanha foi encontrado um rico cemitério merolítico, que foi escavado no ano seguinte. Este cemitério permitiu estudar, além da estrutura dos seus túmulos, de formas muito variadas e complexas, objectos de verdadeiro valor histórico e arqueológico: mais de uma dezena de inscrições e sete estelas de oferendas juntas com cerâmicas, objectos diversos, vasos vidrados de origem egípcia e uma estátua do deus Ba. O descobrimento desta rica necrópole constituiu um dos achados mais importantes da missão arqueológica na estação mais rica explorada pelos espanhóis no Egipto.

PINTURA RUPESTRE

O nosso entrevistado prossegue:

— Também na Núbia Egípcia a missão espanhola descobriu e estudou pintura rupestre encontrada numa grande zona do rio Nilo.

Centenas de figuras e cenas diversas, gravadas com técnicas diferentes através dos séculos, foram descobertas nas suas explorações. Constituem, algumas, conjuntos belíssimos de muito interesse. Juntamente com as pinturas rupestres descobriram-se, também, inscrições coptas e faraónicas desconhecidas, material que vai ser publicado brevemente. Algumas delas foram trazidas, com autorização do Governo egípcio, para o Museu Arqueológico Nacional de Madrid e são documentos que enriqueceram o património artístico de Espanha, onde faltavam, quase totalmente, todas as manifestações das velhas culturas do vale do Nilo.

Foi sobretudo na Núbia sudanesa, a mais de 2.000 quilómetros do Cairo, onde os arqueólogos espanhóis realizaram o mais importante esforço ao longo das campanhas arqueológicas.

Trés foram os locais onde a missão espanhola realizou escavações. O primeiro, em Argin, situado perto de Wadi Halfa, à esquerda do Nilo. Ali, em 1960, foi-nos concedida uma necrópole de pouca importância, a princípio, mas que se ampliou, depois, com o trabalho realizado, a uma extensa e rica área cheia de necrópoles de todos os períodos culturais que se desenvolveram na Núbia. Seguiu-se a escavação de duas igrejas cristãs na ilha de Kars Iko, já na segunda catarata do Nilo, e o grande conjunto cristão de Abkenarti, a uns quilómetros mais ao sul, também numa ilha da segunda catarata.

Por ordem cronológica devem ser consideradas duas grandes necrópoles do Grupo Cultural X de Argin, um ana zona Norte da concessão espanhola e outra na zona sul. Infelizmente, em noventa por cento os túmulos escavados estavam saqueados através de túneis, feitos com grande precisão pelos ladrões que chegaram ao centro da câmara funerária. Porém, em poucos enterramentos intactos, pode verificar-se como o cadáver jazia recostado sobre o lado esquerdo, com as pernas ligeiramente flectidas, a cabeça voltada para o sul, coberto com vestidura de lã, às vezes muito bem conservada, de cores amarelas e castanhas e com decorações policromas. Os indivíduos apresentavam caracteres antropológicos extraordinariamente variados, predominando sempre os de rosto fortemente robusto. Os achados arqueológicos reconhecidos são principalmente vasos cerâmicos que apareceram junto à cabeça do morto e aos pés.

Além da cerâmica, foram encontrados pedaços de tecidos e adornos diversos, como contas de colar, os chamados dedais de arquiteiro, objectos de couro, como fundas de espada, correias, calçado, objectos metálicos, armas, cravos de ferro e de cobre. Entre as contas de colar encontraram-se mais de cem tipos diferentes, fitas com pasta vítrea, osso, metal e outros materiais.

Na mesma região de Argin foi também escavada uma necrópole do grupo cultural C da Núbia, período histórico coetâneo do Império Médio e do Império Novo do Egipto. Uma destas necrópoles, está situada a S.O. da zona assinalada à Espanha, já em plena zona desértica a uns 300 metros a Oeste das casas de Argin. Consta de 23 túmulos, os quais se foram limpando da areia que os cobria para localizar as oferendas cerâmicas e restos de animais que apareceram colocados fora do anel que limita o círculo. Depois, escavaram-se as câmaras colocadas no interior do túmulo, nas quais se encontrava enterrado o cadáver, em posição fetal.

O morto enterrava-se encolhido com as pernas muito flectidas e com os braços pegados ao corpo, recostado sobre o lado direito. Frequentemente, foi possível observar que os ossos estavam tingidos de ocre, que chega, às vezes, a formar uma espessa capa em redor dos mesmos.

VALIOSO ESPÓLIO

O Prof. Martin Almagro terminou a entrevista, salientando:

— Os espólios recolhidos nestas sepulturas consistem em contas de colar, braçletes e outros objectos de adorno, entre os quais figuram alguns de ouro. Recolheram-se, também, conchas marinhas, uma faca de bronze trapezoidal que deve ser interpretada como uma navalha, punções de ossos, matérias colorantes, etc. Outra necrópole do mesmo grupo cultural C foi escavada entre a necrópole do grupo X e um dos actuais cemitérios muçulmanos de Argin. Os espólios destas sepulturas são ricos e encontram-se à volta do cadáver. Consistem em cerâmica do tipo Kherma, com vasos pançados, ovoides, alargados, com os bordos ligeiramente voltados. Nesta necrópole devem mencionar-se, sobretudo, algumas figurinhas de Arzila, representando uma deusa da fecundidade com as ancas enormemente exageradas e o corpo fino. Cronologicamente, esta necrópole, situada na zona sul de Argin, deve colocar-se entre os anos de 2500 e 1500 a.C., quando a colonização egípcia do Novo Império, sobretudo a partir de Thutmosis II e da rainha Hatchepsut, fizeram desaparecer, definitivamente, a cultura núbica. Contudo, o desenvolvimento desta cultura C, na Núbia, com os restantes períodos pré-históricos e proto-históricos desta região extensíssima e pouco explorada, somente agora, com muitos dados que deram as novas escavações serão devidamente precisados, tanto na sua tipologia cultural como no seu alcance técnico. Argin proporcionou também achados faraónicos entre eles, um sarcófago, vasos de pedras duras e outros objectos. Sobre tudo, da época de Napata e de Meroe, foram encontrados ricos cemitérios de variados conjuntos arquitectónicos que foram transferidos para Espanha.

Através destes resultados poderá compreender-se o volume da grande empresa internacional, as metas já conseguidas e a parte activa e honrosa que tomou a arqueologia espanhola na maior campanha arqueológica de todos os tempos.

pronto a partir?

permita-nos lembrar-lhe...



- * Avisar da partida os seus fornecedores habituais
- * Deixar a pessoa de confiança um itinerário da sua viagem e um jogo de chaves
- * Tomar providências para que alguém se ocupe do seu jardim
- * Entregar em boas mãos os seus animais domésticos
- * Verificar os documentos e bilhetes de viagem
- * Mandar arranjar
- * Mandar limpar
- * Pagar as contas cujo prazo expire durante a sua ausência
- * Desligar o frigorífico e deixá-lo aberto (mas não o congelador)
- * Fechar cuidadosamente as torneiras da água e do gás
- * Fazer a lista dos amigos a quem deve escrever

sobretudo não esqueça...

- * Confiar-nos os seus objectos de valor
- * Adquirir os cheques de viagem de que necessitar
- * Levar o nosso porta moedas do viajante
- * Pedir-nos todas as informações acerca da moeda dos países que tenciona visitar.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta





A «nova vaga» do Barreirense, garantia de mais largos voos, agora que o clube regressa, com inteiro mérito, ao campeonato maior

BARREIRENSE: GRANDE OUTRA VEZ

REPORTAGEM CARLOS FIGUEIREDO

O grupo de futebol do Barreirense regressou à I. Divisão, onde, de facto, pertence, pelo seu passado prestigioso e pelo esforço dos que, presentemente, vestem a sua camisola.

É um momento de festa para a popular colectividade do laborioso centro fabril da margem sul, à altura do nome daqueles que, no passado, honraram o Barreirense: Pirezza, Câmara, Soeiro, Pascoal, Ricardo Vale, Maximiano e tantos outros.

Por lá têm passado, mais próximo de nós, jogadores que ao «association» nacional deram tardes e tardes de glória.

● O grande João Azevedo, para muitos (e não seremos nós a discordar), o mais extraordinário guarda-redes português de todos os tempos, ao serviço do também «grande» Sporting Clube de Portugal e da selecção.

● Azevedo foi um produto barreirense. Como outro enorme guarda-redes, seu herdeiro nas balizas do Sporting: Carlos Gomes.

● Vasques, José Augusto, ainda hoje estreia de primeira grandeza do futebol europeu, ao serviço do Benfica. Enfim, o Barreirense, novamente em momento de grande vibração e eufó-

ria, não precisa de tantos encómios. Tem um passado que fala por si.

O Barreirense representa um caso especialíssimo: embora clube de estirpe, depára com a dura realidade dos tempos correntes, não podendo furtar-se ao desequilíbrio provocado pelas grandes potências do profissionalismo. Aqui, prevalece também a lei do mais forte. Uma grande equipa custa rios de dinheiro. E o único rio que o Barreirense «possui» (além do Tejo, que não é só seu) é um passado gloriosíssimo, mas que não serve, infelizmente, como aval bancário...

Assim (para o Barreirense) como para tantos outros clubes de recursos materiais limitados — cada temporada é uma epopeia, com as consequentes oscilações «barométricas», que a tabela de classificação de cada campeonato auffer. E, últimamente, os lugares ingratos, somada a pontuação final, têm affligido regularmente o Barreirense...

DEZ (!) SUBIDAS E DESCIDAS EM 28 ANOS!

Repáre-se só no fadário que tem sido a vida do clube, desde 1939, em que terminou o primeiro Campeonato Nacional da I Divisão:



Libânio — Guarda-redes totalista, não obstante os seus 38 anos!



Azmir — O brasileiro, «capitão» da equipa.

● Nesse ano, ficou em sexto lugar. Sucessivamente, até 1942, as suas classificações foram: 5.º, 6.º, 6.º. Veio então a primeira descida. E a mais longa permanência na II Divisão: 9 anos, até 1951. Dai para cá, é curiosíssima e impedir a «agitada» vida do velho F. C. Barreirense: 8 épocas consecutivas entre os maiores, tendo como melhor classificação um 5.º lugar, em 1953. Mas, em 1958/59, «recomeçava» a sua sina de autêntico «sobe-e-desce», com uma pendularidade caprichosa: último da

I Divisão, descida automática; uma época na II Divisão, subida imediata (1960); uma época na I Divisão, descida automática (1961); nova época vitoriosa no segundo escalão e... subida automática (1962); duas temporadas seguidas em «primeira» e nova despromoção em 1964; mais uma temporada entre os «segundos» e mais uma espectacular subida (1965); no final de 1966 era novamente o 14.º classificado e teve de cumprir a época seguinte (a que está prestes a termi-



Aqui está, bem espelhada, toda a aplicação que os jogadores do Barreirense põem na luta pela gloriosa camisola do clube. Dois veteranos, Lança e Faneca, de pé, assistem ao esforço de um companheiro.

PERFIL DO TREINADOR



JANOS ZORGO, treinador do Barreirense, começou a sua carreira no Boavista, como jogador-treinador, em 1953/54, logo conseguindo para os «axadrezados» a vitória no campeonato e a subida de Divisão. Deixou, então, de jogar, para se dedicar exclusivamente ao cargo de técnico: num clube modesto do Norte, o Pejão. Depois, serviu o Sporting da Covilhã, durante duas épocas, levando o clube serrano à I Divisão e, também, à conquista da «Taça Disciplina». Treinou, sucessivamente, o Montijo e, de novo, o Boavista, sempre com excelentes resultados, até que ingressou no Torriense, levando-o à conquista do «Nacional» da II Divisão e... a mais uma espectacular subida.

Após uma temporada no Oriental, eis que toma conta do Barreirense, no ano passado, conduzindo-o, como se sabe, à Divisão principal.

Janos Zorgo, um treinador honesto e competente, foi também jogador do F. C. Porto, quando veio para Portugal, em 1951. Esteve ainda no Vila Real antes de ingressar no Boavista.

Nascido em Budapeste, em 1921, alinhou em dois grandes clubes magiares: o Ujpeste e o Vasas e foi internacional júnior, militar e civil, pela Hungria, dezenas de vezes. Nômade do futebol, como tantos compatriotas seus que se dedicaram ao «desporto-rei», jogou também na Checoslováquia, Roménia e Itália, onde representou vários clubes, entre 1947 e 1951.

OS 18 JOGADORES UTILIZADOS ESTA ÉPOCA

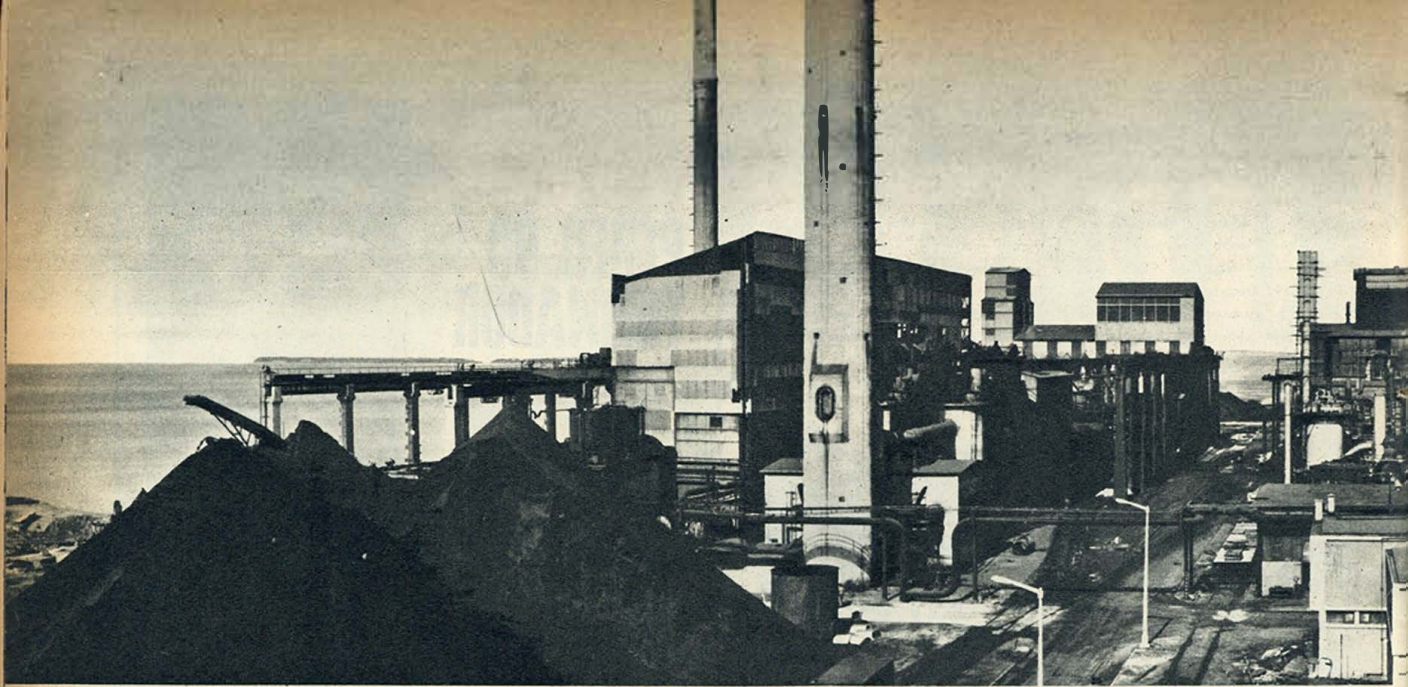
Nome	Lugar	Data do nascimento	Naturalidade	Clubes que representou	No Barreirense desde
LIBANIO Gomes Avelar	«keepers»	19 - 9 - 928	Barreiro	Sportink, Atlético. Cuf. S. L. Olivaís	1966/67
Fernando Salvador FANECA	defesa	27 - 4 - 935	Montemor-o-Novo	Barreirense	1951/52
DIAMANTINO Mendonça	médio	5 - 6 - 944	Moit.	1.º de Malo Sarilhense	1966/67
TOMÉ Sousa Pinto	defesa	12 - 3 - 940	S. Tomé e Príncipe	Andorlinhas (S. Tomé) Marítimo (Funchal)	1965/66
António Costa BANDEIRA	médio	20 - 8 - 943	Barreiro	Barreirense	1958/69
ANDRÉ Francisco Cruz	médio	15 - 12 - 937	Dondo (Angola)	Atl. de Luanda. CUF, Vlanense. Luso. Seixal	1966/67
José Gomes NOGUEIRA	avanzado	12 - 7 - 938	Barreiro	Barreirense	1963/64
ALVARO Silva Oliveira	avanzado	27 - 4 - 938	Lisboe	Casa Pia, Cuf. Casa Pia	1966/67
José Asunção LUDOVICO	avanzado	13 - 5 - 942	St.ª Eulália (Elvas)	Elvas e Campomaiorense	1962/63
Luis Manuel MIRA	avanzado	2 - 4 - 943	Barreiro	Barreirense	1958/59
ROGÉRIO Delgadinho	avanzado	12 - 8 - 946	Athos Vedros	Barreirense	1963/64
ALBINO Silva Pereira	médio	7 - 7 - 933	Barreiro	Luso	1967/68
António Diogo GARRIDO	avanzado	30 - 8 - 940	Vila Fr. de Xira	Barreirense, Seixal, Almada	1962/63
AZUMIR Luis Verissimo	avanzado	7 - 6 - 935	Guanchar (Brasil)	F. C. Porto, Sporting da Covilhã	1965/66
AURELINO Teixeira Miranda	médio	5 - 9 - 946	Barreiro	Barreirense	1961/62
António Henriques MCRATO	médio	20 - 3 - 937	Charneca (Lisboa)	Sporting, Vit. Setúbal, Lusitano de Évora	1966/67
Vitor MARREIROS	defesa	9 - 6 - 941	Barreiro	Gallitos do Barreiro	1966/67
J. da Silva GAIOLAS	avanzado	18 - 12 - 944	Athos Vedros	CUF, Luso	1966/67



Faneca — Um dos mais antigos futebolistas do Barreirense ainda em actividade.

nar) na II Divisão, com o êxito que já se conhece e o Barreiro quase em peso comemora já.

Manter-se-ão, desta feita, os brissos rapazes da camisola «rubro-branca» definitivamente entre os maiores do futebol português, ou... capricharão em manter antes uma «tradição» realmente invulgar e, alternadamente, agradável e desagradável?



CUF:

PRESTÍGIO

ESCREVE-SE COM

TRÊS LETRAS



As Fábricas da CUF no Barreiro estendem-se quase a perder de vista. Para dar uma ideia da grandeza das instalações, diremos que existe uma rede privativa com 800 telefones automáticos. NA FOTO: Imagem parcial da maquete das fábricas.

FABRICO de sabões e saonetes de todas as qualidades, velas de estearina, óleo de purgueira e todos os mais óleos já conhecidos ou que venham a descobrir-se, e o comércio de todos estes produtos e oem assim o comércio do tabaco... — eram estes os fins a que se destinava a Companhia União Fabril aquando da sua fundação, em 1865. No final do século, porém, efectuada a fusão com outra companhia por iniciativa do industrial Alfredo da Silva — grande renovador das concepções industriais do seu tempo — iniciou a CUF o caminho que, em poucos anos, levaria a empresa ao primeiro plano da indústria nacional.

O emblema da roda dentada com a sigla CUF tornou-se um símbolo de capacidade de trabalho. A CUF iniciou o longo processo que a conduziria à construção de novas unidades fabris, respondendo às crescentes necessidades do país, alargando o seu campo de acção. O Barreiro abriu as suas fronteiras a todo o continente e ao ultramar. Hoje, pode dizer-se, não há ninguém em Portugal que não conheça o nome — o bom nome da CUF e das suas associadas.

O aspecto actual do Barreiro reflecte a evolução por que a companhia passou, ao longo da sua existência, especialmente desde 1908, ano em que começou a construção das primeiras fábricas de ácido sulfúrico e de superfosfato. Todo o desenvolvimento posterior foi orientado no sentido da recuperação de subprodutos, de instalação de indústrias afins, da modernização de meios, tendo em vista o acréscimo da produtividade e a melhoria das condições de vida e de trabalho para o pessoal. As fábricas do Barreiro representam sensivelmente 80% da actividade industrial da companhia, empregando cerca de 7 300 indivíduos.

Sob o aspecto funcional, as fábricas da CUF, no Barreiro, registam um avanço comparável às mais modernas empresas similares no estrangeiro. Zonas, departamento e serviços correspondem a

necessidade de sistematizar o trabalho e a produção, aumentando o seu rendimento geral.

Cada zona corresponde a um grupo de actividades afins e constitui, com os seus órgãos de funcionamento e de apoio, a base essencial da estrutura das fábricas do Barreiro, onde existem, actualmente, as «zonas» de Produtos Químicos, Adubos e Pesticidas, Metais não ferrosos, Química Orgânica, Metalomecânica e Têxtil.

Na zona de Produtos Químicos avulta a produção de ácido sulfúrico (cerca de 600 toneladas por dia), tendo ultrapassado a produção anual efectiva de duzentas mil toneladas, o que coloca a CUF na posição de um dos principais produtores europeus.

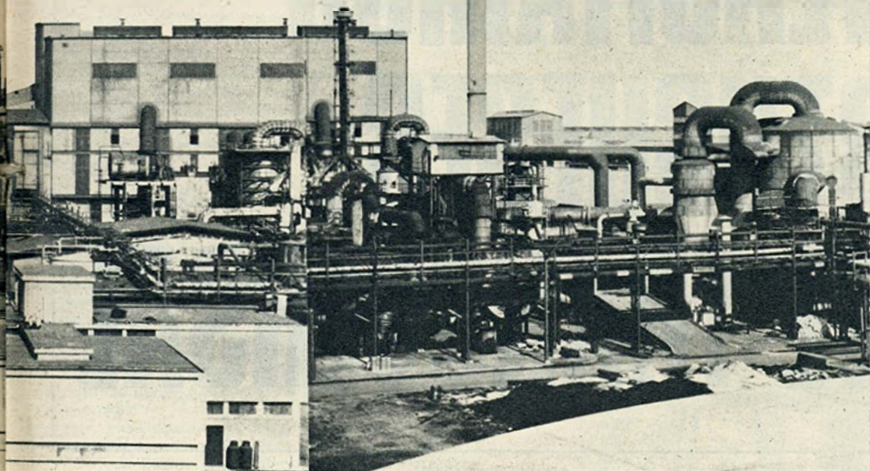
A zona Adubos e Pesticidas fabrica o produto porque é geralmente mais conhecida do grande público a actividade da empresa: os adubos. Mais de 100 000 toneladas por ano de adubos em pó e granulados, bem como uma vasta gama de produtos pesticidas, são postos à disposição da lavoura nacional e encaminhados para o estrangeiro.

A actividade da Companhia no campo dos metais não ferrosos, foi consequência lógica do fabrico de ácido sulfúrico a partir de pirites, para recuperação do cobre contido nos resíduos da pirite ustulada. Por este meio se iniciou o fabrico de sulfato de cobre em Portugal, de mesmo modo se engloba nesta zona a recuperação de chumbo, ouro, prata, selénio e sulfato de sódio.

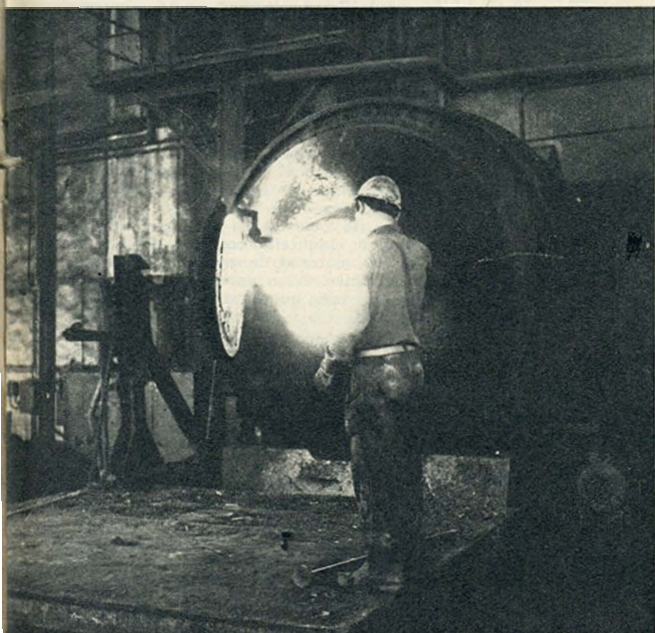
Também a produção de óleos alimentares, que representa cerca de 60% do consumo nacional, é uma activi-

Cerca de 7 300 empregados fazem funcionar as vastas instalações da CUF no Barreiro. No campo da segurança social, os colaboradores da empresa são protegidos por um sistema que se inspira na doutrina social da Igreja.

Com a utilização de novos tipos de fornos de pirite nas fábricas de ácido sulfúrico de contacto, deu-se início à recuperação de calor dos gases de ustulação, tendo-se obtido uma fonte importante de vapor, que provavelmente permitirá, no futuro, o autoabastecimento das fábricas do Barreiro. Muitos milhares de toneladas de ferro estão nos montes negros de cinzas de pirite que se vêem à esquerda. Depois das tratadas as pirites, para a obtenção de ácido sulfúrico, as cinzas que restam têm ainda um teor de ferro bastante elevado: cerca de 90%



Uma fase da actividade da CUF no campo dos METAIS NÃO FERROSOS. Aqui se recupera o cobre contido nos resíduos da pirite ustulada (para a obtenção de ácido sulfúrico).



Zona têxtil. Com uma gama considerável de produtos destinados aos mercados nacional e estrangeiro, a CUF situa-se, no ramo da fição e tecelagem de juta, na segunda posição europeia.



tradição da Companhia. Os subprodutos desta indústria — farinhas alimentares e *tourteaux* — atingiu uma expressão de importância no quadro da produção nacional congénere.

A exploração das fábricas têxteis, destinadas principalmente a satisfazer as necessidades de ensacamento de adubos, data também de 1908. Actualmente trabalham nesta zona — em que é preocupação constante a renovação e a adaptação do equipamento a novos tipos de fibras e tecidos — mais de 2300 pessoas de ambos os sexos

Um sem-número de produtos tem a sua origem nas instalações da CUF, constituindo apreciável contribuição para o desenvolvimento da economia nacional e representando fontes de tra-

balho para maior número de portugueses.

O aspecto geral das fábricas do Barreiro é o de uma grande cidade de chaminés, grossos tubos prateados e enormes edifícios, diante dos quais o homem fica reduzido à proporção de formiga. No entanto, mercê da política social adoptada pela empresa, o trabalhador de qualquer nível é tratado não só como elemento de produção, mas também como participante na riqueza adquirida. Algumas experiências de muito interesse têm sido tentadas no domínio social pela administração da CUF.

O emblema da roda dentada significa, hoje mais do que nunca, trabalho humano.

UNIVERSITÁRIOS PORTUGUESES: UM CORTE TRANSVERSAL

POR EMÍLIO PRAÇA

A população universitária portuguesa, embora sujeita aos efeitos de um processo de evolução, acusa ainda forte tendência tradicionalista e conservadora. Por outro lado, nota-se que o meio influencia largamente as atitudes e opiniões dos universitários: os do Porto e, sobretudo, os de Coimbra, revelam uma mentalidade mais conservadora do que os de Lisboa.

Resumimos, assim, dois dos aspectos genéricos das «Conclusões» do II Inquérito Geral à Universidade («Situação e Opinião dos Universitários») promovido pelas Direcções-Gerais da J. U. C. e realizado pelo Gabinete de Estudos e Projectos de Desenvolvimento Sócio-Económico. Este inquérito, há pouco publicado com um prefácio do prof. Adérito Sedas Nunes, é de uma utilidade evidente: para além de nos permitir uma informação mais completa acerca dos universitários portugueses, constituiu um indispensável ponto de partida para futuros estudos de carácter sociológico sobre uma das mais importantes camadas da população portuguesa.

● O inquérito, efectuado em Março de 1964, teve por objectivo conhecer o pensamento e as ideias dominantes dos estudantes universitários e o questionário «abrangeu um extenso campo de pesquisa social sobre a vida e o pensamento dos universitários portugueses, com particular relevo para os seguintes aspectos dominantes: a escola, o ensino e os problemas de estudo, a vocação, a preparação e as aspirações profissionais, a situação económica e social do estudante, os tempos livres, a família, os problemas culturais e a situação religiosa e morais».

● É amplo, como se vê, o âmbito do inquérito que, no volume publicado, se estende por mais de 450 páginas. Assim, cabe aqui um aviso: pretendemos, agora, apenas enumerar alguns dos aspectos da população universitária, utilizando elementos do Inquérito. No fim, tudo ficará por dizer. No entanto, parece-nos que se deve dar ao assunto a máxima publicidade a todos os níveis, no intuito de fornecer a informação que tantas vezes nos falta.

POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA — A população universitária portuguesa (incluindo os Estudos Gerais de Angola e Moçambique) pode, hoje, ser estimada, em números absolutos, entre 30 000 e 38 000 estudantes. Apesar de, pelos elementos colhidos, se verificar que a população universitária a que se refere o inquérito aumentou (em Lisboa, Porto e Coimbra) um pouco mais de 28% em qua-

tro anos, teremos que concluir que aqueles números estão ainda longe de serem satisfatórios. Nem é necessário recorrer a comparações com outros países. Veja-se, no entanto, a título de exemplo, o número de universitários por 1000 habitante: Portugal (1961) — 2,4; Espanha (1960) — 2,6; Grécia (1959) — 2,8; Itália (1959) — 3,3. Por outro lado, todos sabemos que muitas das escolas das nossas Universidades estão superlotadas e o inquérito permite concluir que «é bastante baixa a proporção entre diplomados e matriculados» (percentagem de 7,8 em 1964/65).

DISTRITOS COM MAIS UNIVERSITÁRIOS

— No conjunto dos alunos matriculados no ano lectivo de 1955/56, verificava-se que 70,1% eram homens e 29,9%, mulheres; em 1964/65, assistimos a um aumento da população feminina para 39,4%, e a um decréscimo da população masculina para 60,6%.

Anote-se, agora, que a distribuição dos estudantes por centros universitários nos mostra predomínio absoluto de Lisboa, e um decréscimo na posição de Coimbra, a favor, sobretudo, do Porto. A maior parte dos universitários de Lisboa e Porto são naturais destes distritos (41,5% e 50%, respectivamente) e mais de metade dos universitários nascidos no Continente são naturais dos distritos de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro que, com as Ilhas e o Ultramar, constituem mais de sessenta por cento da população universitária metropolitana. E sete distritos apresentam percentagens inferiores a 2,5 por cento. São eles: Beja, Bragança, Évora, Portalegre, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real. De salientar que cinco destes pertencem a duas grandes províncias: Alentejo e Trás-os-Montes.

AS DESPESAS DOS UNIVERSITÁRIOS

— As respostas à questão «despesas de alimentação e alojamento dos universitários que não vivem com a família» (45,5%) permittem-nos observar o seguinte: quanto a *pensão completa*, os valores médios, em Coimbra e no Porto, estão entre 600\$00 e 1200\$00, com predomínio dos valores de 600 a 900\$00; em Lisboa, entre 600\$00 e 1500\$00, com predomínio dos valores de 900\$00 a 1200\$00; quanto a *alojamento sem pequeno almoço*: Coimbra — 200\$00 a 400\$00; Lisboa — média de 400\$00; Porto — predomínio de médias até 400\$00. Atente-se, porém, que 11,3%

dos universitários indicam gastos superiores a 600\$00.

Claro que temos outras modalidades e *aindas despesas mensais em material de estudo, transportes e extraordinários*. Lisboa é a cidade onde um maior número de estudantes (63,1%) gasta em transportes. Quanto aos *«extraordinários»* (os rapazes mostram-se mais gastadores do que as raparigas), temos que, para 67% dos estudantes os gastos ascendem a mais de 500\$00 mensais. Estão neste caso (mais de 500\$00) 8,8% em Coimbra, 14,1 em Lisboa e 9,7, no Porto. Em resumo, o *«Inquérito»* conclui que nas despesas em material de estudo, transportes e *«extraordinários»*, o universitário gasta, em média, por mês, quantitativos que vão de 250 a 600\$00.

A maioria dos estudantes (80 por cento) encontra na família a origem dos seus recursos económicos. Por centros universitários, indicamos recorrer à família: Coimbra 90,4%; Lisboa, 75,3%; Porto, 80,2%. A segunda fonte de recursos é o *«emprego próprio»* — indicada por 22,6% em Lisboa, 16,8% no Porto e apenas 5,4% em Coimbra. Outras fontes indicadas: emprego do cônjuge, bolsas de estudo (4,9% dos estudantes) e rendimentos de bens próprios.

E, a propósito de ser a família a origem dos recursos económicos da maior parte, será oportuno referir alguns dos elementos que o *«Inquérito»* põe à nossa disposição, acerca da procedência social da população universitária. Assim, anotemos, desde já, quanto à *«profissão do pai do universitário»*: baixas percentagens de *«trabalhadores e empregados modestos»* (7,8%); percentagens mais altas para os *«pequenos industriais ou comerciantes de retalho»* (13,4%); boa representação dos *«empregados categorizados das empresas, industriais e comerciantes grossistas»* (15,8%); idem para os *«funcionários do Estado (16,1%) e «directores e funcionários superiores de empresas particulares»* e ainda os *«profissionais liberais»* (17,9%). A ocupação de *«proprietário (rural e urbano)»* correspondem 12,1%; a oficiais das *«forças armadas ou da marinha mercante»*, (3,6%).

Salientamos ainda que as percentagens superiores à média do conjunto, para a *«profissão de trabalho modesto»* existem no caso dos pais dos alunos de Direito, Ciências Sociais e Engenharia; as *«profissões liberais»* e de *«directores ou funcionários superiores de empresas particulares»* predominam entre os pais dos alunos de Letras, Direito, Engenha-

ria. Ciências relativas à Medicina e Agricultura.

Por outro lado, deve acentuar-se que a maioria das famílias dos universitários (segundo a opinião destes) se reparte pelos dois grandes escalões: remediado (47,1%) e nível desafogado (43,2%). Só uma pequena percentagem (5,7%) classificou de pobre o nível de vida da sua família, sendo esta posição mais acentuada entre os rapazes.

Finalmente, os resultados do «Inquérito» revelam-nos que a instrução dos pais dos universitários se distribui pelos três graus do ensino, em partes sensivelmente idênticas: primário, 32,6%; secundário, 27,4%; médio e superior, 36,2%; sendo, por isso, relativamente pequena a percentagem dos que não têm instrução: 2,7%.

OPINIÃO SOBRE A LIBERDADE DE ENSINO

— Constitui problema grave para quantos se debruçam sobre a realidade do ensino em Portugal a inexistência de universidades não estaduais e o conseqüente monopólio do ensino superior a que só aderem 10% dos universitários, sendo a grande maioria (73,8) a favor do «sistema de liberdade escolar activa». O monopólio favorece a cristalização de um ensino que se queria dinâmico e que, segundo quase metade dos universitários, deve «permitir a formação de uma cultura superior, possibilitando a compreensão do mundo, da vida e seus problemas». Acrescentando o facto de 93,2% dos universitários não terem feito qualquer prova de orientação profissional (o que justifica que só 72% se encontrem contentes com o curso que escolheram), estaremos perante uma série de problemas graves que afectam o nosso ensino superior. Em muitos casos, as condições de estudo não serão as melhores; a «preparação profissional fornecida pelo ensino universitário» no conjunto, é média mas com tendência para deficiente; uma percentagem razoável de estudantes (5,6%) recorre a explicadores para resolver problemas de estudo. A análise dos resultados revela ainda que a maioria dos estudantes (60,8%) já utilizou «cábulas» alguma vez ou copiou nos exames. Nota-se que «é ligeiramente superior entre os rapazes a percentagem dos que copiam, sendo o Porto o centro universitário onde a prática de fraude no exame parece ser menos corrente. Além disso, a prática de copiar acentua-se à medida que aumentam os anos de frequência da Universidade. Onde estará o mal: no ensino ou nos estudantes? Repare-se que é nos cursos de Ciências Sociais, Letras e Engenharia que a prática de copiar é mais frequente e atinge o seu menor valor nos Cursos de Ciências.

PASSATEMPOS E PREOCUPAÇÕES CULTURAIS

— É importante a vida do estudante para além das aulas e do estudo. A ocupação dos tempos livres pode proporcionar um maior rendimento no trabalho intelectual e permite, a muitos, aumentar os seus conhecimentos com vista a uma melhor cultura geral. Com efeito, a leitura e o cinema são os passatempos preferidos pelos universitários de todos os ramos de ensino, exceptuando os de Agricultura que preferem o convívio e os desportos. Quase metade da população universitária (45,7%) não pratica ginástica nem qualquer desporto e mais de metade aproveita o domingo para estudar (51,1%). No campo das leituras recreativas e de cultura geral, salienta-se que o género literário preferido pela maioria (63,8%) dos estudantes universitários é o romance, seguido pelos livros e artigos de divulgação, poesia e tratados, teses e trabalhos de investigação. À margem do curso, as matérias que mais interesse suscitam são a Literatura, a Música, a Sociologia, a Psicologia e a Religião.

Outras leituras que teria interesse referir: a dos jornais diários e revistas. Aponta-se, simplesmente, a preferência dos estudantes pelos jornais informativos, chamando a atenção para o aumento dessa preferência entre os universitários dos últimos anos pelos jornais de orientação menos sensacionalista. Das

secções dos jornais diários com maior interesse destacam-se o noticiário do estrangeiro (47,1%) e o noticiário nacional (28,3%). Quanto a revistas, é-nos grato informar que a «Flama» se encontra entre as revistas mais lidas: 22,4%.

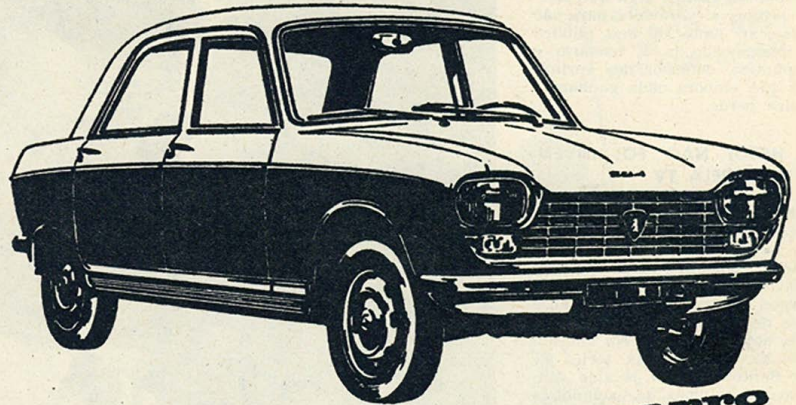
PROBLEMAS NACIONAIS — A contar com a sua futura posição (e possível interferência) na vida da sociedade portuguesa, seria absurdo pensar que o universitário vive apenas entregue aos seus problemas de estudo e circunscritos, completamente alheado dos problemas mais importantes da vida nacional. Com efeito, assim não acontece. Vejamos: para 69,5% dos universitários a questão do ultramar é o problema mais importante. Seguem-se o problema da educação da juventude (44,5%), questão agrária (40%), justiça social em relação ao trabalho (37,5%), acesso das massas populares à cultura (32,9%).

No tocante a problemas internacionais, referimos que cerca de 80% dos universitários concorda com a ideia de uma Europa politicamente unida, embora a maior parte des-

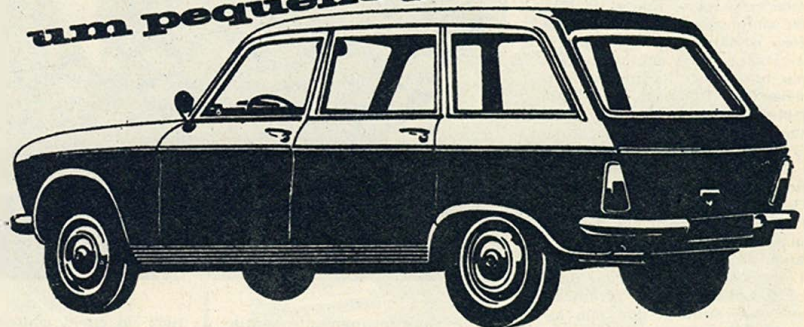
tes (42%) ache que tal só é realizável por meio de uma «lenta evolução». E a propósito de político, anota-se, que, nas respostas ao «Inquérito» apenas 12,5% dos universitários mostraram conhecer todos os estados integrados na E. F. T. A. Quanto à ONU a maioria entende que não deve permanecer como está e, destes, 38% é de opinião que a O. N. U. «deve ser reformada».

★

O «Inquérito» estende-se por mais de 450 páginas e são inúmeras as questões que foca, com a profundidade que é permitida a um trabalho do género. Repetimos, portanto, que apenas nos interessou destacar alguns pormenores que desejamos sirvam de informação. Há altos e baixos na vida e no pensamento dos universitários portugueses. Compreende-se, por exemplo, que 32,9% dos inquiridos tenham errado na identificação de Miguel Torga? Pois compreende. As dificuldades existem, em parte, e muitas, nas próprias estruturas do ensino.



um pequeno grande carro



204
PEUGEOT

MOGAR, LDA.

Av. Ant. Aug. de Aguiar, 15-A, 19-B - LISBOA

MOTOR - disposto transversalmente
Inclinado a 20°
Super quadrado - 4 cilindros
Cilindrada - 1130 c.c.
Taxa de compressão - 8,8/1
Potência - 58 HP
Regime - 5800 r.p.m.
Cabeça em alumínio de câmaras
bi-hemisféricas
Válvulas e cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES - 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO - traseira e dianteira independente
DIRECÇÃO - de cremalheira
TRAVÕES - de disco à frente, atrás de tambores, assistidos com servo-freio
PNEUS 145 x 14
CONSUMO - entre 6, 8 e 8,5 l aos 100 Km, segundo carga, percurso velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA 142 Km/h

O "SANTO" À BEIRA DA DECADÊNCIA (3)

NO prosseguimento da nossa conversa, quisemos saber se Roger Moore, não sendo um «duro», sentia atracção pelos papéis de desempenhava na TV. Explicou-nos:

— Conquanto goste do meu trabalho, estou limitado pelo código dos heróis da televisão. Assim, embora o «mau» me mimoseie com pontapés no estômago, não posso aparecer como responsável pela sua morte. Os heróis da TV nunca matam.

E Roger explica melhor:

— Não posso abrir uma excepção, empregando métodos usados pelos malfetores, para que os jovens não sejam influenciados pelo que vêem.

Outra das cláusulas é a de se devolver sempre o dinheiro ou o objecto roubado pelos «maus». Assim, «O Santo» terá que sair-se sempre alicadamente, para não atrair ao lado do seu público a imagem do herói lendário e romântico, defensor dos oprimidos que, embora nada ganhando, nunca perde.

O HERÓI NÃO FOI INVENTADO PELA TV

Este herói nasceu na imaginação do escritor Leslie Charteris há cerca de quarenta anos. Não foi, portanto, inventado pela televisão que, no entanto, o divulgou em todo o mundo. Não é pois de estranhar que Charteris seja hoje milionário. No ano em que se iniciaram as séries de «O Santo» haviam já sido vendidos 22 milhões de exemplares dos seus livros. Os leitores dessas aventuras verificarão, porém, que «O Santo» dos livros era menos respeitável que o da TV, pela simples razão de que os guões já não eram escritos pelo seu criador. Uma equipa de técnicos molda «O Santo» às exigências da Televisão, sem que Charteris se importe com essa «maquilhagem», uma vez que isso lhe permite fartos lucros. «O Santo» original era mais um género de pirata.

Os leitores talvez ignorem que «O Santo» apareceu em dez películas de grande metragem quando Roger Moore era ainda um desconhecido. George Sanders e Louis Hayward foram os primeiros «Santos» que não lograram convencer o seu autor. Este procurava uma personagem mista de Ronald Colman e Cary Grant, e foi em Roger Moore que encontrou o que pretendia.

Enquanto falamos de tudo isto, Roger sorri, parecendo até recordar com nostalgia aquele primeiro balbuciar do «Santo» que hoje todos conhecemos. No dia 1 de Maio de 1962, há portanto cinco anos, foi anunciado em Londres que a um actor quase desconhecido, chamado Roger Moore, fora oferecido o papel principal numa nova série com o título de «O Santo». Os episódios seriam rodados nos «Associated British Studios».

— Recordo-me perfeitamente da primeira vez que entrei num destes filmes. Aparecia alegre, com o mesmo aspecto que hoje

O HERÓI NÃO FOI INVENTADO PELA T.V.



me vê, mas intimamente sentia-me preocupado e receoso de um possível fracasso. Felizmente fui bem acolhido e hoje já não sinto na da disso.

Não é preciso que no-lo diga. «O Santo» que temos na nossa frente é um actor realizado, seguro de si e do que faz. Um actor que chegou ao cimo da sua carreira, mas a quem o destino não poupará. Tal como tem feito a tantos outros, que mais tarde ou mais cedo acabam sempre por cansar.

PRIMEIRO EPISÓDIO: 30-9-1962

O primeiro episódio era a história dum homem que tentava envenenar a sua terceira esposa. Estreou-se a 30 de Setembro de

1962 no canal comercial da Televisão britânica. A hora escolhida era a melhor de Domingo, ou seja às nove e trinta. Hoje ainda, passados quase cinco anos, o «Santo» continua no mesmo canal e com o mesmo horário.

No fim de 1963, Roger Moore, Simon Templar, «O Santo» são já famosos na Grã-Bretanha e Estados Unidos, e em 1964 a sua aurota espalha-se por todo o mundo. Em Fevereiro desse mesmo ano foi convocado pelo médico da companhia de seguros da TV para uma rigorosa inspecção de saúde. E embora o diagnóstico fosse positivo, a companhia produtora acha por bem ter sempre à mão catorze «Santos» suplementares, não sobrevenha qualquer acidente, sobretudo quando se rodarem exteriores.

UM FINAL QUE... TALVEZ CHEGUE DEPRESSA

Em 1965 «O Santo» era disputado entre os directores de Bancos da City. Estava já então catalogado entre os milionários. E começaram os rumores: «O Santo» depressa morrerá — diziam uns. «Oxalá o cacemos» — insinuavam os directores de algumas companhias, pois não tardará o acaso das famosas aventuras. É certo que não se pode dar crédito a todos os ditos e mexericos, contudo o próprio Roger Moore em 1965, e depois em 1966, afirmou: «Já basta».

Apesar da insistência dos produtores, sabe-se que a série em rotação terminará em Junho. Resta saber se, à semelhança do que sucedeu o ano passado, elas recommearão mais uma vez, o que parece muito duvidoso.

TRABALHO DE ROTINA

As últimas frases saem enovoltas num sorriso de dúvida. Os empresários continuam a solicitar «O Santo», enquanto este hesita mais uma vez em retirar-se. E compara a sua retirada com a do seu amigo «Cordobés». Um dia, no entanto, será certo, pois ele próprio se confessa já cansado de fazer sempre o mesmo.

— Todos os dias chego aos estúdios às sete e meia e trabalho até às deztoito. Isto um dia após outro...

Concordamos em que deve ser cansativo e monótono. A julgar por nós, que apenas para ver filmar dois episódios passámos praticamente toda a tarde junto do «castelo» sem fantasmas... A rotação dum episódio leva em média 10 a 14 dias com a agravante da filmagem a cores ser mais difícil.

— A cor desgasta mais atendendo a que a luz tem de ser muito intensa. E embora você me veja aparentemente descansado, na verdade não é assim. Esta máscara que é a maquilhagem esconde-me a fadiga.

«AVENTURA NO ALASKA»

Em Hollywood, após ter filmado «Ivanhoe», «Maverick» e «The Alaskans» Roger Moore jurou, e perjuro, não rodar mais séries para a televisão. Os motivos eram diferentes dos agora apontados, quando se queixa resignadamente do seu trabalho.

— No primeiro dia de filmagens colocaram-me no «plateau» com uma matilha de cães. Principiei a chamá-los, mas não me ligaram importância, interessados como estavam em comer a neve artificial que cobria aquele «vale do Alaska». Quando por fim consegui que me ouvissem, avançaram na minha direcção, e o que vinha à frente parou um instante para alçar a pata junto dum pinheiro artificial, enquanto os outros seguiam o seu caminho... Senti-me estarrecer ao pensar que teria de continuar a filmar películas da mesma série.

(Conclui no próximo número)

UMA
SENSAÇÃO
DE
FRESCURA
NO SEU
DIA A DIA



Primavera

uma
água
de
colônia
agradável
de
tipo
francês



TEMPO

sempre
SINGER*
no seu lar!


FRIGORÍFICOS -
a nova Linha
Azul, com pres-
tações desde
115\$00, sem
entrada inicial



morrison

vida mais bela e confortável com **SINGER***

*Um marco de fábrica da The Singer Company



Artur Marques Glória saltou a vedação e, relvado adentro, cruzou o campo para abraçar o seu ídolo. Os braços iam abertos à espera de encontrarem os de Eusébio. O taberneiro de Casal Ventoso esperara vinte e cinco domingos por este momento que, afinal, lhe poderia ter sido fatal. Na gravura, a bota brutal já está erguida e vai atingir o peito do homem que foi a vítima do pior chute de Eusébio. Passou-se no Benfica-Belenenses, quando os «encarnados» asseguraram o título de campeões desta época. A imagem foi obtida por um repórter de ocasião. Apesar de má qualidade, constitui um documento autêntico de flagrante oportunidade.

O PIOR CHUTO DA CARREIRA DE EUSÉBIO

ESTRELA TAMBÉM TEM PÉ DE BARRO E PÉ DE BARRO TAMBÉM MAGOA

TEM TRINTA E CINCO ANOS E É UM HOMEM DE PORTE FÍSICO IMPRESSIONANTE. OLHA O REPÓRTER DE FRENTE, E QUANDO RESPIRA A CAMISOLA DESPORTIVA QUE VESTE DILATA-SE E CONTRAI-SE ALGUNS CENTÍMETROS. A NOSSO LADO, DIZEM-NOS QUE FOI TREINADOR DE BOXE E QUE ERA, ATÉ 1959, O PREPARADOR DO CAMPEÃO PORTUGUÊS FERNANDO SOTA.

— TIVE MEDO QUE O EUSÉBIO ME TIVESSE INUTILIZADO PARA TODA A VIDA. A MINHA FILHA NEM FOI À ESCOLA, POIS EU TIVE QUE PEDIR-LHE PARA ELA FICAR NA LUJA A AVIAR OS



Momentos de emoção na Luz: após o «chuto» incompreensível, Artur Glória jaz por terra, enquanto os jogadores rodeiam Eusébio (10). EM BAIXO: «Tive receio de que o pulmão tivesse sido afectado, mas, felizmente, já estou bem» — disse Artur Glória à «Flama», exibindo a camisola que Eusébio lhe ofereceu, para «fazer as pazes».



CLIENTES. BEM TENTEI SERVIR ALGUNS COPOS, MAS NEM ME CONSEGUIA BAIXAR... AGORA, FELIZMENTE ESTOU BEM.

DESPE LENTAMENTE A CAMISOLA. POR BAIXO, UM PEITO DE ATLETA NO QUAL SE VÊEM OS SULCOS PROFUNDOS RASGADOS PELA BOTA BRUTAL.

— DEIXEI QUE ME FOTOGRAFASSEM O PEITO. OS SEUS COLEGAS JÁ O FIZERAM UMA QUANTIDADE DE VEZES, MAS NÃO PERCEBO POR QUE É QUE NINGUÉM AINDA PUBLICOU A FOTOGRAFIA. É QUE SE ELA SAÍSSE E SE EU NÃO ME CURASSE, EU JÁ FICAVA COM UMA PROVA IMPORTANTE. E, ALÉM DISSO, QUERIA QUE OS MEUS CONSÓCIOS DO BENFICA VISSEM O QUE É QUE O EUSÉBIO ME FEZ...

O HOMEM FALA COM INDIGNAÇÃO. MAS OS JORNALIS DISSERAM QUE ELE PEDIA PÚBLICAMENTE DESCULPA AO EUSÉBIO.

— COMO É QUE ESCREVERAM UMA COISA DESSAS?... O EUSÉBIO É QUE ME PEDIU DESCULPA. E ELE É QUE TINHA DE FAZE-LO. EU SO QUERIA FELICITÁ-LO. E ELE FEZ-ME AQUILLO. A SUA SORTE FOI EU TER DESMAIADO. PORQUE, SENÃO, EU TINHA-O DESFEITO... OS SENHORES NÃO PENSEM QUE EU LHE TENHO RANCOR. O QUE ELE ME FEZ TÊ-LO-IA FEITO A OUTRA PESSOA QUALQUER. AGORA, O QUE PEÇO É QUE SE RESPONSABILIZE PELO MEU ESTADO DE SAÚDE. PORQUE, SE EU NÃO PUDER TRABALHAR, A MINHA FAMÍLIA TEM QUE CONTINUAR A COMER NA MESMA. FELIZMENTE, FUI BEM TRATADO PELOS MÉDICOS DO BENFICA.

O HOMEM TAPA O PEITO. PARECE QUERER ESCONDER A SUA GRANDE DESILUSÃO. SOFRE POR PENSAR QUE O SEU PULMÃO PODERÁ TER FICADO AFECTADO E PORQUE O SEU «ÍDOLO» TEM PÉS DE BARRO QUE MAGOAM.

E O RESTO É O QUE SE VIU NAQUELA TARDE DE FESTA NO ESTÁDIO DA LUZ. NA FESTA QUE ELE ESTRAGOU. A FESTA QUE COMEÇARA NELE E QUE COM ELE ACABOU.

REPORTAGEM DE
JORGE SCHNITZER

O PORTO VEIO PARA A RUA VER O CORTEJO PASSAR

REPORTAGEM PINTO GARCIA
FOTOS JOSÉ RUIZ

O PORTO APERTOU-SE NAS RUAS DA BAIXA PARA VER O CORTEJO PASSAR. E ASSIM TODOS OS ANOS. O CORTEJO DA «QUEIMA DAS FITAS» E ATRACÇÃO IRRESISTÍVEL. ENTROU NA TRADIÇÃO. OS TRANSTORNOS QUE ELE CAUSA AO RITMO NORMAL DA VIDA DA CIDADE SÃO COMPENSADOS PELA ALEGRIA QUE PROPORCIONA A MILHARES DE PESSOAS.

DURANTE umas horas, o centro do Porto ficou parado. Todo o trânsito foi interrompido nessa área. Os transportes públicos desviados. As janelas e as ruas encheram-se de expectativa. As empregadas dos estabelecimentos viraram as costas ao balcão e foram para as portas dar uma espreitadela. Nos passeios, a multidão comprimia-se. E o cortejo passou. Devagar. Irreverente. Irreverência que os mais velhos olharam com condescendência e os mais jovens como um estímulo. De cartola e bengala, com as cores da respectiva Faculdade, estudantes enfiavam-se nas alas de público para dizerem uma graça.

Os carros passaram. Economia. Farmácia. Medicina. Letras. Engenharia. Em cada um deles havia uma piada, um lamento, um desejo. «A vida acaba assim», explicava, sem lugar para dúvidas, um leiteiro num dos carros de Medicina, onde se via o desenho de um esqueleto. Ou a graça para uso interno: «Vamos dormir, vamos dormir / Estou aqui que nem me sinto / Vamos todos assistir / À aula do Silva P...» (2.º ano Médico). Ou aquele desejo de ser útil ao próximo, pelo lado dos químicos: «Vamos a ver se descobrimos um novo elemento. BAC (bacalhau).» O «sr. Cunha», por seu lado, era vedeta num dos carros de Economia, enquanto os futuros engenheiros de electrotecnia traziam no carro um enorme transformador de alta tensão ligado a uma pipa onde se lia «fonte de alimentação — carrascão da Meda».



Não, não foi para a fotografia. Andaram mesmo assim pela cidade. EM BAIXO — Os cartolados passearam ruidosamente a sua alegria. E «elas» não estão em inferioridade numérica.



O público preso pela irreverência dos estudantes, foi todo olhos para o cortejo, e valeu a pena.



A alegria dos estudantes presidiu a todo o cortejo. Eles e elas divertiram-se a grande



Todos os «convitados» estavam presentes na «cerimónia» da colocação da primeira pedra para a cidade universitária. Nem a «TB» faltou.

Durou mais de quatro horas a passagem do cortejo. Uma pausa aqui, outra acolá, outra mais ali. Pausa para refrescar as goelas, pausa para trocar piropos com as meninas bonitas que orlavam os passeios, pausa para atirar uma serpentina com a cor da respectiva Faculdade. Por lá andou uma equipa que anunciava a colocação da primeira pedra para a «cidade universitária». Não faltavam as pás, a pedra, nem a reportagem da «TB» (com câmara e girafa montadas num carrinho de bebé). Por lá andou a alegria esufiante e comunicativa e o bom humor dos jovens universitários. Eles transformaram o centro do Porto, por uma tarde, em zona de «convívio intenso. E como em «A Banda», as meninas, o homem sério, o faroleiro, a meninada, o velho fraco e a moça triste regressaram às suas ocupações: «o que era doce acabou / tudo tomou seu lugar / depois que o cortejo passou».



O ENG. MONTEIRO DE BARROS, VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ICESA DISCURSANDO DURANTE A SESSÃO REALIZADA PARA ENTREGA DAS CHAVES AOS PRIMEIROS MORADORES-PROPRIETÁRIOS DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS. O QUE JÁ ESTÁ REALIZADO PERMITIU AO ORADOR AFIRMAR QUE A ICESA CUMPRIU TODAS AS OBRIGAÇÕES QUE A SI PRÓPRIA IMPUSERA

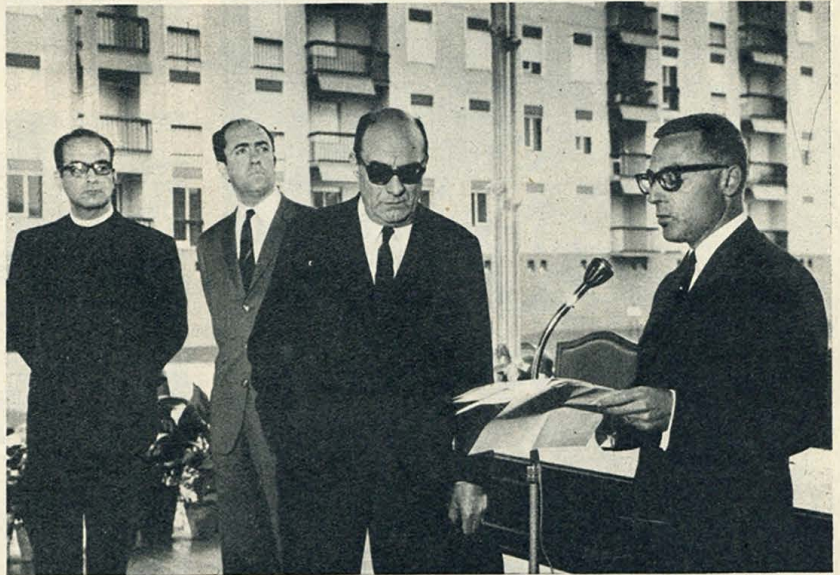
EM SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS OS PRIMEIROS MORADORES BENEFICIAM DAS COMODIDADES DE UMA CIDADE BEM ORGANIZADA

Dando cumprimento a obrigações que a si própria impusera, a Icesa (Indústrias de Construção e Empreendimentos) promoveu agora, em Santo António dos Cavaleiros (Loures), a cerimónia da entrega das chaves aos primeiros moradores-proprietários que ali se instalaram já.

O facto merece relevo, pois representa a magnífica concretização daquilo que, há apenas um ano ainda, era só um belo plano: erguer numa propriedade rural — embora dotada de excelente posição e outras qualidades — uma pequena «cidade», com todo o conforto e condições de vida. Agora, Santo António dos Cavaleiros já tem moradores. Trata-se da vitória do esforço de excelentes técnicos, ao serviço de uma empresa que visou um objectivo de ordem material sem descuidar os seus aspectos de carácter social. Porque as habitações de Santo António dos Cavaleiros — quer adquiridas através das Caixas de Previdência ou directamente — representam o acesso à propriedade.

As habitações foram benzidas pelo rev. João Perestrelo, antes do acto da entrega das chaves, e os participantes na cerimónia puderam verificar que Santo António dos Cavaleiros oferece já todas as comodidades aos seus primeiros habitantes: as ruas estão concluídas, assim como as passagens de peões, parques de estacionamento e redes de luz, água e esgotos, dispondo ainda o aglomerado habitacional de uma central de gás butano com rede de distribuição para cada casa.

Em breve, um centro comercial funcionará em Santo António dos Cavaleiros, estando o problema dos transportes igualmente solucionado.



O REV. PADRE JOÃO PERESTRELO, QUE PROCEDEU À BENÇÃO DAS CASAS, FAZ ENTREGA DE UMA DAS CHAVES. NO EXTREMO DIREITO DA FOTO, O DR. QUIRINO MEALHA, ADMINISTRADOR DA ICESA.

7 DIAS DE TV

SEXTA-12

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — HISTÓRIA PÁTRIA — 1.º Ano.
 15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.
 15.55 — DESENHO — 1.º Ano.
 16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 2.º Ano.
 16.50 — FRANCÊS — 2.º Ano.
 17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.
 17.45 — HISTÓRIA PÁTRIA — 2.º Ano.
 18.15 — FRANCÊS — 1.º Ano.
 18.40 — DESENHO — 2.º Ano.
 19.00 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui reportagem directa de Fátima.
 19.45 — AGENDA DA PRAÇA.
 19.50 — SÉRIE JUVENIL: «Os Vigilantes da Floresta».
 20.20 — SANGUE NA ESTRADA, por Joaquim Filipe Nogueira.
 20.35 — BARREIRA DE SOMBRA.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — HOMENS E AVIÇES, por A. Canha e Sá.
 21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição.
 21.55 — O BOM PASTOR — GOING MY WAY: «O País» — episódio filmado, com Gene Kelly, Dick York, Leo Carroll e Miriam Goldina. Realização de Alex March.
 22.55 — CONCERTO, pelo Grupo Coral «Stella Vitea», sob a direcção de Alberto Allemão que interpretará obras de Palestrina e Vitória.
 23.15 — FÁTIMA — Transmissão directa do Santuário da Cova da Iria das cerimónias do cinquentenário da aparição de Nossa Senhora.
 23.55 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias).

SÁBADO-13

1.º Período

- 10.02 — EUROVISÃO — FATIMA — Transmissão directa do Santuário da Cova da Iria das cerimónias do Cinquentenário de Aparição de Nossa Senhora. Reportagem dirigida por Ruy Ferrão.
 13.00 — FECHO.

2.º Período

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — ORIENTAÇÃO DE MONITORES.
 15.25 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.
 15.50 — RELIGIÃO E MORAL — 1.º Ano.
 16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 1.º Ano.
 16.50 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.
 17.15 — TELEJORNAL — 1.ª Edição.
 17.30 — CONCERTO PARA JOVENS — Programa apresentado por Leonard Bernstein.
 18.20 — JUVENIL.

- 18.45 — VIDA Sã EM CORPO SãO — Pelo Dr. Ramiro de Fonseca.
 19.00 — TV EDUCATIVA — Educação Musical (crianças).
 19.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição que inclui ainda a Agenda da Praça.
 19.50 — TELEDESPORTO — Revista dos principais acontecimentos da semana.
 20.20 — ENCONTRO COM A VIDA — Pelo Rev. Padre Dr. Francisco Videira Pires.
 20.30 — CARTAZ TV.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — FOLCLORE — Transmissão dos Estúdios do Porto. Apresentação do poeta Pedro Homem de Melo.
 21.30 — TELEJORNAL — 3.ª Edição que inclui ainda o Boletim Meteorológico.
 21.55 — DISCORAMA.
 22.20 — O MAIORAL — «A Montanha do Sol» — episódio filmado.
 23.45 — TELEJORNAL — 4.ª Edição (últimas notícias).

DOMINGO-14

- 12.15 — TELEJORNAL — 1.ª Edição.
 12.30 — MISSA DE DOMINGO — Participação do Coro de Santa Cecília.
 13.00 — DIA DO SENHOR — Programa de formação e actualidades religiosas.
 13.25 — MÚSICA E ARTISTAS — Programa preenchido com a repetição de Concertos e recitais apresentados nas emissões da noite.
 15.00 — TELEJORNAL — 2.ª Edição.
 15.10 — TARDE DE CINEMA.
 16.40 — SÉRIE JUVENIL — «As Aventuras do Capitão Cook».
 17.30 — DESENHOS ANIMADOS — O «show» do Gorila Maguila com o sr. Peebles, Rato Maloio e o Gato Saio, o Coelho Richoche e o Vistas Curtas.
 17.55 — PASSATEMPO INFANTIL — Programa dedicado aos mais pequenos espectadores com jogos, filmes e concursos.
 18.30 — INFORMAÇÃO DESPORTIVA — Suplemento ao Telejornal com o resultado das provas desportivas disputadas na tarde de domingo.
 18.35 — POLY EM PORTUGAL — 8.º episódio desta série infantil realizado por Claude Boisson na região de Nazaré.
 18.50 — JUVENTUDE NO MUNDO — Magazine internacional de actualidade para jovens.
 19.00 — TV RURAL — Apresentação do Eng.º Sousa Veloso.
 19.30 — TELEJORNAL — 3.ª Edição.
 19.55 — PORTUGAL DE AGORA.
 20.20 — TV 7 — Revista dos principais acontecimentos da semana.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — CENA ABERTA — Programa de actualidades teatrais.
 21.30 — TELEJORNAL — 4.ª Edição que inclui ainda o Boletim Meteorológico.
 21.55 — TV CLUBE — Das luzes da

ribalta, ao mundo da canção, a voz de Nicolau Breyner.

22.25 — MRS. THURSDAY — 8.º episódio, com Kathleen Harrison e Hugh Manning.

23.30 — DOMINGO DESPORTIVO — Imagens e comentários à actualidade desportiva.

23.50 — TELEJORNAL — 5.ª Edição. Meditação e fecho.

SEGUNDA-15

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.
 15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.
 15.55 — DESENHO — 1.º Ano.
 16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 2.º Ano.
 16.50 — FRANCÊS — 2.º Ano.
 17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.
 17.45 — LÍNGUA PORTUGUESA — 2.º Ano.
 18.15 — FRANCÊS — 1.º Ano.
 18.40 — DESENHO — 2.º Ano.
 19.00 — TV EDUCATIVA — Português e Ginástica Infantil.
 19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui a Agenda da Praça.
 19.50 — HAWKEYE E O ÚLTIMO DOS MOICANOS — Novo episódio da epopeia da descoberta do continente americano.
 20.20 — MOMENTO DESPORTIVO — Comentários e entrevistas.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — POESIA E MOVIMENTO — Programa dedicado a Bernardim Ribeiro. Colaboração do Grupo de Ballet Ágreda Sena. Realização de Herlander Peyroteo.
 21.30 — TELEJORNAL — Edição da noite. Inclui o Boletim Meteorológico.
 21.55 — CONCURSO — «OPERAÇÃO LABIRINTO» — São apresentadores: Artur Agostinho e Maria José Baião.
 22.45 — PERRY MASON — «A FRAUDE DOURADA», com Raymond Burr, Barbara Hale e William Hopper e William Talman.
 23.50 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

TERÇA-16

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — HISTÓRIA PÁTRIA — 2.º Ano.
 15.25 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 1.º Ano.
 15.55 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.
 16.20 — EDUCAÇÃO FÍSICA — 1.º Ano.
 16.50 — FRANCÊS — 1.º Ano.
 17.20 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.
 17.45 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.
 18.15 — FRANCÊS — 2.º Ano.
 18.40 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.
 19.00 — TV EDUCATIVA — Inglês. História de Portugal.
 19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição que inclui a Agenda da Praça.
 19.50 — CULINÁRIA — Por Maria de Lourdes Modesto.
 20.20 — EXPEDIÇÃO — Survival.
 20.50 — FILME INFANTIL.
 21.00 — TÍTULOS DE CAIXA ALTA.
 21.30 — TELEJORNAL — Edição da noite. Inclui o Boletim Meteorológico.
 21.55 — NOITE DE CINEMA.
 23.50 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

QUARTA-17

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — RELIGIÃO E MORAL — 1.º Ano.
 15.25 — MATEMÁTICA — 2.º Ano.
 15.55 — DESENHO — 1.º Ano.
 16.20 — CANTO CORAL — 2.º Ano.
 16.50 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.
 17.20 — MATEMÁTICA — 1.º Ano.
 17.50 — RELIGIÃO E MORAL — 2.º Ano.
 18.15 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.
 18.40 — DESENHO — 2.º Ano.
 19.00 — TV EDUCATIVA — Física Moderna.
 19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição. Inclui a Agenda da Praça.
 19.50 — LANTERNA MÁGICA — Desenhos Animados.
 20.20 — CARTA DE ESPANHA.
 20.30 — NÓS E O PÚBLICO.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — TV JAZZ — Programa de divulgação da música de jazz apresentado por Manuel Jorge Veloso.
 21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição. Inclui o Boletim Meteorológico.
 21.55 — NOITE DE TEATRO — «As Noites Brancas». Um conto de Fédor Dostoievsky. Adaptação de Rachel Bastos e N. Barroca pela tradução de Maria Franco. Personagens e intérpretes: Élia (Nastenska), Graça Lobo; Élie (O Sonhador), Norberto Barroca; A Avó, Marta Ribeiro; O Outro, Wladimir Frankin; Um Homem, Joaquim Gomes. Realização de Fernando Frazão.
 23.05 — SEAWAY — «Incidente na Fronteira», episódio filmado.
 24.00 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

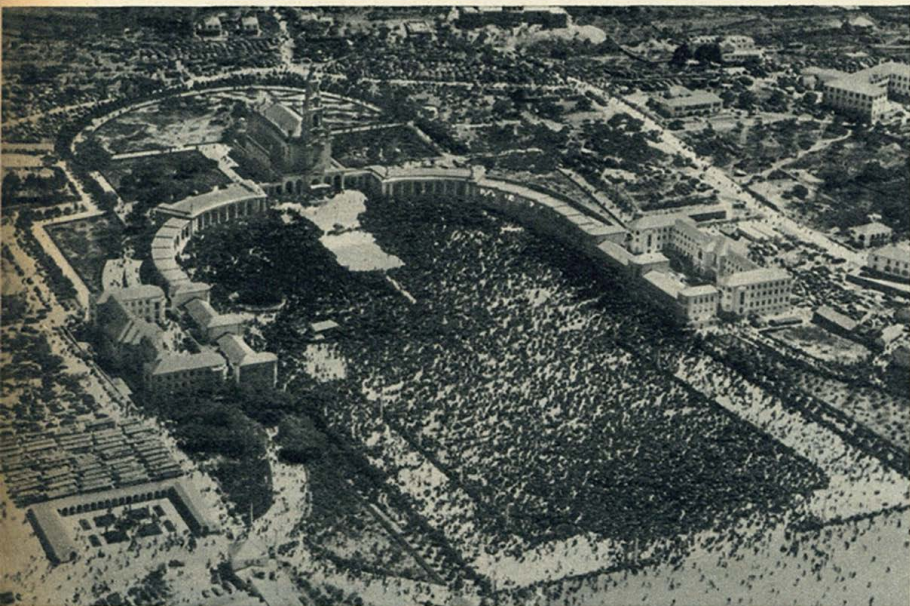
QUINTA-18

CURSO UNIFICADO DA TELESOLA

- 15.00 — LÍNGUA PÁTRIA — 2.º Ano.
 15.25 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 1.º Ano.
 15.55 — TRABALHOS MANUAIS — 2.º Ano.
 16.20 — CANTO CORAL — 1.º Ano.
 16.50 — FRANCÊS — 1.º Ano.
 17.20 — CIÊNCIAS GEOGRÁFICO-NATURAIS — 2.º Ano.
 17.45 — LÍNGUA PÁTRIA — 1.º Ano.
 18.15 — FRANCÊS — 2.º Ano.
 18.40 — TRABALHOS MANUAIS — 1.º Ano.
 19.00 — TV EDUCATIVA — Inglês e História de Portugal.
 19.30 — TELEJORNAL — 1.ª Edição que inclui a Agenda da Praça.
 19.50 — NÓS AS MULHERES.
 20.20 — PROGRAMA DA JUNTA DA ACÇÃO SOCIAL.
 20.40 — VAMOS JOGAR NO TOTO-BOLA.
 20.50 — FILME INFANTIL — «Carrocel Mágico».
 21.00 — NOTÍCIA DE ARTES PLÁSTICAS.
 21.30 — TELEJORNAL — 2.ª Edição que inclui o Boletim Meteorológico.
 21.55 — MUSEU DO CINEMA — Apresentação de António Lopes Ribeiro.
 22.25 — VARIEDADES — OS BONS VELHOS TEMPOS — Programa da BBC para a Eurovisão.
 23.15 — CONTOS DE MAUPASSANT — «O Amigo José», com Bernard Dheeran, Roger Carol e Jacques Morel. Realização de Claire Moris.
 23.55 — TELEJORNAL — 3.ª Edição (últimas notícias), meditação e fecho.

NA VIGÍLIA DO CINQUENTENÁRIO

PERCORREMOS OS CAMINHOS DE FÁTIMA



CINQUENTÁ anos depois, Fátima recebe a consagração máxima: o próprio Papa será um entre os três milhões de peregrinos que dentro de poucas horas, estarão no local em que a Virgem falou a três humildes pastores da Serra de Aire, na Cova da Iria. O vasto recinto do Santuário (o dobro da praça de S. Pedro, em Roma) será pequeno para acolher os peregrinos que de todo o mundo se dirigem ao Santuário da Cova da Iria.

A visita de Paulo VI a Fátima será «inteiramente particular». Dir-se-ia que o Papa desejará abdicar das honras devidas ao Chefe da Igreja, para ser simplesmente um entre os peregrinos da Cova da Iria.

«Foi para orar à Virgem Maria, a fim de alcançar a sua intercessão para a causa da paz» que o Pontífice decidiu vir ao local da serra que a Fé dos homens transformou em altar do mundo. Na hora da guerra, Paulo VI deseja unir as suas preces às dos mais humildes peregrinos da Cova da Iria. Uma gigantesca voz humana se erguerá para o céu, a implorar a paz. Dentro de horas, na Cova da Iria.

Nas vésperas da visita do Papa, a *Flama* percorreu de novo os locais mais significativos de Fátima, meio século depois dos acontecimentos de 1917.



Igreja Paroquial de Fátima

Valinhos. Uma pequena capela ergue-se, hoje, no local em que a Virgem apareceu aos pequenos pastores, às quatro horas da tarde de 19 de Agosto de 1917. No dia 13, os pastorinhos não haviam podido ir à Cova da Iria, pois estavam detidos para interrogatórios pelo administrador do Concelho de Vila Nova de Ourém.



Defronte da casa onde nasceu Lúcia, sua irmã Maria de Jesus, de 77 anos. No interior, vendem-se imagens e objectos de culto, podendo ver-se o quarto em que nasceu a vidente e o tear em que ela aprendeu a tecer, até ao seu ingresso no Convento do Mar, no Porto. **EM BAIXO** — Aljustrel. A fisionomia do lugarejo onde nasceram os videntes de Fátima tem sido alterada pela construção de alguns novos edifícios, desde o café até às vendas de objectos religiosos. Sem vantagens para o local, saliente-se.





Neste quarto da pequena casa de Aljustrel, entre Fátima e a Cova da Iria, nasceu Lúcia, a mais velha das três crianças que viram a «Senhora mais brilhante que o sol». Uma cama de ferro, encimada por um crucifixo, meia dúzia de imagens piedosas, e pouco mais, decoram a pequena quadra.



Vila Nova de Ourém. Este é o edifício dos Paços do Concelho, antiga administração do concelho e cadeia municipal. Na imagem vêm-te duas janelas gradeadas correspondentes à prisão, onde os pastores estiveram detidos, sob a ameaça de serem queimados em azeite a ferver, se não dissessem o «segredo» que a Senhora lhes revelara. Mas eles nada revelaram e o administrador, vencido, foi colocá-los em Fátima, no dia seguinte.



Fátima. Residência paroquial onde vivia o Padre Marques Ferreira, quem primeiro interrogou os videntes. Foi preciso algum tempo para que a Igreja aceitasse Fátima. E, agora, com a visita do próprio Papa, está prestes a viver, porventura, o mais alto momento da sua existência como grande Santuário Mariano.

Vila Nova de Ourém. Nesta casa, residia o administrador do concelho, Artur de Oliveira Santos. Foi aqui que decorreram alguns dos interrogatórios a que o representante da autoridade submeteu os pequenos videntes. Foi aí, também, que se manifestou a bondade da esposa do administrador Oliveira Santos, que não permitiu que nada lhes faltasse durante a reclusão, deixando até que os seus filhos brincassem com os pastorinhos.



Aljustrel. Perto da casa de Lúcia fica uma outra onde nasceram os restantes videntes, Jacinta e Francisco. Igual às outras casas da região, apresenta a mesma simplicidade: bem caídas, as casitas abrem-se para o exterior por duas pequenas janelas e uma porta estreita, com um ou dois degraus à entrada.



A capelinha das Aparições foi construída no local em que a Senhora aparecia aos três pequenos zagalos, sobre uma azinheira da Cova da Iria. Sob a azinheira que se vê ao fundo, costumavam os videntes aguardar a chegada da Virgem. A capela é o ponto mais visitado de todo o Santuário.



ATRAVESSEMOS O VATICANO AO ENCONTRO DE PAULO VI

PAULO VI DEDICA DIARIAMENTE QUATRO HORAS A AUDIÊNCIAS A PEREGRINOS E DIGNITÁRIOS. ESTAS IMAGENS SÃO AS QUE PERPASSAM ANTE AQUELES QUE TÊM A HONRA DE SER RECEBIDOS PELO SUMO PONTÍFICE NAS SALAS DO VATICANO.

CERCA de quatro horas em cada dia são destinadas pelo Papa às recepções aos peregrinos do Vaticano. Ir a Roma e não ver o Papa é para qualquer pessoa como que uma frustração, uma falha grave. Por isso o Santo Padre tira tanto tempo do seu muito sobrecarregado programa de trabalho diário para receber aqueles que demandam a Cidade Eterna em peregrinação.

Consoante a sua categoria e quantidade, os peregrinos são recebidos em diversas salas do Vaticano — algumas das quais apresentamos nas páginas seguintes. No conjunto, os palácios do Vaticano constam de 1400 salas e salões, e de algumas capelas, das quais é particularmente célebre a Sistina, mandada construir em 1473, pelo Papa Sisto IV (daí o seu nome), onde se encontram os famosos frescos de Miguel Ângelo: no tecto, a Criação

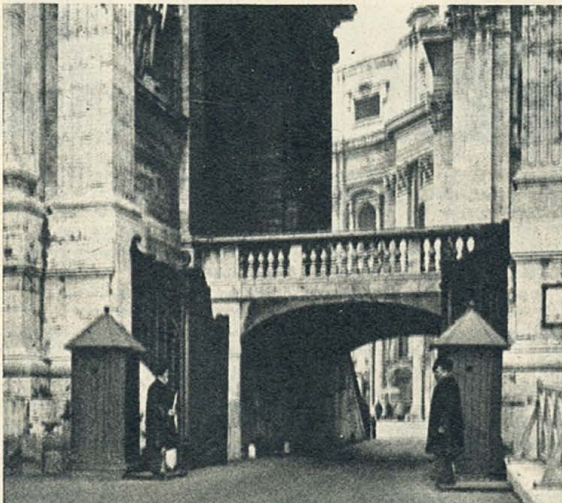
do Mundo e, na parede, por trás do altar-mor, o Juízo Final. Nesta capela se reúnem os Cardeais para a eleição do Papa.

Sendo em extensão o mais pequeno Estado do Mundo (apenas 44 hectares quadrados — isto é, 200 mil vezes mais pequeno que Portugal continental), o Vaticano é, contudo, um dos mais importantes do Mundo, avantajando-se a todos em importância e projecção internacional.

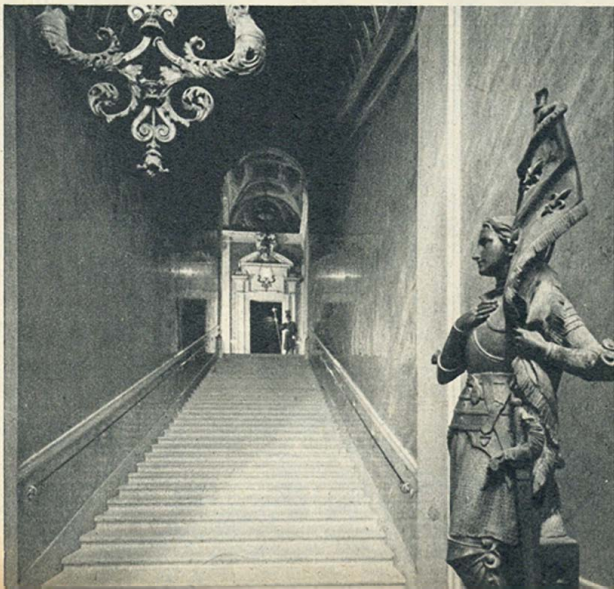
O Papa trabalha e recebe no segundo andar, ou seja o andar nobre e de representação, onde ficam as famosas salas do Consistório e do Trono e Clementina, e as Lóijas de Rafael e outras muitas obras de arte que tanto recreiam a vista, mas tem os seus aposentos particulares no andar superior, que é parte mais luminosa e arejada, donde se desfruta uma linda vista sobre Roma, a Basílica e a Praça de São Pedro.



Vista da Praça de S. Pedro, em manhã de audiência papal. Os autocarros dos visitantes encostaram ao hemiciclo da direita, junto das colunas, e os turistas dirigem-se para a Basílica e para as entradas do Vaticano. O período de maior afluência às audiências situa-se entre a Páscoa e Outono, coincidindo com a estação turística em Itália.

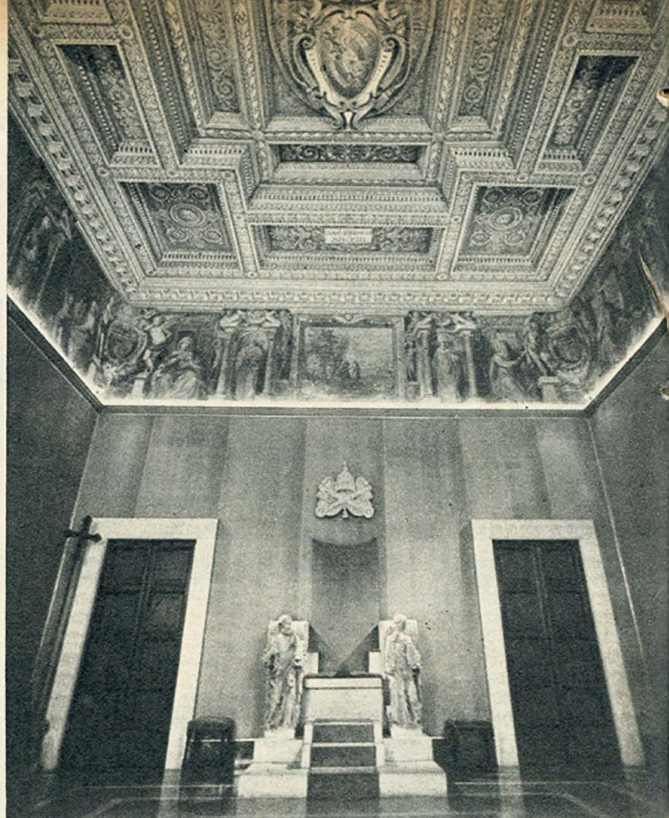


Uma das três entradas no Vaticano é o «Arco Delle Campanie». Dois suíços, com a farda característica, deste corpo de guarda fundado em 1506, estão de sentinela. Os helvéticos que se alistarem nesta força de elite são dispensados do cumprimento da serviço militar na sua Pátria. À DIREITA — A «Seconda Loggia», construída nos anos 500 para aumentar o palácio renasença, conduz à Sala Clementina, cujas entradas se vê ao fundo. É decorada com motivos do Velho Testamento.



Um aspecto do «Cortile de S. Dâmaso». No palácio que a imagem mostra, fica instalada a Secretaria de Estado do Vaticano. À ESQUERDA — Primeiro lanço da Escadaria Nobre, ampla e solene, de largos e baixos degraus de mármore, pertimindo uma subida fácil até ao Pátio de São Dâmaso aposentos do Cardeal secretário de Estado; na foto, ao fundo, guardando a entrada, vê-se um guarda suíço, com a característica alabarda. O segundo lanço da escadaria nobre conduz depois aos aposentos do Papa, abrindo com a Sala Clementina.

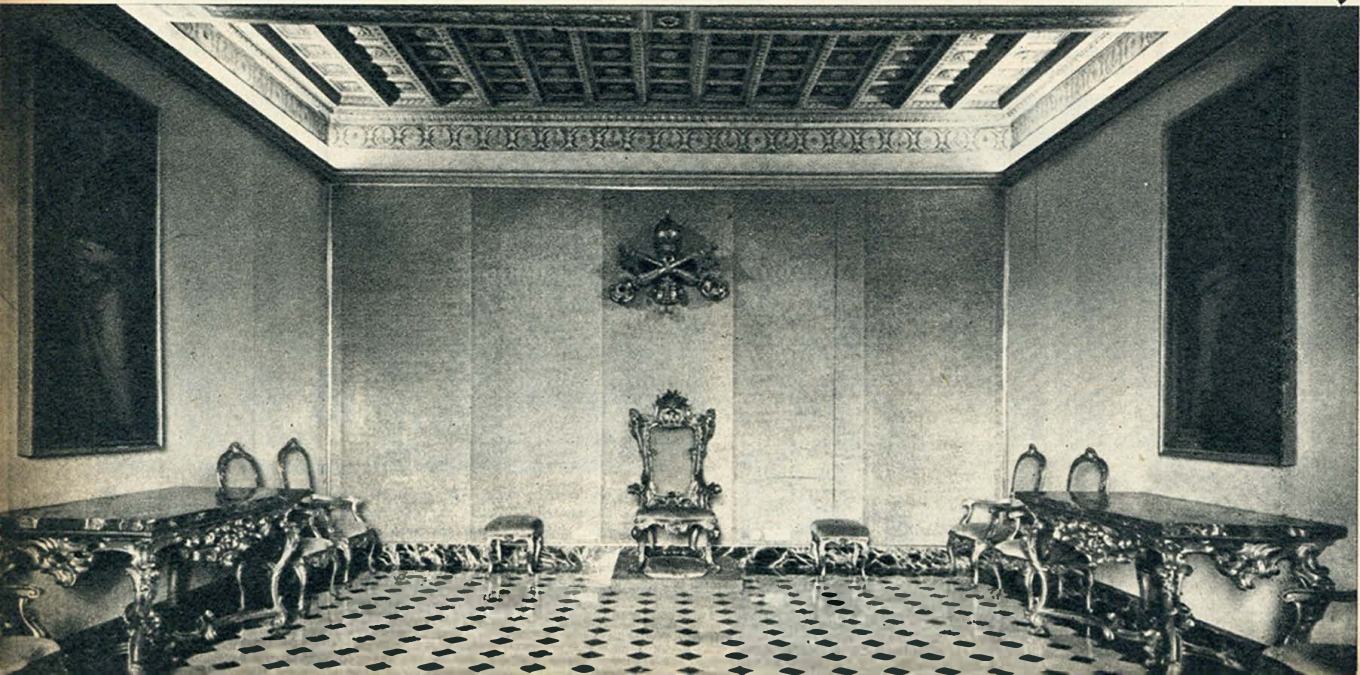
IMAGENS DO VATICANO



Esta é a Sala do Trono, onde Sua Santidade recebe personalidades e grupos já mais numerosos até quarenta pessoas. Antes de Paulo VI também este ambiente era diferente: o trono papal, hoje de mármore, era uma poltrona de seda adamscada vermelha, e até as tapeçarias, hoje de veludo amarelo, eram de demasco encarnado. A nova decoração pretende dar um ambiente de solene sobriedade.

Por esta porta entra-se na Sala Clementina, obra de Giovanni dell' Porta. O soalho é de mármore policromos e os tectos revestidos de sumptuosos frescos.

Nesta sala, chamada do Pequeno Trono, o Papa recebe as credenciais dos embaixadores ou representações não numerosas. É contigua à biblioteca onde Paulo VI recebe os Chefes de Estado, os Cardeais e os bispos. No pontificado do Papa Montini, esta sala, tal como outros recantos do Palácio Apostólico, tem sido retocada e modernizada. O trono setecentista colocado sobre as chaves cruzadas substituiu outro mais solene com baldaquino. Na parede, foi suspenso um quadro de Rafael, representando São Pedro e outra de Frei Bartolomeo, mostrando São Paulo. Junto às paredes, as cadeiras são setecentistas, bem como as duas mesas de tempos de mármore.





Paulo VI, sobre a cadeira gestatória, entra na Basílica de São Pedro e parece querer abraçar paternalmente a multidão que o circunda e aclama. Os encontros com os fiéis comovem sempre profundamente o Sumo Pontífice. Paulo VI dedica, pelo menos, quatro horas do seu trabalho diário a audiências.



Janela dos aposentos do Papa, de onde por vezes abençoa os peregrinos reunidos na Praça de São Pedro. À DIREITA — Sugestiva panorâmica da Praça de São Pedro através da janela da Sala do Trono. A apontar ao céu está o obelisco egípcio, que assistiu ao martírio do primeiro Papa. Encontrava-se primeiramente no circo de Calígula, no sopé do Monte Vaticano. Consta de um só bloco de granito de 25 metros a meio de altura. Foi transportado para este sítio em vida do Papa Sisto V, por obra do arquitecto Doménico Fontana. A colonata é da autoria de Bernini e foi executada a mando de Alexandre VII.





Todo o elenco acompanha o público nos aplausos a Amália. É mais uma noite de glória para a grande fadista. Mas ela está fatigada e anuncia: «É o meu adeus a Paris»

NA HORA OLÍMPICA APENAS UMA SOMBRA: O ADEUS DE AMÁLIA RODRIGUES



Simone de Oliveira levou ao «Olympia» a sua forte personalidade e a magnífica voz que fizeram dela a rainha da rádio portuguesa.

UMA equipa de reportagem da FLAMA captou em Paris imagens da estreia do «show» português, que abriu, este ano, as «Olimpiadas» do «music-hall», série de apresentações dos melhores artistas internacionais do espectáculo que o empresário Bruno Coquatrix leva à sua famosa casa de espectáculos — o «Olympia». A crítica aplaudiu o elenco do nosso País, que estará em cena até ao fim do mês. E os parisienses tiveram oportunidade de reencontrar uma vedeta que lhes é querida — Amália Rodrigues. Mas a rainha do fado, grande triunfadora, confessou, ainda tonta de mais uma noite de glória: «Estou cansada. É o meu adeus a Paris».

PARIS, Maio — Pela primeira vez depois de terem sido criadas há três anos, sob a iniciativa de Bruno Coquatrix as «Olimpiadas da canção», o «music-hall» português tem honras de cartaz no «Olympia», considerada como uma das salas de espectáculos mais célebres do mundo.

Todos os nossos compatriotas, que irão estar em Paris perto de três semanas, scuberam mostrar, alardeando classe, mesmo tendo em conta o natural nervosismo, que o nosso País possui elementos válidos para se apresentarem onde quer que seja.

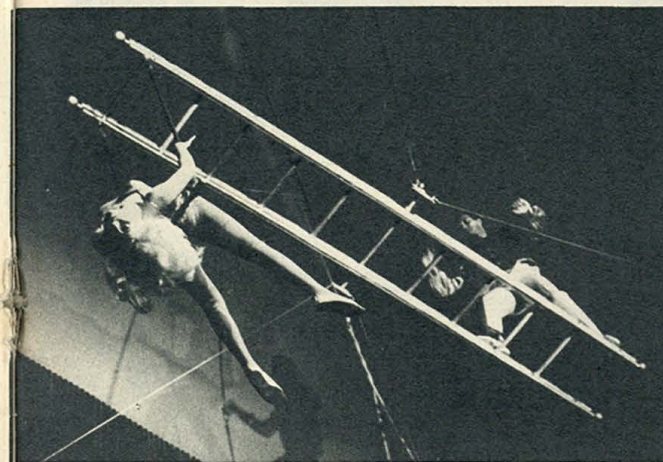
Desta vez, sem calrincs num excessivo fclctore, scrbemos occrdenar todas as relíquias de um passado honroso com um presente jovem, apresentando num espectáculo certc, sem altos nem baixos, aspectos de circo (Les Alex, duas pequenitas — Maria Dulce e Anabela, respectiva-

SEGUE

**RÉPORTAGEM ABÍLIO ABRANTES
FOTOS CHARLES ICHAI**



Exotismo, beleza plástica — cantares da velha Goa, pelo grupo «Konkan Kumara», de Fortunato Figueiredo. EM BAIXO: Um arripio sacode a assistência — são os Cardinalis num número arriscadíssimo que colocou estes artistas portugueses entre os grandes cartazes do mundo circense.



«Duo Ouro Negro»: tal como para Amália, o «Olympia» já não tem segredo para eles; já não foi a primeira vez que se apresentaram naquela sala, meta almejada de todos os cançonistas.



Para um espectáculo de todos os tempos, dois jovens apresentadores — a actriz Leonor Poeira e Vítor de Sousa A ESQUERDA. Um momento da actuação dos bailados «Verde Galo».

mente de 10 e 8 anos de idade e «Les Cardinal-les» — Sciedade e Luís Cardinali), bailadcs a cargo do «Verde Galco», não esquecendo a representação ultramarina «Konkan Kumara» de Fortunato Figueiredo que nos «transporta», por momentos, à velha Goa, tendo a parte angolana sido entregue a dois jovens que merecem um lugar à parte e que, mercê dos seus discos passados com relativa frequência nos emissores franceses, começam a inscrever o nome do «Duo Ourc Negro» na escala para a conquista dos galões de vedeta.

E já que falámos dos elementos que compõem a parte ultramarina, parece-nos que não teria sido totalmente desafortunado mostrar ao público francês (de todos os credos políticos), o que se passa na Madeira e Cabo Verde, e nos outros pedaços mais longínquos do território português.

Do programa, fazem ainda parte Simone de Oliveira, os acordeonistas Fernanda Guerra e Fernando Ribeiro, o guitarrista

Carlos Paredes e Fernando Alvim e o maestro Tavares Belo.

Mas Amália foi a grande vedeta da noite. Aplaudida, de pé, por uma assistência cosmopolita, onde não faltavam condecorações nos «smckings» e vestidos compridos, (a «scl-rée» para a abertura do «music-hall» 1967 foi patrocinada pelo Presidente Geral da Associação Nacional da Cruz de Guerra e do valor Militar), depois de interpretar, como só ela o sabe, uma série de lindos fados, cfereceu ao público (como reconhecimento) «Inch Allah», um dos grandes êxitos de Salvatore Adamo.

Bruno Coquatrix numa entrevista que concedeu recentemente à nossa revista declarou: «Pretendo que os apresentadores, um rapaz e uma rapariga, sejam jovens». E os seus desejos foram satisfeitos. Lecnor Póeira e Vítor de Sousa foram o traço-de-união na sequência do espectáculo.



Música trepidante, interpretada pelos acordeonistas Fernando Guerra e Fernanda Ribeiro.

«Foi um autêntico «music-hall» português. Há juventude, Cor. Alegria. Estou muito satisfeito. E da «troupe» fixei já cinco elementos que poderão vir a fazer parte da minha programação».

Bruno Coquatrix

Para Arlette Chabrol («Paris-Jour»): «Amália Rodrigues, a maior cantora de fados do mundo, abandonará a cena. Está decidido. «Eu não sou feita para cantar. E menos ainda para ser vedeta. Sou muito tímida, muito sensível: logo que canto num palco em frente de uma plateia, encontro-me numa situação ridícula que só me apetece fugir. Não compreendo como todas essas pessoas me chamam e me escutam se afinal sou como elas».

Christophe Izold («France-Soir») disse:

«Com os seus cabelos negros, curtos, Amália Rodrigues parecia mais humana. Ela trocou a sua beleza um pouco altiva por um encanto delicado. Fora disto, a cantora número um de Portugal, que não se via sobre uma cena do «music-hall» de Paris, há dois anos, não mudou. Ela é dum gentileza inalterável, como os seus fados, essa melodia popular que ela fez conhecer pelo mundo inteiro».

«Portugal soube bem desear o seu espectáculo entre o folclore e o «music-hall» durante a primeira parte, magistralmente terminada pelos cantores de Angola, o «Duo Ouro Negro». Entre os outros bons momentos, duas pequenitas acrobatas de oito e onze anos, um extraordinário guitarrista, Carlos Paredes e a cantora Simone de Oliveira».

E a nova correu, sendo a única sombra a perturbar tão grande vitória: Amália anunciou que vai abandonar a sua vida errante, de colecção de êxitos nos quatro cantos do mundo.

—Estou cansada — disse—. E o meu adeus a Paris.



Sempre
de
VIVA VOZ
com
CORIFINA®



Natural confiança, convívio simples e agradável, quando a voz é pura e o hálito é fresco.

«Corifina» arlara a voz, refresca o hálito, dá à vontade.

CORIFINA®

Aos elementos naturais que entram na composição da «Corifina», está associada a vitamina C, que corrige careências e reforça as defesas do organismo.



Sempre de VIVA VOZ com CORIFINA®

PILAR DE BOURBÓN: NO MOSTEIRO PORTUGUÊS A NOIVA RESPONDEU "SI"



MAS, CÁ FORA, O POVO AGUENTOU A CHUVA SEM TER CHEGADO
A VER A PRINCESA ENFERMEIRA NO MAIS BELO DIA DA SUA VIDA

SEGUE



Simbolizando a união, a mantilha cobre a cabeça da noiva e envolve o pescoço do noivo. A seu lado, o Conde de Barcelona e a marquesa de Deleitosa, mãe do noivo. À direita — O padre declara-os marido e mulher.

A MANTILHA LIGOU-OS EM SINAL DE AMOR ETERNO

A cerimônia começou quarenta minutos depois da hora prevista. De súbito, a nave iluminou-se de «flashes» dos fotógrafos e atrás das cabeças coroadas de meia Europa, surge a noiva, pelo braço do Conde de Barcelona, seu pai: O órgão lança para o ar as notas do Prelúdio de Bach. Toda a assistência se levanta, e um murmúrio percorre a multidão. Os olhares vão para a branca figura

da noiva. O vestido de organza bordada, com pequenas flores, era levemente ajustado na cintura, e tinha saia «evasée». Dos ombros caía um longo manto do mesmo tecido. Na cabeça, a noiva ostentava uma coroa de brilhantes e pérolas e um véu de tule simples que acompanhava o manto. Dando o braço a sua mãe, a marquesa de Deleitosa, o noivo foi tomar o seu lugar junto de Pilar. A cerimônia ia começar.

SEGUE

◀ O Conde de Barcelona conduz a filha ao altar ▶



DEPOIS DA NOIVA, GRACE DE MÓNACO -ELEGANTÍSSIMA - FOI A GRANDE VEDETA



Véu de tule simples acompanhava o longo manto de organza bordada, o mesmo tecido do vestido de Pilar. Ao lado da noiva, a mãe do noivo, vestida de roxo. Era a única senhora da comitiva que vestia fato comprido. EM BAIXO — Grace e Rainier de Mónaco. A princesa vestia fato verde e casaco de organza cor de areia, forrado, bordado a verde e branco. Chapéu de flores brancas e estola de «vison». Sapatos cor de areia, abertos e carteira de «strass». Atrás de Grace, Sofia da Grécia, com saia e casaco de brocado cinzento e dourado. Toucado de flores douradas.



Sorridentes, os noivos entram no Hotel Estoril Sol, onde seria servido um «cocktail» aos 1.500 convidados. Pegando na cauda da noiva, vêem-se as duas damas de honor, condessa de Berantheville e D. Maria del Mar Tornos de Sousa (Palmela).

A mulher ficará sujeita ao marido e o marido deve amar a esposa como o seu próprio corpo». Cresce a emoção na voz do velho cônego da Sé Catedral de Sevilha, que preside à cerimónia. Do outro lado do altar, colocado a meio do transepto, os noivos escutam com atenção. Diante deles o representante da Igreja. Ao fundo, na capela-mor, entre os mármoreis rendilhados, reis, rainhas, príncipes e princesas escutam também as palavras do celebrante. Príncipes e princesas saem dos livros de contos, surgem arrancados às fotografias das grandes revistas, e estão ali, sentados, em silêncio grave, assistindo à ce-

rimónia. A noiva-princesa, com um simples vestido branco, de organza bordada, com um manto do mesmo tecido, alheia-se de tudo o que a cerca. Cruza as mãos, com os braços caídos ao longo do corpo. De vez em quando, olha para o noivo e sorri.

Mas eis que se aproxima o momento mais desejado, o mais solene da cerimónia. O velho cônego pergunta: «D. Pilar de Bourbon, desejais receber como esposo D. Luis Gomez Acebo e Duque de Estrada?» A princesa volta-se então para o noivo, ajoelha diante do homem que ama, e que corresponde ao seu amor, e pronuncia o «sim», suavemente, num murmúrio



Um aspecto dos convidados, no mosteiro, esperando a noiva. Na primeira fila, o ex-rei Humberto de Itália, D. Duarte Nuno de Bragança e Rainier de Mônaco. Na segunda fila, destaca-se, entre o ex-rei de Itália e D. Duarte Nuno, a princesa Maria Gabriela de Sabóia, que vestia fato branco estampado de verde e na cabeça um turbante de organza branca.



Entrando nos Jerónimos, a condessa de Barcelona e o marquês de Deleitosa, pai do noivo. A condessa levava vestido cor de areia, bordado a lantejoulas e misanga, e casaco solto de organza lisa, da mesma cor. O chapéu era verde seco, com faixa e flores em castanho claro.



Pilar e Luis saindo para os claustros dos Jerónimos. Um convidado manifesta a sua alegria, aplaudindo-os.

abafado pelos sons fortes do órgão. Depois é o «sim» do noivo. O casamento está praticamente terminado. As 18 e 5 os noivos estão casados. Benzem-se. A marquesa de Deleitosa, mãe do noivo, levanta o véu de Pilar. Surge o rosto sereno da princesa, sob a coroa de pérolas e brilhantes. Trocam as alianças, que colocam reciprocamente, na mão direita, só depois as transferindo para os anelares esquerdos. O noivo sorri agora abertamente, enquanto a princesa procura ocultar a comoção. Parece querer chorar e rir ao mesmo tempo. Calmo, o noivo segue tranquilamente a continuação da missa pelo «cerimonial litúrgico».

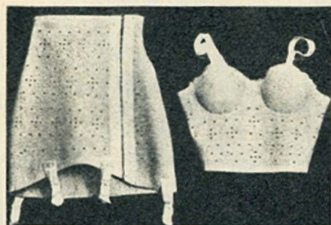
SEGUE



Os noivos cortam o bolo, antes de se retirarem para uma sala privada com os convidados mais íntimos. Sobre uma mesa redonda, tendo à volta um folho de cambraia plissada e rendas, erguia-se o bolo monumental de quatro andares, encimado por uma coroa dourada. Sobre os dois andares de baixo estavam colocados rosas e figurinhas de criança, feitos de açúcar, a imitar mármores. Estava enfeitado com pérolas e flor do laranjeira.

SE QUER EMAGRECER

TEM O SEU PROBLEMA RESOLVIDO COM UMA CINTA E SOUTIEN DE BORRACHA ESPECIAL.



CINTAS DE TOILETE
E MEDICINAIS

VESTE COMO UMA SEGUNDA PELE. É LEVE... NÃO SE DESLOCA... E DÁ-LHE A GARANTIA DE EMAGRECIMENTO

Região de Lourdes Borges

Rua da Glória, 56-2.

Tel. 320896

(aos Restauradores)

Em caso de necessidade, pessoal especializado
vai a casa de V. Ex.ª

Quando os PÉS o atormentam



Sente-se imediatamente uma sensação de bem-estar e um alívio rápido, ao mergulhar os pés num benéfico banho de SALTRATOS Rodel. Este banho leitoso e oxigenado alivia as dores e elimina as irritações e a sensação de pés escaldantes. Os pés ficam descansados e frescos. Os calos e calosidades amolecem, podendo ser facilmente extirpados. SALTRATOS Rodel, em todas as farmácias, drogeries, perfumarias, e em todas as boas casas.

A «FLAMA»
É TRANSPORTADA
PARA O SUL DO
PAÍS PELA EVA

A EMPRESA
CLARAS
TRANSPORTA
A «FLAMA» PARA
DIVERSAS
LOCALIDADES

DISCOS ESTAB. **MELODIA**

LISBOA - R. DO CARMO, 23
PORTO - R. DE S.ª CATARINA, 360
R. DE S.ª ANTONIO, 35

NITRATOS DE PORTUGAL

S. A. R. L.

RUA DOS NAVEGANTES, 53 - 2.º — LISBOA

Em apenas cinco anos de actividade industrial

NITRATOS DE PORTUGAL

únicos produtores de

NITROLUSAL / NITRAPOR e NITRATO DE CALCIO

produziram mais de
700 000 toneladas destes magníficos adubos
de valor superior a

1 100 000 contos

e fizeram em exportações cerca de

220 000 contos

de divisas com as quais ajudaram a defender o Ultramar

NÃO POUPE NOS ADUBOS!

NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.

Os adubos dos NNNN são sem dúvida
os ADUBOS DAS BOAS COLHEITAS
Prefira-os



IMAGENS AO REDOR DA BODA



Os Condes de Barcelona, antes da cerimónia do casamento, ofereceram uma recepção aos seus compatriotas na «Villa Giralda», no Estoril, onde residem. Os nossos vizinhos acorreram em massa, para ver os noivos.



Da esquerda para a direita, o Príncipe João Carlos, sua mulher, a Princesa Sofia da Grécia, e os noivos.

Alguém coloca sobre a cabeça da princesa Pilar uma mantilha branca, cuja ponta vai rodear o pescoço do noivo, simbolizando a união pelo amor. Os noivos comungam, enquanto os cânticos sobem de tom. E daí a nada a missa chega ao final. A condessa de Berantheville e D. Maria del Mar Tornos de Sousa (Palmela), as únicas da-

mas de honor que Pilar quis no seu casamento, aproximam-se dos noivos. O Cardeal Cerejeira chega da capela-mor, onde teve lugar especial, tal como o Nuncio Apostólico e dirige-se para o casal, que acaba de assinar o termo nupcial, juntamente com o celebrante e com os padri-

SEGUE



A um canto da recepção, as princesas de Orléans



Grace de Mónaco, conversando com a rainha Vitória Eugénia, viúva de Afonso XIII

UMA VIDA EM TRÊS IMAGENS



Na foto de cima, à esquerda, vemos Pilar de Bourbon nos primeiros anos após a sua chegada a Portugal. À direita, quando frequentava a Escola de Enfermagem Artur Ravara, em Lisboa, onde se diplomou. Em baixo, com seu marido, Luis de Acebo.

PILAR DE BORBÓN

nhos. O prelado felicita os noivos e retira-se, abençoando a multidão.

Os noivos descem do altar, pela nave. No coro, Shegundo

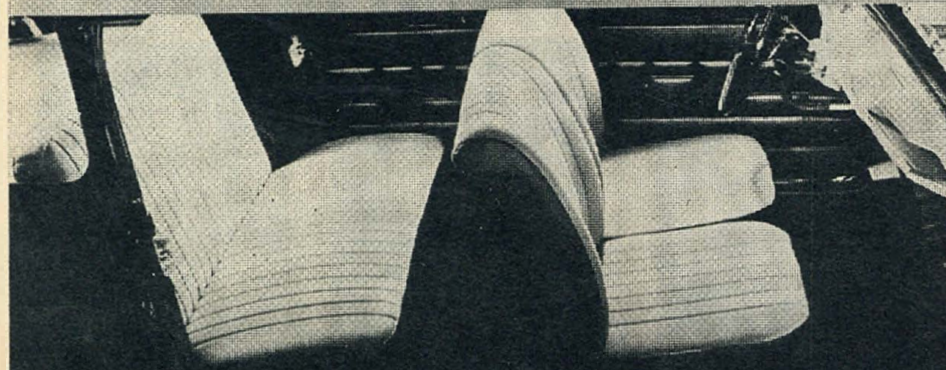
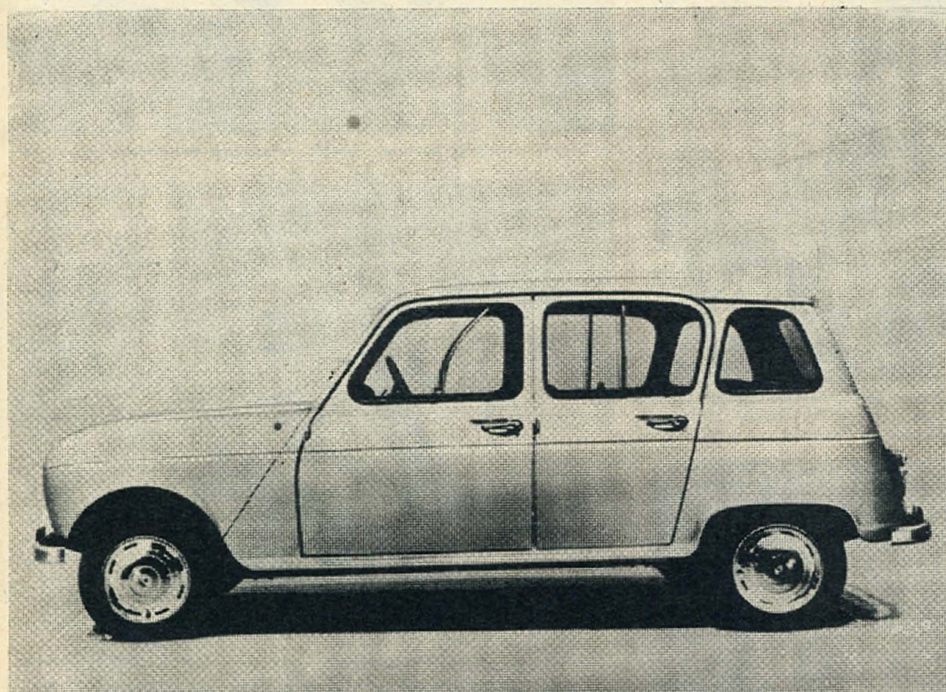
Galarza executa a cantata 175 de Bach. Pilar e Luis Acebo prosseguem, lentamente, para os claustros, onde irão receber os cumprimentos, os votos de felicidades dos mil e quinhentos convidados, que recordarão para sempre estes momentos. Nos claustros, onde a luz difusa do

entardecer teima em penetrar, Pilar e Luis sorriem. João Carlos, o Príncipe das Astúrias, dá o braço à irmã. Alta e elegante, a princesa Gabriela de Sabóia sorri para a noiva. Pilar devolve-lhe o sorriso e lança-lhe pelo ar o seu ramo de flores bran-

cas. Sinónimo de um casamento para breve? A interrogação fica no ar.

Num canto do jardim central, os noivos tomam agora o lado direito da Rainha Vitória Eugénia, que tem à esquerda os condes de Barcelona. Começa o desfile dos convidados perante os membros da Casa Real Espanhola. Pilar conversa com o noivo. Frequentemente interrompe a conversa para agradecer a manifestação de simpatia, lançando beijos na ponta dos dedos, ou juntando as mãos junto ao coração.

Está frio no exterior, quando os noivos conseguem finalmente retirar-se a caminho do Hotel Estoril-Sol, para o copo-de-água. Mas a multidão não desistiu. Aglomerava-se nos passeios, contida pela polícia. Viam-se uma última vez as mantilhas e as «peinas» nas cabeças das senhoras, os toucados de flores, os chapéus de grandes abas. Fatos de passeio, fraques, fardas cheias de condecorações, eram os trajos usados pelos homens. Parentes, amigos e conhecidos cumprimentavam-se e trocavam impressões sobre o acontecimento. O povo, aglomerado nos passeios, a custo contido pelos cordões da polícia, teimava ainda em querer ver a noiva. Também ao longo da estrada marginal, os moradores vieram para as bermas, aplaudir os carros que se dirigiam para o Estoril, esperando o carro dos noivos. Mas Pilar e Luis iam já a caminho, pela auto-estrada. Desta vez, o povo não conseguiu ver a noiva no mais belo dia da sua vida.



essencialmente prático: o Renault 4

Nenhum automóvel no mundo se parece com o Renault 4. Foi imaginado para ser prático, acima de tudo. É isto que dizer, para começar, que é um automóvel familiar que dispõe de 4 lugares espaçosos e de muito espaço para bagagem. Isto também significa que passa por toda a parte: com a sua suspensão de grande destivel (20 cm) o Renault 4 não teme as más estradas

nem os caminhos em mau estado. Prático, o Renault 4 pode ficar de noite exposto ao tempo, sem sofrer estragos: a sua pintura tanto resiste ao sol como a neve. Conduz-se sem problemas... e com a maior segurança. Tem tracção à frente e as quatro rodas independentes colam literalmente a estrada, por pior que ela seja.

Prático, ele não pesa no seu orçamento: oferece muito e pouco necessita. Venha ver o novo modelo 1967: Novos bancos muito confortáveis, novo painel de bordo e ainda outras interessantes inovações que V. sentirá prazer em descobrir... Sobretudo experimente-o! O Renault 4 é um dos êxitos que mais orgulha a Renault, que é a primeira

Firma Francesa construtora e exportadora de automóveis.

RENAULT
MONTADOS PELAS INDUSTRIAS LUSITANAS RENAULT • GUARDA

• **REPORTAGEM**
SILVA PINTO E
MANUELA ALVES

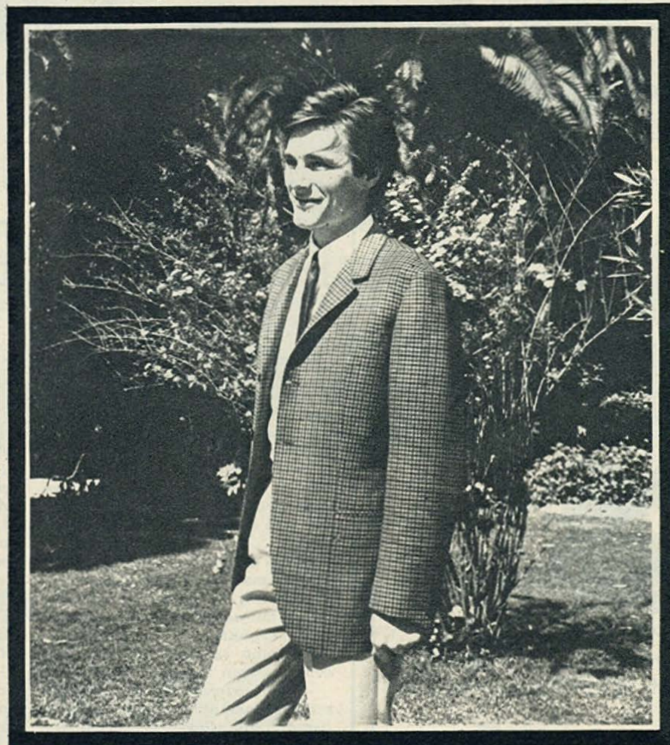
• **FOTOS**
RAUL NASCIMENTO
E JOAQUIM LOBO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: UTIC Av. da Liberdade, 136 — Lisboa • Av. dos Aliados, 195 — Porto



PRONTO A VESTIR

com escala por Londres, Milão e Lisboa.



Há 3 pontos que se encontram e conjugam para uma imagem moderna e uma presença original.

VOÇÊ em primeiro lugar; logo depois os tecidos da melhor e da mais bela lã do mundo, a pura lã virgem, com a garantia internacional WOOLMARK numa confecção impecável da nova secção de

PINHEIROS - PRONTO A VESTIR



Lisboa fica desde agora na escala da moda masculina

PINHEIROS
da Rua Augusta

foram os primeiros e são os primeiros

VALORIZE-SE!

estude por correspondência

TV **Radio**

E SERÁ UM TÉCNICO DE FUTURO ASSEGURADO

CURSO de RÁDIO e TV PHILIPS

Peça o folheto GRÁTIS a **EURORÁDIO**

Av. Manuel da Maia, 32-1º TEL. 4 35 63 LISBOA 1 PORTUGAL



Ana de Sá numa expressão dramática da figura de «Maria», do «Frei Luis de Sousa»

ANA DE SÁ: REVELAÇÃO NO PAPEL DE MARIA

Apareceu na TV uma nova «Maria» da peça «Frei Luis de Sousa». Chama-se Ana de Sá, tem 21 anos e acabou há pouco mais de um ano o curso do Conservatório.

Presentemente, trabalha no Teatro Avenida e, segundo os seus projectos, pretende «servir o teatro com todo o amor e seriedade».

Como a peça em que se estreou na Televisão tem sido a mais representada e aplaudida através de inúmeras gerações surgiu-nos esta pergunta:

— Como rapariga do séc. XX, sente-se bem no papel de Maria?

— A figura de Maria é de uma sensibilidade patética e de um realismo requintado, precocemente desenvolvidos pela doença. Foi-me difícil encarnar uma personalidade tão complexa, uma vez que sou uma rapariga que enfrenta a vida de um modo muito mais realista do que D. Maria de Noronha.

— Acha que a peça tem actualidade?

— O «Frei Luis de Sousa» é considerada uma obra-prima da nossa literatura da época romântica, e como obra-prima tem sempre actualidade. É criada nos moldes e no clima da nossa tragédia clássica, mas não deixando de seguir as exigências do drama romântico, sendo também profundamente patriótica, moral e psicológica.

— Fala-se muito neste «Frei Luis de Sousa» — T. V.! Acha que trouxe algo de novo ao teatro televisado?

— Penso que sim, uma vez que a peça foi realizada numa concepção diferente das anteriores representações! Tentou-se tirar o máximo partido da técnica da T. V., com o intuito de valorizar o texto, o trabalho dos actores,

e principalmente a acção dramática!

— Onde se estreou? com quê?
— Estreiei-me na TV, no programa «Roteiro Poético», de Maria Germana Tânger. Ai, Jorge Listopad viu-me e convidou-me para fazer a «Páscoa» de Strindberg, que foi o meu primeiro trabalho de responsabilidade para a televisão. Trabalho esse que me ofereceu uma noção mais exacta da melhor forma de enfrentar as câmaras e me preparou e ajudou o desempenhar o difícil papel de Maria do «Frei Luis de Sousa».

Terminei o curso de teatro no conservatório o ano passado, apresentando no meu exame final duas cenas da «Anunciação a Maria» de Paul Claudel. Presentemente, encontro-me a trabalhar no Teatro Avenida, para a companhia de Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.



Mário Sargedas e Ana de Sá noutro momento do «Frei Luis de Sousa».

EMIR

ASSOCIE A SUA PRESENÇA A UM PERFUME INVULGAR

Dance

PREFIRA OS CAMELOS VAQUINHA OS VERDADEIROS TÊM ESTA EMBALAGEM

Salitre
CAMELOS DE LITE
VAQUINHA



*em passeio,
no trabalho
e na economia...*

Vespa

é uma fiel companhia !

modelos *125 SUPER
*150 SUPER
*150 SPRINT
*180 SUPER
SPORT

e ainda os modelos 50 e 50 SS isentos de carta

em exposição

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21-C. - TELEF. 53 31 24

LARGO JOÃO VAZ, 7-H (ALVALADE) TELEF. 71 11 48 - 71 32 48 9

E EM TODOS OS AGENTES DO PAÍS

CONCÓRDIA:

SERÁ MAIS DÓCIL DO QUE OS JACTOS ACTUAIS

EXCLUSIVO

(CONCLUSÃO)

A FRANÇA E A INGLATERRA ESTÃO A CONSTRUIR O AVIÃO COMERCIAL DO FUTURO. ESTE ARTIGO, QUE CONTINUA O PUBLICADO NO NOSSO NÚMERO 999, NARRA AS DIVERSAS OPERAÇÕES DO GRANDIOSO EMPREENDIMENTO.

Acontece que muitos destes homens do ar são ingleses, e com os colegas, originários de todos os cantos de França, discutem os problemas numa linguagem muito sua, uma amálgama de francês e inglês bem significativas dum «concordância».

Os naturais da região já nem se espantam quando ouvem um desses senhores exclamar:

— «No question, my dear! C'est my tournée!»

Ao que outro dos interlocutores responderá:

— «Alright alors, la prochaine is en me».

Em suma, tudo se passa no mais harmónico dos ambientes. Se, em particular, alguns ingleses podem dar a entender que os seus aviões são melhores que os franceses, dizem que o «Concórdia» é um avião «anglo-francês» (os franceses dizem que é franco-inglês) mas dedicam-se ao «Concórdia» de alma e cor-

ção, ele é presentemente a sua razão de existir. Para eles é uma mulher por quem se apaixonaram, um grande livro que estão a escrever. Se a conversa des-camba para outro assunto, já não estão satisfeitos.

O homem que presentemente é o responsável pelo Projecto «Concórdia» é um marseilhês de quarenta e cinco anos, André Turcat.

Director dos ensaios de voo da «Sud-Aviation», é ele que, a 28 de Fevereiro de 1968, porá em funcionamento os potentes motores do «Concórdia», arrancará com o aparelho da pista de Toulouse-Blagnac e, pela primeira vez, o levará a sobrevoar os campos de milho que a rodeiam. Praticamente todas as televisões do mundo terão uma câmara assentada sobre o aparelho. Quanto à Imprensa, há já a certeza que estará largamente representada.

Isto não impressiona absolutamente nada André Turcat.

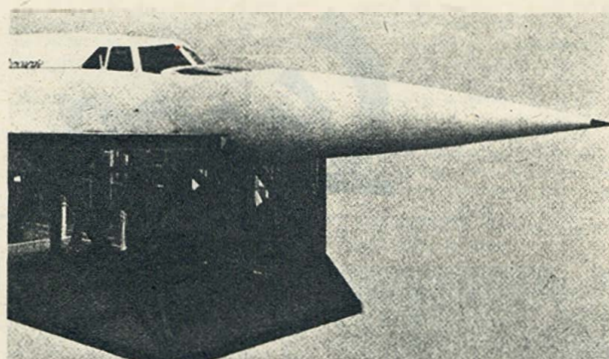
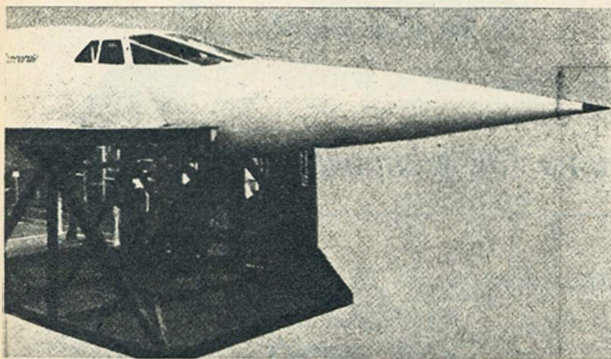
— «Pergunto porque fará isto de mim uma celebridade» — afirma. *Brigitte Bardot é Brigitte Bardot porque ela é única. Ninguém mais possui as suas características específicas. Mas eu, eu não sou único. O que menos falta por aí são bons pilotos e conheço muitos que poderiam fazer o mesmo que eu.*

MODÉSTIA

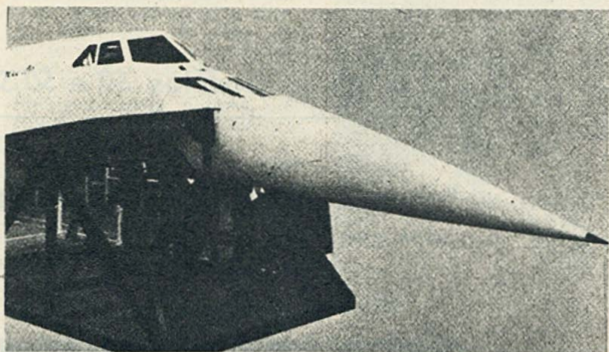
Esta modéstia assenta-lhe como uma luva, pois o seu aspecto é o de um monge budista — tem o crânio rapado e liso como uma bola de bilhar — com o temperamento de quem não confia facilmente. O que não o impede de ser amável, quase cordial; o seu aperto de mão é firme...

O seu prestígio é impressionante.

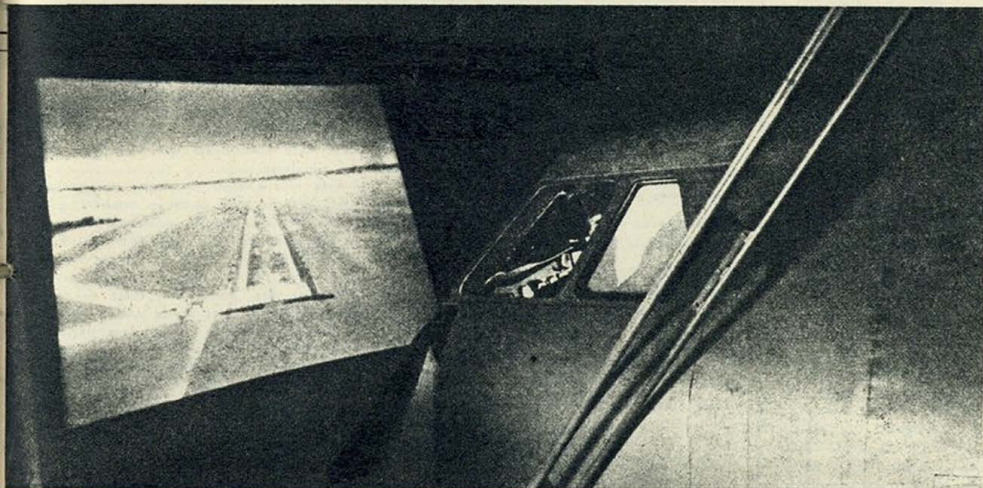
Muita gente curva-se respeitosa-mente, quando ele passa sempre com pressa. E com grandes passadas que se dirige do seu gabinete ao simulador de voo ou ao enorme hangar em cujo interior, no meio dum barulho con-



Atim de permitir ao piloto a maior visibilidade possível durante as manobras de aterragem e descolagem, o «nariz» do «Concórdia» oscilará para a frente ao mesmo tempo que uma espécie de viseira móvel virá proteger o pára-brisas contra os efeitos do aquecimento provocado pelas altas velocidades. Vemos, (em cima, à esquerda) o avião em voo supersónico: o «nariz» e a viseira protectora estão levantados; quando o avião atinge velocidades supersónicas, (ao alto, à esquerda) a viseira baixa, de forma a aumentar a visibilidade. Finalmente, à direita, quando o avião se aproxima da pista, a viseira e o nariz baixam completamente



Num «écran», desfilam as imagens da pista; aos comandos do simulador de voo, o piloto prepara-se para «atterrar».



línio, o «Concórdia 001» vê nascerem as suas asas.

VOO SIMULADO

Como tudo o que existe nesta área de Toulouse, o simulador está preparado para o primeiro voo do protótipo. O avião efectuará um circuito breve, calmo, de velocidade moderada, subsónica. O filme colorido, dando uma estranha impressão de relevo, que corre diante do pára-brisas neste momento, apenas mostra a pista, as quintas dos arredores, as aldeias, as estradas tortuosas da província. Os Pirenéus não figuram, pois André Turcat deverá manter-se afastado deles.

Assim que entrou neste simulador situado na extremidade duma maquete apertou o cinto de segurança e pôs os motores a funcionar, uma equipa de especialistas dos «efeitos especiais» entra em acção e começam as surpresas! Assim, enquanto Turcat desliza docemente para uma aterragem sem história à luz duma tarde ensolarada, os seus olhos, com uma simples alhadinha, envolvem o avião em

nevoeiro, suprimindo toda a visibilidade. Por muito bem que o almoço lhes tenha caído, eles vão até ao ponto de largar fogo ao trem de aterragem. Quando não fazem surgir à frente do nariz do aparelho um pesado maço de nuvens. Acontece também que no momento em que faltam apenas alguns segundos para pousar no solo, simulando uma rajada de vento brutal, os nossos especialistas fazem tombar o avião sobre a asa. Este simulacro — que reproduz fielmente todas as condições de voo possíveis e imaginárias, às quais o piloto faz frente usando comandos rigorosamente idênticos aos do avião real — põe André Turcat de todas as cores. Mas ele reconhece que é para o bom êxito do projecto.

— Começámos por aprender a conduzir o avião sobre o solo, como se faz em todas as escolas de condução — diz ele. — O que não é um problema fácil.

Na verdade, a cabina do piloto do «Concórdia» encontra-se a sete metros do solo e o banco do piloto a 12 metros da rota condutora do avião.

— Era preciso aprender a pôr

o avião em marcha e a conduzi-lo em função desta distância — diz André Turcat — para não correr o risco de fazer o avião entrar na relva no momento de sair da pista...

Os títulos deste primeiro homem que fará voar o «Concórdia» são impressionantes. Engenheiro, tem no seu activo 4000 horas de voo em mais de 80 tipos de aparelhos. Bateu «records» mundiais de velocidade e de altitude e é autor de dois livros — um «Curso de Mecânica de Voo» e «A procura da velocidade» — considerados como o expoente máximo da sua especialidade. Interessa-se igualmente por linguas orientais, arqueologia, padres-operários, e possui um automóvel «1908» construído pelo avó, que ele se propõe conduzir um dia até Pequim.

EM 1971, PASSAGEIROS

Definido com a ajuda dos quatro restantes pilotos de ensaio do «Sud-Aviation», o programa de experiências do «Concórdia» está praticamente parado.

— Porém os motores em acção três meses antes do pri-

Instalado na cabina de piloto, exactamente nas condições dum voo real, André Turcat, director dos voos de ensaio da «Sud-Aviation», executa, a bordo do simulador, as manobras que antecedem a decolagem do avião.

meiro voo, diz. Dois meses depois começarão os ensaios de státi e de deslizar na pista. Temos um mês para preparar o avião progressivamente na velocidade de decolagem, nariz no ar, como nós dizemos. Três meses depois deste primeiro voo, passaremos à velocidade supersónica, no Atlântico e no Mediterrâneo.

André Turcat acende um cigarro.

— Dois meses mais tarde — ou seja, cinco meses depois do primeiro voo ao qual se seguiram outros em que a tempo de ensaio foi aumentando, assim como a altura e a velocidade — poremos o «Concórdia» a «Mach» 2,2, isto é, na sua velocidade normal. Outros ensaios se seguirão, quase sem interrupção: voos com cargas cada vez mais elevadas, outros em que serão simulados toda a espécie de acidentes como por exemplo uma avaria num ou dois motores. No fim desta longa série de experiências, três anos depois do primeiro voo, pediremos um certificado de navegabilidade. O avião — estaremos então em 1971 — poderá desde logo transportar passageiros.

No gabinete do director dos ensaios de voo reparo num enorme mapa-mundo e maquetas dos tipos de avião que pilotou. Vejo também um crucifixo, assim como um pesado troféu de bronze. Este foi-lhe oferecido por Richard Nixon, então vice-presidente dos Estados Unidos, por ocasião duma cerimónia oficial na Casa Branca em honra do «aviador mais célebre do ano».

Isto passou-se em 1960: André Turcat acabava de bater o «records» de velocidade pura sobre 100 quilómetros, atingindo «Mach» 2,05 (2 200 km/h) a bordo dum «Griffon».

— Porque se tornou piloto?

— É uma questão pessoal. Não respondo a essas perguntas.

Desdobra um mapa e mostra-me as rotas seleccionadas para os ensaios supersónicos do «Concórdia»: vejo uma sucessão de traços rectilíneos, a maior parte deles, sobre oceanos.

— O «Concórdia» — continua — nunca fará praticamente viragens. Uma mudança de rumo de 180 graus, por exemplo, é impossível a uma velocidade de «Mach» 2,2. Isso implicaria um consumo tal de carburante e demoraria muito tempo em virtude das grandes distâncias que seria preciso percorrer. Mas devo sublinhar que o «Concórdia» será mais fácil de pilotar que os aviões subsónicos actuais. Os pilotos de hoje não terão dificuldades com este avião, ainda que tenham de se entregar a uma maior actividade intelectual, durante o voo.

FLAMA PARA SI

Livros

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

«OS POEMAS POSSÍVEIS» — Como não sentimos imediatamente a força da generosidade de um Poeta que adopta como REGRA — é o título da sua quadra que passo a citar — estes quatro versos: «TÃO POUCO DAMOS QUANDO APENAS MUITO / DE NÓS NA MESA OU NA CAMA POMOS / HÁ QUE DAR SEM MEDIDA COMO O SOL / IMAGEM RIGOROSA DO QUE SOMOS?»

De facto, OS POEMAS POSSÍVEIS («Coleção Poetas de Hoje»; Portugal Editora) é um livro em que o Autor DÁ SEM MEDIDA a dimensão da sua generosidade, antes de mais. Entendamo-nos porém: o SEM MEDIDA não se aplica à FORMA que é predominantemente tradicional da poética rigorosa (atente-se logo na «clássica» construção do primeiro verso citado: «TÃO POUCO DAMOS QUANDO APENAS MUITO»). Quanto à temática trata-se evidentemente do da «poesia social» dos nossos dias com um saudoso desencanto-desânimo mui tipicamente português e uma ideologia não totalmente unificada em que podem caber qualquer coisa como a morte dos deuses e um cristianismo de raiz infusa e inalienável — ROMÁNTICO, é certo! — tal como se exprime neste poema A UM CRISTO VELHO: «SE PODES QUANTO DIZEM CRISTO VELHO / DE CARUNCHO MORDIDO DESPREZADO / COBERTO DA POEIRA QUE ENVENENA / A NEGRURA DA CHAGA DO TEU LADO // SE PODES QUANTO DIZEM (QUEM TE CRÊ / OU TE TRAZ NESSA CRENÇA MALTRATADO) / PODES FAZER AGORA O QUE NÃO OUSAM / OS QUE FINGEM DE AMOR E DE SAGRADO // VEM A SER ESTA MISSA DE OUTRA LEI / A COMUNHÃO DE CRISTO E DO PECADO / EIS A FÉ DO POETA QUE TE ENCONTRA / NO TEU PASMO DE DEUS DESAFIADO». Aliás, só o estudo da RELIGIOSIDADE de José Saramago — RELIGIOSIDADE no mais largo sentido do termo — daria matéria para longo e tentador ensaio tantas são as pistas-poemas que nos oferecem OS POEMAS POSSÍVEIS.

A voz poética de José Saramago está longe de ser monocórdica. Se é certa a sua unidade estilística — UNIDADE na VARIEDADE, preciso — não é menos rigorosa e esteticamente plenamente transmitida qualquer das suas emoções que se transmitem irresistivelmente como neste poema do típico lirismo intitulado CONTRACANTO — designação musical carregada de significado quanto à atitude do poeta perante o mundo «imparfeito» a que se comunica:

«AQUI, LONGE DO SOL, QUE MAIS FA-REI / SENÃO CANTAR O BAFO QUE ME AQUECE? / COMO UM PRAZER CANSADO QUE ADORMEÇA / OU PRESO CONFORMADO COM A LEI. // MAS NESTE DÉBIL CANTO HÁ OUTRA VOZ / QUE TENTA LIBERTAR-ME DA SURDINA, / COMO ROSA-CRISTAL EM FUNDA MINA / OU PROMESSA DE PÃO QUE VEM DAS MÓS. // OUTRO SOL - MAIS ABERTO ME DARÁ / AOS ACENTOS DO CANTO OUTRA HARMONIA. / E NA SOMBRA DIREI QUE SE ANUNCIA / A TOALHA DE LUZ POR ONDE VÁ».

O lirismo é aqui, afinal, o melodioso suporte musical de muito mais. E assim por diante em todo este admirável livro de um Poeta autêntico que não pode esquecer no aliás rico conspecto da actual poesia portuguesa. Actual e perene, pois José Saramago se insere visceralmente na poesia da sinceridade portuguesa por mais confidencial, crítica ou pessoal que possa ser, aqui ou além, o que nos tem a dizer. OS POEMAS POSSÍVEIS constituem um livro inesquecível.

Música

JOÃO PAES

MARTHA GRAHAM — Este ano, a temporada de «ballets do Teatro Nacional de S. Carlos esteve entregue a duas companhias estrangeiras: o Ballet Nacional da Holanda e a Dance Company de Martha Graham. A primeira, dirigida por Sonia Gaskell, apresentou o figurino habitual, com cinco programas diferentes compostos na maioria por bailados em 1 Acto já conhecidos do nosso público e não esquecendo os sempiternos e arquivistos «pas-de-deux».

Como peça de fundo, a preencher todo um espectáculo, um «Romeu e Julieta», com coreografia de Rudi van Dantzig sobre a música pitoresca de Prokofieff: dispersão, prolixidade, tédio; em vão se buscam as grandes linhas do poema — no palco sucedem-se os «faits-divers». E isto apesar de haver em cena uma Julieta ideal, Olga de Haas: fixem o nome.

Martha Graham é o título dum dos capítulos mais importantes da moderna História do Bailado. Nela floriu, mais pujantemente do que em qualquer outro solo, a sementeira deformadora de outra norte-americana não menos célebre, Isadora Duncan. Hoje em dia, este aspecto histórico, velho de quase meio século, é talvez pouco aparente. Ainda por cima, Lisboa só vê a Companhia da Graham depois de ter visto Limón, Robbins, Béjart e Cunningham — a geração seguinte, sua usufrutuária. Resta-nos o principal: o valor intemporal do estro singular desta grande criadora de arte plástica. O à-vontade ao mesmo tempo ingénio e sabedor com que arromba certas portas dificilmente abaláveis — a Antiguidade clássica e os seus fantasmas («Clitmnestra» e «Fedra»), a perenidade dos ritos para-eróticos («Dancing Ground»), a negação da mortalidade pelos Impulsos líricos da santidade («Seraphic Dialogue») e da juventude («Diversion of Angels») — aceita-se como o cumprimento duma vocação: tem a força da necessidade. Falo evidentemente da sempre jovem Martha Graham, autora de bailados; da sua irmã mais velha, Martha Graham a bailarina septuagénaria, não quero falar...

Cinema

LUÍS ANDRADE DE PINA

UM AR DE MUDANÇA — Paulo Rocha sabe dar títulos sugestivos aos seus filmes: primeiro, OS VERDES ANOS e, agora, este MUDAR DE VIDA, rodado nas areias do Furadouro, a dois passos de Ovar, e produzido por António da Cunha Telles.

Adelino, o pescador que volta das campanhas de África física e moralmente derrotado, encontra desfeito o mundo da sua juventude: desfeito o seu amor, desfeita a sua companhia, desfeitos até as casas grandes da praia, levadas pelo mar... É nesse mundo destruído que ele vai tentar refazer a sua vida, mas Paulo Rocha não se preocupa só com razões pessoais, sugere-nos também as coordenadas sociais da região, derrotada a pesca tradicional pela indústria nascente e pela solução imediata do campo. Já não há lugar para as antigas companhias, para o trabalho que Adelino aprendeu: é preciso MUDAR DE VIDA para sobreviver. Nesse sentido, esta é uma das raras fitas portuguesas que toca de frente um problema.

Este «pôr o dedo na ferida» despertou a nossa atenção, mas gostámos também, para lá dos referidos prolongamentos sociológicos, da fidelidade com que Paulo Rocha se revela nas imagens; não é um cinema de comunicação fácil, brilhante e claro, mas um cinema inquieto, perturbado, cheio de dúvidas, em que o autor revela um carinho especial pelos fracos, pelos desprotegidos, pelos indivíduos desarmados e só frente a um mundo hostil, dominados pelas suas «consciências obscuras» (Pierre Kast) e incapazes de lutar.



PAULO ROCHA

Há aí um tom pessoalíssimo — é cedo ainda para falarmos de estilo — traduzindo uma espécie de fatalismo, de tristeza, de invencível oposição da natureza humana ou da sociedade, contra os quais são ainda fracas as armas: uma íntima vontade de continuar vivo, um amor incipiente e ténue, que representem, apesar de tudo, a indispensável esperança. Por isso achamos mais positivo o final deste filme em relação ao de OS VERDES ANOS.

O cinema de Paulo Rocha não insiste no verismo documental — embora seja fiel

ao ambiente — e entra decididamente numa linha dramática. As pessoas estão primeiro, mesmo que haja, assinadas pelo excelente operador Elso Roque, algumas cenas magistrais de pesca, algumas preciosas anotações locais. E estão ainda primeiro, mesmo que a direção e caracterização das personagens acusem falhas graves, mesmo que a narrativa acuse lacunas sem sentido. A linguagem do filme, seguindo um Rossellini ou um Bresson, recusa a técnica, procurando mais a presença significativa de pessoas e coisas do que uma imediata comunicação visual. Veja-se, a este respeito, a bem lograda cena do exame psicotécnico de Adalino.

Quanto aos actores, é difícil escolher a «dobragem» de Geraldo del Rey, máscara sombria que traduz bem todo o filme. A mesma expressão encontraremos em Maria Barroso, enquanto Isabel Ruth, bela e bravia, é sobretudo uma presença simbólica. A música de Carlos Parades, singela e funcional, não complica as imagens. Também aqui, como noutros momentos, houve um «ar de mudança».

(Distribuição — Vitória Filmes. Estrela — Estúdio, 20-4-1967. Classificação — Maiores de 17 anos).

Medicina

M. E. J. CASTRO

VACINAR CONTRA A POLIO-MIELITE — Em fins de 1965, iniciou-se em Portugal a primeira campanha de vacinação contra a poliomielite, mediante administração gratuita de vacina oral a todas as crianças (de idade até aos 10 anos) que accorressem aos postos então montados em numerosos estabelecimentos hospitalares e escolares.

Alguns meses mais tarde as crianças que haviam recebido a primeira dose de vacina eram convocadas para novamente comparecerem nos locais de vacinação, a fim de receberem segunda dose da mesma vacina, mantendo-se, entretanto, os postos ao dispor de quaisquer outras crianças que não houvessem accorrido à anterior chamada e desajassem agora recabar a primeira dose.

Como era de prever, a afluência aos locais de vacinação foi irregular mas, apesar de tudo, alguns milhares de crianças beneficiaram desta campanha e ficarem, sem encargo económico para os respectivas famílias, relativamente protegidas contra uma doença que é sem dúvida temível.

A margem de qualquer campanha de vacinação promovida por entidades oficiais (de possível colaboração com particulares, como sucedeu no nosso caso), a vacinação individual pode, a deve, praticar-se em qualquer altura, de preferência a tempo de a criança chegar ao Verão com a vacinação completa, já que é nesta estação que se regista, entre nós, maior número de casos.

O Inverno é, por esta e outras razões de ordem científica, a melhor altura do ano para dar início ao esquema de vacinação anti-poliomielítica por via oral, que inclui a administração de três doses, com intervalo de dois meses entre a primeira e a segunda e de seis a nove meses entre esta e a última. Convém vacinar todas as crian-

ças até aos cinco anos e administrar uma dose de reforço entre os cinco e os sete. Sempre que possível, deverá dar-se a primeira dose aos três meses de idade, a segunda aos cinco meses e a terceira antes de completado o ano, respeitando portanto um intervalo que pode ser inferior aos seis meses (atrás referidos como mínimo entre as duas últimas doses no caso das crianças mais velhas) mas nunca inferior a dois meses. Embora nos encontremos já no início de Maio, estamos ainda a tempo de tomar medidas no sentido de garantir que as crianças até agora não vacinadas cheguem ao período de maior calor e de partida para férias (época de maior número de contactos e de riscos) com uma ou duas doses de vacina recebidas, o que já confere razoável imunidade.

A vacina oral hoje disponível é absolutamente inócua e tem-se provado eficaz nos países em que a incidência da doença é maior. Não há, portanto, qualquer inconveniente na vacinação de crianças saudáveis, devendo os pais destas aconselhar-se com o médico assistente sobre o melhor caminho a seguir para defesa dos seus filhos.

Recordemos, entretanto, que embora o número de vítimas anuais de poliomielite no nosso País não seja muito elevado, é impossível prever quais serão os indivíduos atingidos, cada ano, por uma doença com alta mortalidade e que deixa, em mais de 25% dos que escapam, sequelas e incapacidade física graves. Proteger todos será, assim, a única maneira de salvar aqueles poucos que, sem protecção, estariam destinados a vítimas da polio.

Toiros

SARAIVA MENDES

A MAESTRIA DE «ANTONETE»

— A equação toiro+toireiro — a bom espectáculo teve um resultado certo na tarde incerta de 30 de Abril, no Campo Pequeno. Tarde incerta pelo tempo inseguro. E tanto bastou para que a «afición» assustadiza e epidérmica do portuguêsinho se refugiasse. Para esses aficionados que pretendem jogar pela certa o tiro salu-lhes pela culatra. É que a deslustrar o harmonioso e bem posto cartaz, os astros fixaram caretas. E pensou-se em função dos cifrões. A tarde firmou-se. E a corrida resultou em cheio. Pelos toiros e pelos toireiros. O esplêndido curro enviado pelo ganadero Manuel João Coimbra Barbosa esteve na origem do êxito: bem apresentado — com peso e trapio —, codicioso, voluntário e nobre. Exceptue-se o quarto hestado que evidenciou mau estilo.

Para o grande público, alheado já do lugar primacial do toiro e pouco habituado a julgá-lo, coube a António Chenel «Antonete» o triunfo absoluto da tarde. O homem da isidrada de 66, regressado nesse ano após uns anos de interregno, o toireiro-artista que imortalizou e «Atrevido» da ganadaria de Osborne com uma faena do mais puro classicismo, veio a Lisboa repetir a lição de bem torear em duas lides distintas de concepção, mas iguais no conteúdo pela grandiosidade, pelo impacto emocional, por essa difícil facilidade de fazer



«ANTONETE»

acontecer toireio na elevada expressão da arte. E quando acontece toireio — seja ele apeado ou a cavalo — o público rende-se, seja ou não conhecedor das normas. Que essas apenas servem, quando se invocam, para buscar desculpas ou arranjar estes justificativos de actuações incoloras. As faenas de Antonete foram duas obras de arte.

O toireio, como qualquer outra manifestação artística, deve reflectir a personalidade do seu intérprete. Daí o fugir-se à estandardização. Manuel Conde como Mestre Baptista são dois cavaleiros de vincada personalidade. Iguais a si próprios. Pode haver uma evolução, um refinamento de processos. Conde toireia hoje como toireava há cinco ou há dez anos. Com autenticidade. Com alegria. Com dinamismo. O ar funérico de muitos cavaleiros está fora das características temperamentais do Conde I. Correcto, desbobinando uma lide certa, quer nas preparações, quer na forma como ia à cara dos toiros, quer ainda nos remates, Manuel silenciou, pelo seu valor, os mocarados impertinentes e reafirmou-se no primeiro plano, sem margens a dúvidas. De Mestre Baptista — para quem a gente do Campo Pequeno pesa muito — há a dizer, primeiramente, que sentiu o peso do conclave, de certo público que não lhe perdoa a subida vertiginosa, nem tão pouco a popularidade! Acusou o toque e procedeu levemente quando acirrou os ânimos contrários. Actuação com altos e baixos, onde o saldo foi francamente positivo e onde se verificou, de novo, que o M.B.-65, no que significa de emoção e de arrogante verdade está em campo, com armas e bagagens na época de 1967.

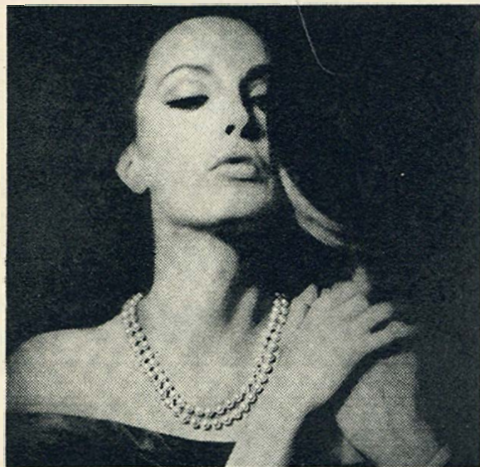
José Júlio foi a vítima. Os toiros menos claros couberam-lhe e o 4.º da tarde, de mau estilo, comprometeu qualquer. Esteve pundonoroso e procurou o êxito que lhe fugiu, como a água por entre os dedos. A tarde não era, positivamente para o vilafraquense.

CRÓNICAS

Ofereça como presente de PÁSCOA

Pérolas MAJORICA®

O presente mais desejado pela Mulher



PRECIOSAS • DISTINTAS • INALTERÁVEIS
COM GARANTIA INTERNACIONAL - 5 ANOS

À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS SELECIONADOS



APRESENTAM A SUA
ACTUAL LINHA
DE PROGRAMAS

AOs DOMINGOS:

Em Rádio Clube Português, Lisboa — Às 12.02 — «GOLC...» (Revista desportiva, com Mário Cília, Horácio Santos, Pereira de Sousa e José Manuel); às 13.30 — «Boa Música e... bom Apetite», com Ana Lúcia e Pereira de Sousa; às 16 — Relato de um jogo de futebol; às 20.15 — «Comentador desportivo», com Vítor Ferreira de Melo.

Em Rádio Clube Português, Porto — Às 15.00 — Relato de um jogo de futebol.

Nos Emissores Associados de Lisboa (Rádio Voz de Lisboa e Clube Radiofónico de Portugal) — Às 16.00 — Relato de um jogo de futebol.

Nos Emissores do Norte Reunidos — Às 10.00 — Relato de um jogo de futebol.

No Clube Radiofónico de Portugal — Às 19.00 — «No Ar... bola a rolar» (Síntese da jornada desportiva, entrevistas, comentários, resumos do dia, informações da última hora, com Mário Cília, Fernando Soromenho, Horácio Santos, Pereira de Sousa, Rui Manuel e José Manuel).

AS 2.ª E 6.ª FEIRAS:

Em Rádio Voz de Lisboa — Às 24.00 — «Motores em Marcha», com Ana Lúcia e Horácio Santos. Coordenação de Ferreira de Melo.

PRODUÇÕES LANÇA MOREIRA

LISBOA

ORTO

ALGUMAS DAS ÚLTIMAS
NOVIDADES

ENGELBERT HUMPERDINCK
RELEASE ME
(N.º 1 NO TOP INGLÊS)



Engelbert Humperdinck gravou para a Decca um 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «Release me», de Miller-Lount-Williams-Harris; «Ten Guitars», de Mills; «Domage, domage», de Vance-Pockriss; «When I say Good-night», de Mills.



Mercês da Cunha Rego gravou para a etiqueta Aquila, acompanhada pelo Conjunto de Guitarras de Raul Nery, um 45 r.p.m. com os seguintes fados: «Cavalo russo», de Frederico Valério-Dr. Paulo Vidal; «Os teus olhos», Popular-Linhares Barbosa; «Fado corrido», Popular-Linhares Barbosa; «Acabar não fica mal», Alfredo Marceneiro-Dr. J. Teles da Silva. Este disco é o primeiro de Mercês da Cunha Rego, embora tenha iniciado cedo a sua carreira artística.



Magdalena Pinto Basto, estudante de 19 anos, gravou para a etiqueta Aquila um 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «J'ai cru à mon rêve», de Neil Diamond-G. Abar; «L'oiseau de Mind», de Rhodes-Hays; «Banks of the night», de Michel Polnareff; «Satisfield Ohio», Tradicional-Pete Seeger. Nas duas canções «Pop» deste disco, Magdalena Pinto Basto é acompanhada pelo conjunto os «Ekos».

FLAMA

DISCOS



A Estúdio editou agora um LP com a reportagem das cerimónias de Fátima dos dias 12 e 13 de Maio e ainda um 45 r.p.m. com cânticos de Fátima. Trata-se duma iniciativa que merece o nosso melhor aplauso, pois vem no momento exacto em que, de todas as partes do Globo, começam a chegar os peregrinos à Cova da Iria. E quantos não desejam levar para as suas terras uma «recordação em reportagem» das grandiosas cerimónias que ali se desenrolam! Pois para todos servem maravilhosamente estes dois discos. O LP tem explicações em português, francês e inglês. Em ambos, ouve-se o Grupo Coral das alunas do Instituto de Odivelas.



Chico Buarque de Hollanda, o famoso autor de «A Banda», gravou para a etiqueta «London» novo 45 r.p.m. com as seguintes interpretações: «Noite dos mascarados», «Ela e sue janela», «Amanhã ninguém sabe», «A Rita».



Ele pensa: "Que estilo! -
É o que importa!"
Ela pensa: "Que cativante! -
E que classe!"
Ambos sabem:
"Com esta camisa permanece-se fresco
mesmo quando aquece..."

Million Look

A camisa que tem todos os trunfos

Poderá uma única camisa ter todos os trunfos?

Todas as qualidades do algodão?

Todas as vantagens da moderna fibra Vestan?

Mais: poderá possuir aquela

elegância natural e sem problemas que
oferece uma sensação de superioridade

a qualquer hora do dia, a qualquer hora da noite?

Use Million Look hoje, amanhã, sempre -
ficará seduzido por esta camisa
(e deslumbrará a mulher a seu lado!)



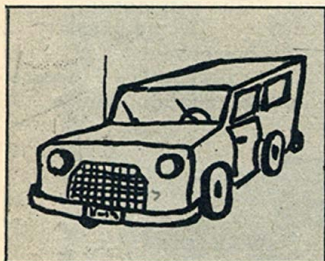
LEGLER vestan[®]

+65% ALGODÃO

DESENHA UM CARRO DIR-TE-EI COMO GUIAS



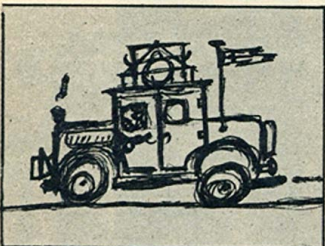
Possuir a carta de condução é hoje tão necessário como adquirir outras habilitações, pois a vida movimentada e apressada dos nossos dias não consentem demoras. E quatro rodas sempre andam mais do que duas pernas... Acontece, porém, que muitas pessoas têm dificuldade em ajuizar das suas aptidões para conduzir. Para esses, pomos à sua disposição este teste: desenhe um carro, de qualquer forma, de frente ou de perfil, de qualquer marca, como o seu jeito ou inspiração ditar, em papel branco, de preferência a tinta preta (embora também possa ser a lápis), escreva por baixo o seu nome ou pseudónimo (e se quiser, para melhor identificar a resposta que lhe será dada, acrescente a localidade) e envie para a Redacção da «Flâmula», rua de Santa Marta, 48 — Lisboa 2. Através dele, o Prof. Elziqui Carbaljo, em exclusivo para a nossa revista, dir-lhe-á como conduzir ou como virá a conduzir. Não necessita informar se tem ou não carta, nem se possui ou não automóvel. Tem apenas, como dissemos, de desenhar um carro.



PEDRO GUILHERME GOULÃO
— Lisboa

Precisa adquirir ligeireza e descontração ao conduzir. Se é certo que é da máxima utilidade conhecer a fundo toda a mecânica do carro para a boa execução das manobras, também é verdade que tudo isso deve ser feito com ampla liberdade de movimentos, se-

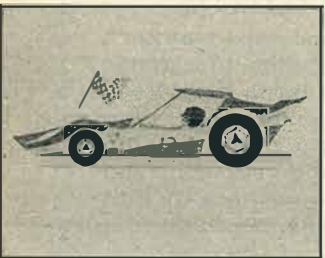
gurança e flexibilidade, o que não quer dizer frouxidão. Pratique regularmente, para alcançar a firmeza e precisão necessárias, e, bem assim, reflexos rápidos nos casos difíceis que, por vezes, se deparam a quem guia. Evite, também, as posições demasiado cómodas dentro do carro, pois a excessiva comodidade pode resultar perigosa para o condutor, na medida em que provoca um afrouxamento da atenção. Outra coisa a rever é a regularidade no modo de conduzir. Não se deixe vencer pelas depressões nem cegar pelo optimismo. Mudanças de humor a que está sujeito. Não se esqueça que, ao conduzir, deve manter-se imperturbável.



CARLOS ALBERTO — Amadora

Apesar de todas as complicações imaginativas a que é tão propenso, ou talvez por isso mesmo, pode chegar a ser um excelente condutor. Isto se praticar com vontade e concentração e tiver a indispensável paciência para repetir as vezes necessárias todas

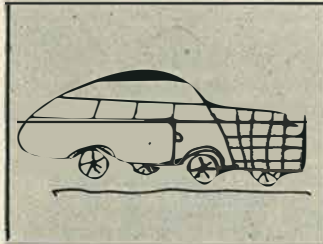
as manobras, até adquirir a precisão e automatismo requeridos a quem conduz um carro. Procure alcançar uma confiança interior profunda que o levará a adquirir o completo domínio da máquina. Para tal, terá que executar tudo conscienciosamente e com a devida precisão, praticando o mais possível e não esquecendo também o conhecimento absoluto das normas do trânsito. Não hesite ao pôr o carro em andamento. Seja decidido e rápido sem esquecer a necessária prudência.



JOÃO FERNANDES PEREIRA LOPES — Pavia (Alto Alentejo)

As ilusões podem tornar-se realidade quando se procura realizar aquilo que corresponde à obtenção do fim ambicionado. O autor deste desenho para chegar a ser campeão automobilista não precisa mais do que estudar mecânica. matéria que pode dominar com facilidade, educar os seus impulsos e adquirir absoluto controle dos seus nervos, libertando-se do infundados receios. Estes existem no seu subconsciente, escondidos e não reconhecidos. Terá que praticar muito, em marchas diversas, de modo a sentir-se sempre seguro em qualquer circunstância.

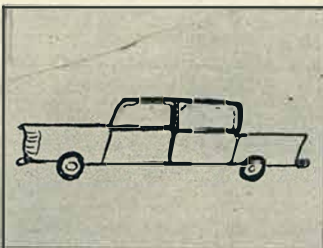
Não considere com desconfiança os que rolam na mesma estrada. mas mantenha-se sempre alerta. Procure, também, não se deixar influenciar por circunstâncias externas. Os exercícios de controle do sistema nervoso contribuirão não só para adquirir a necessária



NEVES — Lisboa

Ter-lhe-á necessária grande e constante atenção para vir a conduzir sem riscos. Se, de facto, deseja ser um bom condutor terá que praticar muito, fazendo-o com o máximo cuidado e num estado de alerta permanente, pois está exposto a surpresas desagradáveis. Por isso se lhe recomenda que seja

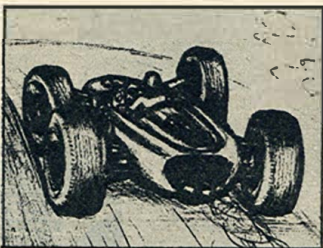
dócil às indicações do instrutor, aceitando de bom grado todas as observações deste. Procure, ainda, ser disciplinado na execução de todas as manobras, observando e respeitando as disposições legais. E saiba que, se assim não fizer, e pretender manobrar arbitrariamente, convencido de que tem sempre razão, o perigo espreita-lo-á. Se é certo que pode manejar o volante com vigor e tomar decisões rápidas nas circunstâncias que o requerem, também é verdade que está sujeito a precipitar-se ao menor descuido. Tenha sempre presente que, se quiser ser um bom volante e guiar com perfeição, terá, antes de mais nada, que aprender a conduzir-se a si próprio dentro das normas da convivência social, dominando conscienciosamente os seus impulsos.



PANTALEÃO — Braga

Se praticar com calma, sem precipitações nem pressas, e se se for firmando em cada um dos progressos obtidos, conseguirá conduzir perfeitamente. Contudo, precisa de se manter sempre em guarda contra a sua tendência para o afrouxamento da atenção, o que poderá levá-lo a perder

o domínio da máquina. Preste sempre a maior atenção ao que se passa à frente e à retaguarda do carro. Ao arrancar, faça-o com prudência, considerando atentamente as regras inerentes a cada circunstância, assim como as possíveis mudanças que se avizinham. Tem que praticar bastante para atingir uma execução exacta sem omissão de nenhum pormenor. Depois disto, e se usar sempre de cautela nas mudanças de velocidade ou de direcção, não terá que lamentar incidentes desagradáveis. Faça por manter sempre o mesmo optimismo sem desânimos e sem perder a confiança em si próprio, se acaso cometer algum erro.



DULCINIO O. SANTO TOCHA
— Lisboa

As suas excelentes aptidões para a mecânica ser-lhe-ão muito úteis ao pegar num carro, no caso de nunca se esquecer de o fazer com regularidade e concentração. Todavia, existem certas contradições no seu temperamento que exigem um controle permanente nas suas tendências e modo de agir. Seguro do domínio da máquina, lança-se umas vezes disposto a devorar quilómetros, e noutras ocasiões desconfia das suas possibilidades, com grave risco de perder a necessária serenidade. Não pode nem

deve descurar o estudo das normas do trânsito e o comportamento a observar na estrada (ou nas ruas) em relação aos demais auto-



V. & A SABENA...

Para si que viaja com assiduidade - em recreio ou em negócios - a SABENA é a "companhia" ideal. A ligação aos grandes centros internacionais é rápida e cômoda, porque a SABENA tornou o mundo mais pequeno e fácil de percorrer. E a bordo, V. pode trabalhar - sem o telefone a perturbá-lo - ou descansar, sentindo o conforto total e o serviço impecável da SABENA. Desde a partida à chegada V. será o passageiro preferido. V. & a SABENA... uma associação perfeita.

SABENA
BELGIAN *World* AIRLINES



TERCEIRO TRIMESTRE!

A criança, ou o jovem, que tem exame este ano, precisa de uma grande atenção da parte dos pais e professores, especialmente durante este último trimestre.

Se não teve ainda uma grande e calma conversa com o seu filho sobre as notas e rendimento escolar, louvando os bons resultados, mas não o desanimando com os piores, tem agora uma última oportunidade de o ajudar neste período. Se o deixa entregue a si próprio e o seu comportamento escolar é fraco, ele desinteressar-se-á dos estudos, do exame e acabará por ser excluído.

Logo que o estudante fraqueja, é indispensável descobrir as razões do insucesso. É possível que sejam de origem estranha à escola ou ao liceu. A criança pode viver num mau ambiente familiar, sentindo-se desamparada e só. Pode ter na família um bom aluno, dado como exemplo, sendo isso um factor que contribua para a sua inferioridade, ainda, tantos outros motivos, aparentemente, sem importância.

Se qualquer coisa se passa com o seu filho, a leitora deverá dirigir-se à escola ou ao liceu, falar com os professores e, depois, levá-lo



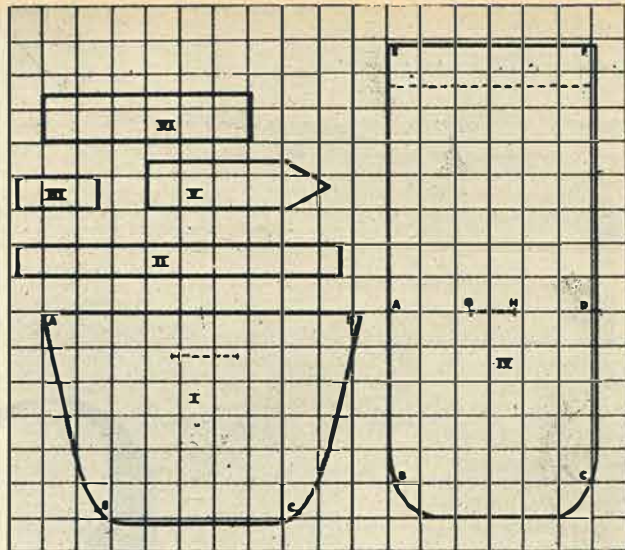
a um psicólogo. Assim, professores e pais, em conjunto, estarão aptos a ajudar a criança, e a resolver-lhe os problemas mais graves. No nosso país, não há, infelizmente, um ou mais psicólogos para cada estabelecimento de ensino, que orientem métodos, estudantes, professores e pais resolvendo, na medida do possível, problemas mais graves, muitas vezes desconhecidos.

O encontro pais-professores é, agora mais do que nunca, indispensável, pois os pontos fracos dos alunos são, nesta altura, suficientemente conhecidos.

Sobre este aspecto, convém, ainda, levá-los ao médico habitual. É a época das fadigas, do res de cabeça, das doenças imaginárias e das cólicas de segunda-feira.

Uma alimentação bem orientada será, também, vantajosa a partir desta época.

● Durante os fins-de-semana, não sobrecarregue o jovem ou a criança, com estudos excessivos. ● Aproveite um pouco as suas horas de trabalho. ● Deixe-o aprofundar as suas leituras extra-escolares. ● Não esqueça que um livro bem escolhido (sem imposição) é muito importante, para desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário e dar-lhe uma relativa cultura. ● Se ele gosta de ouvir discos enquanto estuda, não o proíba nesta altura; podem ser importantes para a sua maneira de estudar. ● Não direi que todos estes conselhos, todas as conversas sensatas e amigas que tiver agora lhe resolvam totalmente os problemas, mas, por certo, ele compreenderá que a leitora procura ajudá-la para um melhor resultado e da melhor maneira possível.—M. J.



CADA QUADRADO DEVERA TER 5 CENTIMETROS

SACO PARA O "TRICOT"

Os cestos para o «tricot» nem sempre são tão práticos como parecem, pois a leitora, nas suas horas vagas, poderá também ler um livro ou uma revista. Este saco que publicamos é adaptável ao braço do «maple» do seu cantinho preferido e estará sempre pronto e equipado com todos os trabalhos e leituras de momento, sem haver sequer o perigo de «não saber onde está o cesto do «tricot».

TECIDOS UTILIZADOS, dois: um de fantasia, que forma o exterior do saco, propriamente dito e um outro, liso, que o segura (com chumbos ou areia) ao braço do «maple». O saco é equilibrado, no «maple», pelo «tricot», o livro ou a revista que a leitora lê na altura. Necessita, ainda, de «mousse» de plástico para acolchoar o interior do saco que será, depois, forrado por um tecido liso.

As cores escolhidas foram o vermelho vivo e amarelo com motivos verdes, melhores para a bolsa. Estão, no entanto, dependentes do gosto e da cor do «maple».

No esquema que publicamos a leitora encontrará um auxiliar para calcular as medidas e talhar os tecidos.

I — Tecido de FANTASIA. O traçado é uma abertura. Cortar conforme o desenho.

II e III — Tecido LISO, cortá-lo uma vez.

IV e V — Tecido LISO, cortar duas vezes.

VI — Tecido LISO. Cortar uma vez.

I — Talhar em «MOUSSE» DE PLÁSTICO uma peça igual à de fantasia, assim como a peça V. A parte traçada onde estão as letras EF servirá para introduzir a areia, e no traçado GH é cosida a tira V.



MODA IÊ-IÊ



À ESQUERDA, UMA SAIA DE ESTILO MUITO JOVEM, EM LÃ VERDE EXECUTADA EM «CROCHET», (PONTO BAIXO). A CAMISOLA É BRANCA E EM PONTO CANELADO. PARA A PRIMEIRA, SÃO NECESSÁRIOS 450 GRs. DE LÃ E PARA A CAMISOLA 200 E SEIS BOTÕES BRANCOS. À DIREITA, OUTRA SAIA, EXECUTADA EM «CROCHET», TAMBÉM EM PONTO BAIXO. É AZUL E TEM QUATRO BOTÕES BRANCOS. SÃO NECESSÁRIOS 500 GRs. DE LÃ AZUL E 200 GRs. PARA A CAMISOLA BRANCA DE PONTO CANELADO.

CULINARIA

PUDIM DE LARANJA

6 ovos; 400 grs. de açúcar; 6 laranjas e 6 folhas de gelatina branca.

Corta-se a gelatina aos bocadinhos; junta-se o sumo das laranjas, com os caroços, em «banho maria», ou no vapor duma panela a ferver. Batem-se as gemas com o açúcar, junta-se-lhe, depois, a gelatina derretida com o sumo da laranja passada pelo passador. Batem-se as claras em castelo e mistura-se tudo. Deita-se numa forma, previamente cheia de água, que se despeja na ocasião. Vai a gelar no frigorífico, ou em sítio fresco. — MARIA DE LURDES BAPTISTA — FUNCHAL

PUDIM DE PEIXE

Cozem-se quatro postas de peixe. A parte,

cozem-se dois quilos de batatas com a pele, em água temperada com sal. Passam-se as batatas e o peixe pela máquina; juntam-se-lhe dois dentes de alho (picadinhos), um ramo de salsa (picada), um decilitro de azeite, quatro colheres das de sopa de margarina, e quatro gemas de ovos. Amassa-se bem, com a mão, e, no fim, misturam-se na massa as quatro claras batidas em castelo. Deita-se numa forma, untada com margarina, que também possa ir à massa, e leva-se ao forno quente. Serve-se assim que estiver alourado. — MARIA TERESA BAGULHO DE MATOS — ALENTEJO

As leitoras que nos enviarem receitas inéditas (não extraídas de livros de culinária) receberão em suas casas, GRATUITAMENTE, UMA CAIXA DE PÓ-DE-ARROZ COMPACTO DA MARCA DE CATEGORIA INTERNACIONAL ROSEMARY,

AS LEITORAS DIZEM QUE ...

OS MARIDOS NÃO COLABORAM

«As mulheres estão a passar por uma difícil época de transição em todo o país, com a falta de criadas, perdão, com a falta de «empregadas». Fomos educadas com um método que hoje não se pode seguir à risca. Só quem for muito rico, mas não é para essa categoria que se encontram as dificuldades, é para a classe média. Nossas mães ensinaram-nos a cuidar da limpeza da casa, das roupas, etc., mas, dirigindo pessoal, o que hoje é difícil para a classe que vive submetida a uma certa quantia mensal. Hoje, temos nós de fazer as coisas e abandonar a perfeição com que fomos educadas.

Não temos tempo. Não temos maridos que nos ajudem. Estes são comodistas. Sentam-se à mesa e pedem. A meu ver é preciso, sobretudo, que os homens sintam também essa falta de empregadas e que vão eles buscar as coisas que precisam.

Julgam-se inferiorizados por fazer certos trabalhos; descer a escada com o caixote do lixo; bater um tapete, ir à porta receber o pão! Mas isso não os rebaixa.

É imperioso fazer-lhes ver a necessidade que a mulher tem de ajuda, até para limpar a louça ou para manejar a máquina de lavar a roupa.

É isto que é preciso que os homens de hoje compreendam, sem responderem dosadamente: isso é trabalho de mulheres. — MARIA DA LUZ.

ALGUNS PAIS NÃO DEIXAM AS FILHAS ESTUDAR

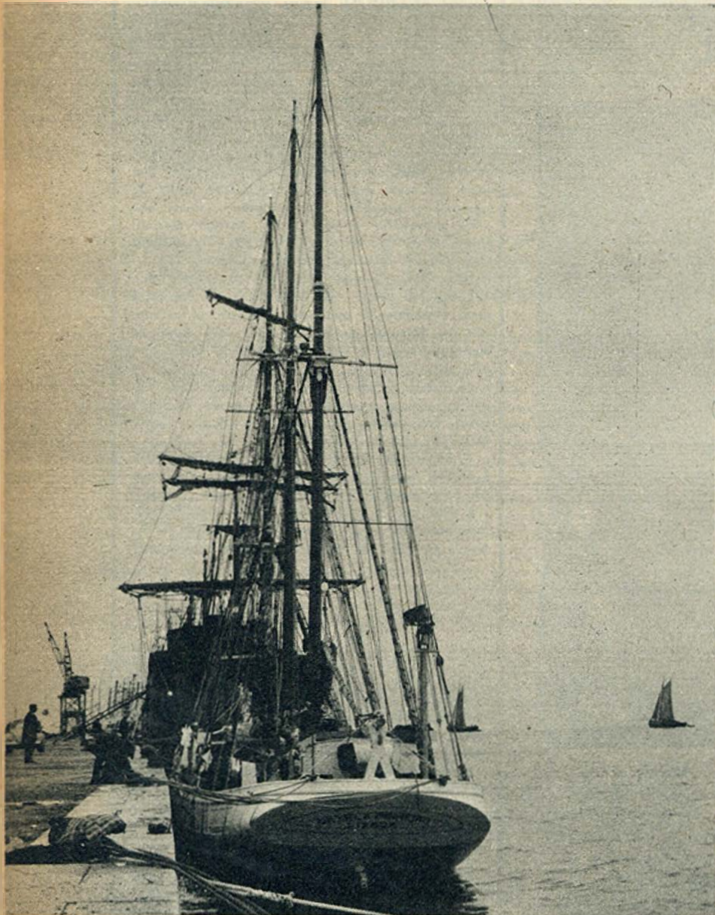
Sou bastante jovem e vivo na província. Alguns pais têm o péssimo costume de não deixarem as raparigas estudar, porque — dizem — as mulheres foram apenas concebidas para os trabalhos caseiros. Até há pouco tempo concordei plenamente, mas agora acontece o contrário, pois vejo a minha adolescência a extinguir-se e lembro-me da cultura de que já podia usufruir. Desde pequena leio muito e é na litura que procuro alguma coisa do que podia ter aprendido na escola. Agora, ponho a mim própria esta pergunta: não serão estes pais os culpados dos erros que os seus filhos praticarem, por ignorância, na educação dos filhos, que mais tarde, virão a ter?

Quantas raparigas se mantêm na ignorância e no futuro ao serem mães dão uma educação lastimável aos filhos, e isto tudo porque anos antes não houve quem quisesse abrir a carteira, não houve quem incitasse as crianças fazendo-lhes crer que no futuro elas serão mães e educadoras e, por isso, responsáveis por uma parte da humanidade. Graças a Deus, existem ao nosso alcance alguns meios que nos permitem preencher os momentos livres com alguma instrução. Lamento, contudo, os jovens que, porque não estudaram, se alheiam absolutamente dos assuntos culturais, porque são menos cómodos e existem distrações mais fáceis, que não obrigam a «puxar» pela cabeça. — UMA LEITORA ASSIDUA.

Todas as leitoras que nos escreverem e cujas cartas sejam publicadas receberão em suas casas, GRATUITAMENTE, UM FRASCO DE ÁGUA DE COLÓNIA «TALON ROUGE», DE LEGRAIN-PARIS.

Todo o correio deve ser enviado para «Página Feminina» — Revista «Flama», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa-2

LÁ VAI O BACALHOEIRO QUE TEM MUITO QUE CONTAR...



«Gazela I», herança viva de um passado marinheiro. Os mesmos perigos, a mesma determinação. Barco e homem são uma vontade que se entrelaça

Um barco, um nome. Uma história, quase uma história de gente. Lar para quarenta e dois homens, durante alguns meses, em longa viagem entre a barra do Tejo e os bancos da Terra Nova.

Nome: «Gazela I». Construído em 1884. «Profissão»: bacalhoeiro. O lugre bacalhoeiro é um barco diferente. Basta olhá-lo para o verificarmos. E estas velhas escunas que relembram aventuras. Mantém o fascínio dos tesouros e das abordagens. Pertence mais aos livros e às estampas coloridas do que à fauna actual da pesca do bacalhau. O lugre bacalhoeiro tem os dias contados.

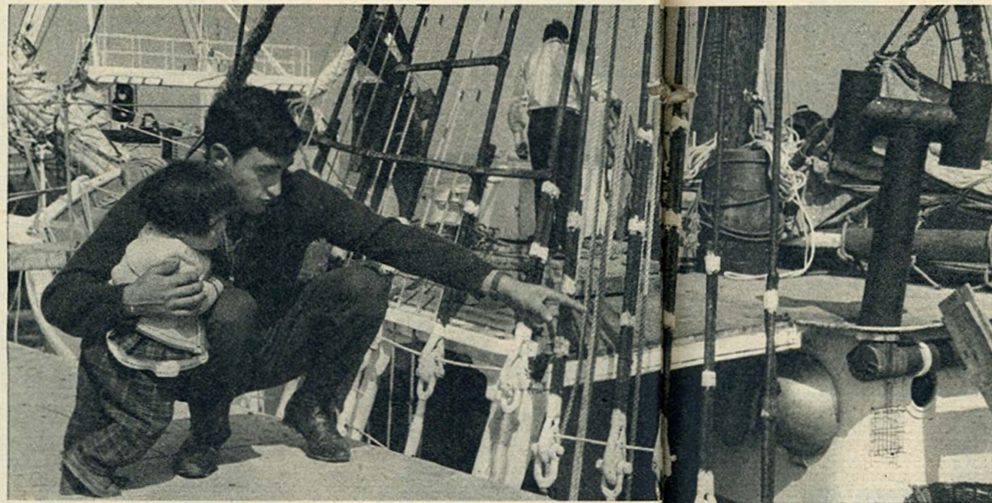
O «Gazela I» ganhou fama de veloz, aqui há um bom par de anos. Chamavam-lhe o «Gazela». Pano solto, ninguém o batia. Rendeu-se ao peso dos invernos

que trouxeram o progresso, mas continua rijo como na primeira hora. As suas madeiras conhecem o travo da tempestade, sabem o que é cortar a vaga em dia de procela. Mas o bacalhoeiro tem a fibra dos homens do Norte, de Aveiro, de Ilhavo, da Gafanha. Gente curtida na ria, habituada nas asperezas da pesca.

A história de um barco escreve-se no mar. Conta-se pelos dias de céu e oceano. Revive-se na memória dos tripulantes.

Mais uma viagem. Talvez das últimas. As velas, batidas pela brisa marinheira, são já um adeus aos mares gelados. Lá vai o bacalhoeiro que tem muito que contar...

(O «Gazela I» é o décimo dos nossos lugres e o único «patacho» — com velas redondas. Mede 47,74



«Dóris» alinhados, que serão os companheiros de todos os dias na faina próxima da Terra Nova. Um casal que vive os últimos minutos que antecedem a despedida.



metros de comprimento, fora a fora, e transporta 42 homens, dos quais 32 são pescadores.)

No convés, os «dóris», alinhados, parecem milícia pronta a combater. Castos e barricas confundem-se com molhos de corda. Prepara-se o último jantar sob o céu de Lisboa. O «Boby», mascote de bordo: um rafeiro preto, branco e sujo, pressente a partida breve. Para ele, como para toda a tripulação, dentro de dias o bacalhau será o alimento da «ordem». Bacalhau e batatas. Bacalhau fresco, cozinhado das mais diversas maneiras.

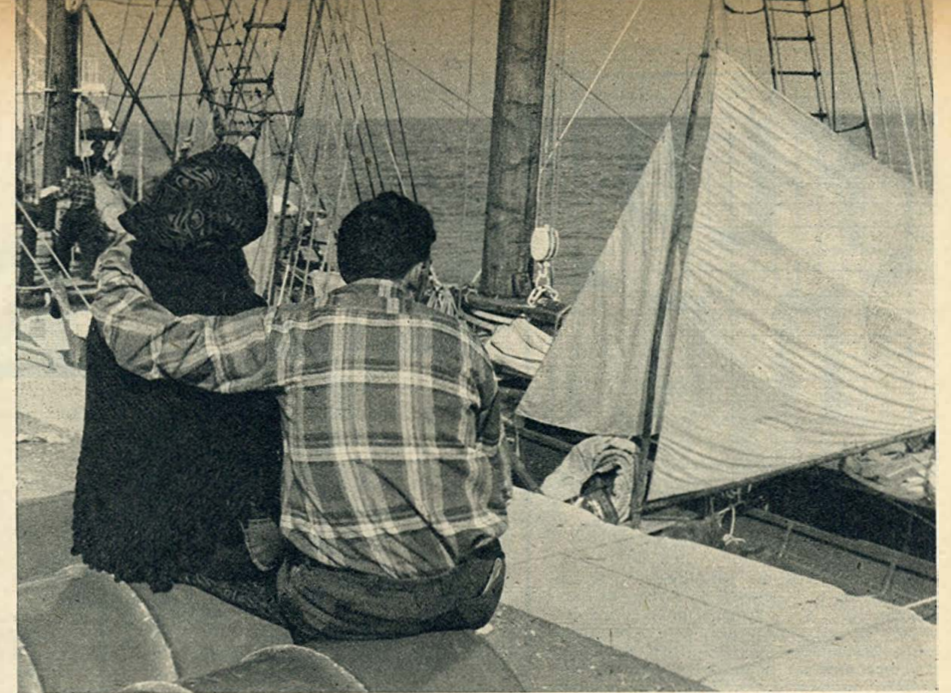
Quanto mais depressa o lugre estiver carregado, mais cedo volta. A viagem pode demorar entre os quatro e os cinco meses. Longos dias de intensa faina,

quase sem descanso. A saúde é incentivo aguçado pelas cartas remetidas da terra. E os homens trabalham, esgotando as horas do dia e da noite. Se tudo correr bem...

Um dia, no ano passado, as coisas escureceram, mas lá estava o «Gil Eanes» e a sua ajuda amiga para dar reboque ao «Gazela».

(Os pescadores têm diversas categorias, de acordo com a sua experiência e aptidão — «verde» ou «maduro» e «primeira-linha» e «terceira-linha». Para alguns os ganhos não são maus. Vinte e cinco ou trinta contos no final da campanha, depende dos quintais de bacalhau que pescarem.)

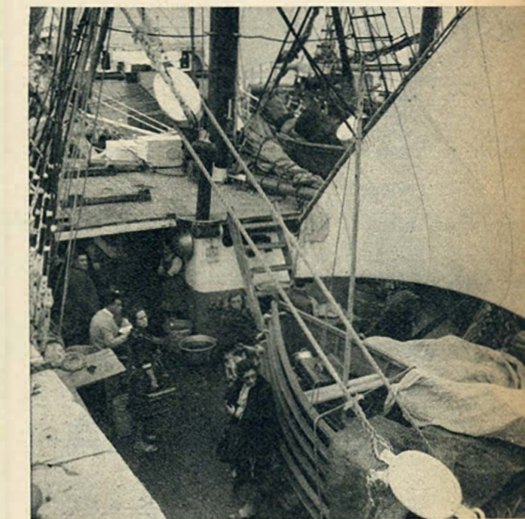
«Vou ter saudades tuas, bem sabes. Mas verás que estes meses passam num instante...» EM BAIXO — «Vês? É naquele bote que o pai vai à pesca...» Os olhitos alongam-se e a cabeça acena sem perceber muito bem. Mas a partida do pai, a viagem desde a terra, mais aquele val-e-vom do cais, são um acontecimento nos dias repetidos da garota.



Camarinha dos oficiais (à esquerda) — a sala de jantar, a sala de estar e a sala de música. A bordo o espaço não sobra. O imediato, Luís Celestino da Silva, e os livros de bordo. Uma velha telefonia e um gira-discos. Nos dias de boa pescaria toca-se música regional portuguesa. Uma imagem do Padre Cruz, uma foto desbotada do «Gazela» e flores de plástico decoram o ambiente.

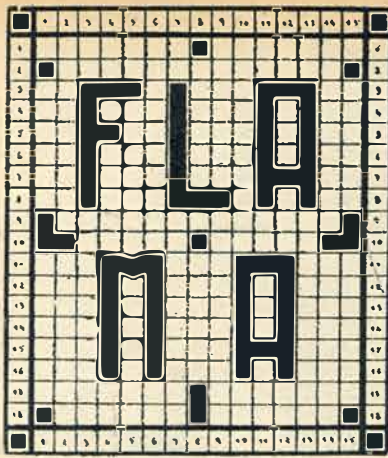


Na roda do leme, um homem do mar — António Rodrigues da Silva.



As mulheres permanecem a bordo numa arrastada despedida. Elas, também, pertencem ao mar que lhes leva os companheiros. À ESQUERDA — Um homem recorta-se no horizonte, entre mastro e cordame. Uma imagem que lutou no tempo para continuar actual, viva, neste século que se esgota.

• REPORTAGEM MANUEL VIEIRA
• FOTOS RAUL NASCIMENTO



PROBLEMA N.º 681

HORIZONTAIS: 1 — Infamar; rcubar ardicamente. 2 — Estado ou tempc de cate-cúmeno (pl.). 3 — Símbolo químico do «co-balto»; fileira; letra grega. 4 — Avé Maria; tanto, Matemática (abrev.); transitar. 5 — Proncme pessoal; nome de uma letra; ligo; símboço químico do «rádio». 6 — Italiano (abrev.); latitude (abrev.); privilégio; se-guir. 7 — Nota musical; decâmetro quadra-do; nome de homem (bras.); nasc. 8 — Pre-fixo; nome de uma letra (pl.); aquelas. 9 — Automóvel pequeno e de leito baixo (pl.). 10 — Aéreo; restos mortais. 11 — Po-pular (abrev.); o mesmo que Baal; seme-liante. 12 — Época; patrão; nome de uma letra. 13 — Caixa; carro (Inglês); racional (abrev.). 14 — Acrescentel; além, pau-ferro. 15 — Gigante bíblico inimigo de Israel; céle-bre esquadrilha aérea inglesa; manifestas. 16 — Rezo; terceiro; renque. 17 — Numeral; enrubescidae, 18 — Curais; fios metálicos.

VERTICAIS: 1 — Peça de vestuário; imen-sidade (pl.). 2 — Investida; prégadores. 3 — Aquil; moçila. 4 — Nota musical (ant.); substância resinosã misturada com crante, usada para garantir a invicibilidade do fecho em correspondência; etc.; Emiesca Nacional. 5 — Compreende o que está escrito; atrair com afages; designação dada às rapa-rigas de Aveiro e Coimbra. 6 — Combatezes; pronome pessoal. 7 — Estrépito de desmoro-namento; locais onde se vendem tabacos. 8 — Gasta; metel em malas. 9 — Narrador; dolciosa. 10 — Observe com minúcia; sufixo designativo de profissão. 11 — Utensílio; le-trá (pl.); bilis; cólera. 12 — Italo (abrev.); termo; vantagem; Avé Maria. 13 — Laço; aspezeza. 14 — Comprímidos contra as dor-es; enches de matas ou mataduras (os ani-mais). 15 — Animais carnívoros da América; negativa.

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 34
14 de Maio de 1967

1. MARITIMO-LEIXOES	x
2. SANJOANENSE-VARZIM	1
3. BELENENSES-PORTO	2
4. GUIMARÃES-BRAGA	1
5. BARREIRENSE-TIRSENSE	x
6. VILANOVENSE-BOAVISTA	2
7. GIL VICENTE-VIANENSE	1
8. FEIRENSE-ÁGUEDA	1
9. GUARDA-MORTAGUA	1
10. TRAMAGAL-SACAVENENSE	2
11. GRANDOLENSE-SESIMBRA	x
12. LUSITANO VILA REAL-JUVENTUDE	1
13. UNIÃO MONTEMOR-BEJA	1



MANUEL MONTERROSO



NA VIDA CORRENTE...
— E qual a sua nova posição?
— Casado!...



LEONEL CARDOSO



— Você é, em qualquer parte, um «bom calção»!...
— E você é, em qualquer parte, uma «boa saia»!...



NATALINO



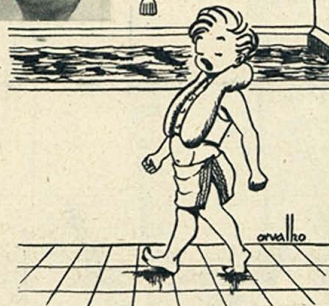
P. HOMERO



O CENTRO DE «CONTROLE» ESPACIAL:
— NEGATIVO! Abandonem a solução pro-posta. Procurem outra mais amigável!



ORVALHO



— Já sei que tenho de tomar hanho hoje, mamã!



ZÉ OLIVEIRA



— São inverosímis, estes filmes de ante-
cipação!

Que há de diferente
nos novos lençóis
de **'TERYLENE'** algodão?

Muito mais finos, muito mais confortáveis!

'Eles' têm um toque natural,
são facilísimos de cuidar,
dispensam o ferro. Duram anos e anos.

... E são escolhidos
pela mulher que sabe.

'Terylene' marca o rumo



'TERYLENE' É UMA MARCA REGISTRADA DA IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES LTD.

DIGA-ME
DO QUE GOSTA
DIR-LHE-EI
QUEM É ?
....



GOSTA DE JOGAR TÊNIS

GOSTA DE CINEMA



GOSTA DE MARISCOS



e adora a frescura deliciosa de Planta!

Um paladar requintado exige sempre Planta. Planta é pura, fresca, deliciosa! Fatias de pão bem barradas com Planta são uma delícia. Só Planta satisfaz um paladar exigente. Na sua embalagem 100% estanque são guardados intactos para si, toda a pureza, frescura e delicioso paladar de Planta. Para satisfação do seu bom gosto prefira sempre Planta!



Planta, para as pessoas de bom gosto